

A FEITICEIRA REDESCOBERTA

Autora: Vera Carvalho Assumpção
e-mail: veralu@amcham.com.br

“eu semeei meus sonhos onde você está pisando agora;
pise suavemente, porque você está pisando nos meus sonhos.”
W. B. Yets

Eram três da tarde quando Diego saiu da estação Ana Rosa e tomou um taxi. Deu o endereço ao motorista e, em pouco tempo, estavam circulando pelos jardins. Embora nos últimos tempos o tráfego tivesse aumentado consideravelmente, aquelas alamedas arborizadas ainda o encantavam. Não era a primeira vez que conseguia clientes de bairros requintados. Aliás, estava atendendo aquela cliente por ser da área e, por isso mesmo, ter o suficiente para pagar seus honorários. Acostumara-se a clientes difíceis. Mas a que ia visitar quase o fez perder as estribeiras e mandar que procurasse um "colega". Começou por impor-lhe que fosse à sua casa, além de apetece-lhe carregar de mistério e insegurança o objeto de seu telefonema.

Logo depois dela ter dito que precisava de seus serviços, ele foi direto e perguntou-lhe se queria que flagrasse o marido em adultério. Afinal as mulheres que ligavam buscavam por isso! Como se ele tivesse obrigação de saber de sua vida, ela zangara-se:

- Sou viúva! - esbravejou.

- Então qual é o problema? - Diego usou a voz mais calma que conseguiu.

- Tenho um filho. Meu filho é quem está com problemas! - Ela informou. - Você tem de vir à minha casa!

- Uma visita profissional, naturalmente! - Diego pôs ironia na voz.

- Naturalmente!, - ela repetiu seca.

Também o endereço ela forneceu a custo, como se não o recordasse direito ou sentisse vergonha de morar num bairro residencial de classe média alta. Diego desligou o telefone e ligou a secretária eletrônica. Saiu, fechando o escritório. Caminhou até a Praça da República no formigueiro de gente que era o centro e desceu a escada rolante até a estação. Gostava de utilizar o metrô desde o seu escritório até o ponto mais próximo do endereço a que se dirigia.

O taxi em que estava parou e ele interrompeu as divagações. Fixou-se na residência, conferiu o número e avaliou-a com um olhar abrangente. Jardim bem cuidado, grades e portões de ferro inexpugnáveis, dignos de proteger uma boa grana.

Desceu do taxi e pagou enquanto tentava imaginar como seria dona Cacilda, a mulher que o aguardava. Qual seria o problema do seu filho? Sorriu ao imaginar uma daquelas mães obcecadas que queria ser ela a fotografar a nora na cama do amante e esfregar na cara do filho que duvidava de suas intuições! Ou quem sabe preocupada com a possibilidade do filho andar com algum "colega" portador de HIV. Há pouco atendera uma mãe obcecada pela idéia de que a filha casada pudesse ter um amante. Este caso lhe deixara um fluxo semi enlouquecido de imagens acompanhadas de diálogos inteiramente fantásticos que ele não queria recordar.

Abarcou a casa com o olhar e tocou a campainha. Ainda bem que não apareceram cães latindo. A mulher que chegou com um molho de chaves e destrancou o portão não estava vestida num uniforme engomado como as empregadas da área. Em compensação, pelos seus modos ao fazer com que ele atravessasse o jardim e limpasse as solas dos sapatos no capacho, parecia ser a dona absoluta de tudo. Cabisbaixa, concentrada, olhando à direita e à esquerda para ver se alguma coisa alterara o equilíbrio universal na pequena porção do cosmo que lhe correspondia, fez com que entrasse. Dentro da casa, deu dois passos na ponta dos pés sobre o chão que tanto lhe custara limpar.

- Como é mesmo o seu nome?, - ela dirigiu-lhe a palavra com olhos enérgicos.

- Diego. Diego Cobra. - Ele respondeu com receio que sua voz pudesse causar qualquer distúrbio.

- Vou avisar dona Cacilda.

Antes que ele tivesse tempo de fazer cálculos sobre os sinais exteriores da senhora, a assistente havia desaparecido por uma porta, reaparecendo em seguida.

- Faça o favor de entrar.

Cedeu passagem e fechou a porta às suas costas com tanto cuidado que ele atentou mais para a delicadeza de gestos numa mulher tão áspera, do que para a senhora a esperá-lo.

Num sofá rebuscado demais, numa sala cheia de móveis e bibelôs, como que copiada das salas que saem em revistas de decoração, e usadas pelas donas de casa preocupadas em fazer delas a

medida de seu talento não reconhecido, sentava-se dona Cacilda.

Com não menos de 70 anos, os cabelos pintados de louro e os olhos furiosos, ela estendeu-lhe a mão.

Ele respondeu ao cumprimento, e ela indicou-lhe a cadeira para que se sentasse. Em seguida despachou a assistente, pedindo-lhe que lhes trouxesse café.

Após uns instantes de silêncio constrangedor, Diego perguntou:

- E seu filho?

- Morreu há uma semana. A missa de sétimo dia foi ontem.

- E o que ainda posso fazer por ele?

Por uns momentos, Cacilda fixou os olhos nas mãos, parecia preocupada em posicionar a pérola de um dos anéis. A pele em torno dos seus olhos enrugou-se, como se o golpe da morte estivesse para abatê-la novamente. Em seguida, cheios de um brilho feroz, seus olhos se levantaram e percorreram todo o aposento.

- Tudo indica que foi suicídio. Claro, até o médico da família, meu cunhado, acreditou no mais fácil. Mas eu sei que meu filho foi assassinado! - Sua voz era estridente enquanto levantava o punho direito, num gesto de declarar guerra.

A empregada entrara com a bandeja e serviu uma xícara de café para cada um. Depositou a bandeja com o bule sobre a mesa de centro. Com os braços cruzados, esperou que bebessem. Tinha olhos negros, violentos e parecia capaz de odiar.

Diego observou-a enquanto engolia o café quente. Com muito cuidado depositou a xícara vazia na bandeja e repuxou os músculos num sorriso de agradecimento. Enquanto ela recolhia a xícara de Cacilda e se retirava, os olhos de Diego percorreram a sala. Tudo ali indicava que já havia tido seus dias de glória. Avaliou o tempo que gastara para chegar até ali e achou que a velha teria grana suficiente para mantê-lo por uma semana até que confirmasse o suicídio. Com as constantes crises econômicas, uma semana por conta dela viria a calhar.

- De onde vem a sua certeza?, - perguntou.

- Por mais que os filhos não acreditem, as mães os conhecem melhor do que eles próprios!

O rosto de Cacilda tomou ares de extrema agonia, e ela contou como acontecera.

O filho iria completar 50 anos. Aos 30 havia se casado, e se divorciado aos 40. Um traço de ódio passou pelo seu olhar para dizer que a desgraçada da nora o havia abandonado. Uma sem-vergonha que o havia trocado por um aventureiro! Não tiveram filhos e, abandonado pela mulher, Roberto ficou desarvorado. Largou emprego e partiu sem rumo definido. Por alguns anos, viveu em diversas cidades do país. Trabalhando em empregos que não estavam à altura. Passando as noites em bares duvidosos, com mulheres ainda mais duvidosas. Foi preciso que ela viajasse incontáveis vezes para finalmente convencê-lo a voltar a São Paulo e arranjar um emprego à altura de sua capacidade. Há cinco anos vivia com ela. Por isso podia afirmar que o conhecia melhor do que ninguém.

- E como foi o suicídio? - Diego quis ir logo para o assunto.

- No sábado em que foi **as-sas-si-na-do**, - ela cuspiu cada sílaba da palavra - ele havia ido almoçar com uma das suas amigas. Uma menina decente. O carro dele estava na oficina e ela veio buscá-lo. Eu não estava em casa quando ela o trouxe de volta. Não vi quando entrou. Aliás, ela me contou que haviam bebido além da conta e entrou com ele a fim de preparar-lhe um efervescente para a digestão. Joana, a empregada, testemunhou cada coisa. Viu quando ela saiu e seguiu-a trancando o portão. Pouco depois, viu-o colocando um bilhete na porta para que eu o acordasse às sete horas, pois tinha um compromisso para o jantar.

- A senhora não chamou a polícia?

- Não quis envolver-me com a polícia e muito menos ver o corpo de meu filho sendo retalhado numa autópsia. Meu cunhado é médico e deu o atestado de óbito.

Diego olhou-a e ela continuou:

- Naquela noite ele iria jantar com uma amiga que eu considero como sobrinha. Desde que os dois eram crianças moramos no mesmo bairro e, apesar de terem se casado com pessoas diferentes, ela continuou muito chegada a ele. Aliás, - ela fez uma pausa. - Pedi que ela o recebesse hoje à noite, às oito. Creio que é quem melhor poderá ajudá-lo na investigação. Conhecia todas as amigas do meu filho, inclusive a que havia almoçado com ele, a última a vê-lo.

Diego observou-a impressionado com tanta iniciativa. Como poderia ter certeza de que ele estaria com a noite livre? Mas voltou ao assunto.

- E como foi que seu filho se suicidou?

- Ele não. . .

- Desculpe, como foi que ele morreu?

- Como lhe falei, naquela tarde, ao chegar em casa encontrei um bilhete com o pedido que o acordasse. Na hora marcada bati na porta, como ele não abrisse, eu entrei. Chamei-o. Estava o mais completo silêncio e acendi a luz. Foi a coisa mais horrível que já me aconteceu.

O ódio da mulher parecia se desmontar. Seu olhar tornou-se angustiado, a boca se retorceu.

- O quarto clareou. Ele me encarava do outro lado da escrivaninha, os olhos arregalados, o rosto petrificado num espasmo, a pele azulada. Sua cabeça estava torta e o corpo bem ereto contra o encosto da cadeira. Havia uma garrafa de Mozart, licor de chocolate, sobre a escrivaninha. Havia um copo embaçado pelo licor. Claro que tive um momento de desfalecimento e me agarrei na maçaneta da porta. Mas depois enfrentei a situação. Cheguei perto e me debrucei sobre o corpo. Por trás do cheiro de chocolate havia outro cheiro, fraco, um odor de amêndoas amargas misturado ao cheiro azedo de vômito. Antes de morrer ele havia vomitado na camisa.

Cacilda tomou fôlego e continuou:

- A primeira coisa que fiz foi chamar esta moça que você vai visitar às oito horas, Paloma. Ela é uma pessoa bastante expedita, e sempre me auxiliou nos momentos de aperto. Assim que ela chegou, chamamos meu cunhado que é médico. Enquanto esperávamos, o odor de amêndoas foi se sobrepondo ao cheiro azedo do vômito. Meu cunhado chegou e antes mesmo de qualquer exame, diagnosticou: cianureto. Ele ingeriu uma dose que mataria um cavalo.

- E o que a faz pensar que não tenha sido suicídio?

- Exatamente o que faz todos pensarem que foi suicídio. Foi Paloma a encontrar no bolso do seu paletó um bilhete de despedida. A letra era dele. Eu reconheci e fizeram todas as análises que não deixaram dúvidas. Só que ele jamais escreveu uma carta ou um bilhete!

- Mas não acaba de me dizer que encontrou um bilhete pedindo que o acordasse!

- Bem, nesse caso era uma linha: Mãe, me acorde às sete horas. O bilhete de despedida era uma mensagem. Coisa que ele jamais escreveria! E além do mais, ele detestava bebidas doces. Não

suportava licores! - O tom de voz de Cacilda foi decrescendo até se transformar num suspiro. - Foi meu cunhado, Dr. Carlos a encontrar numa gaveta da escrivaninha o vidro de veneno vazio.

- Seu filho, por acaso, não estava arruinado financeiramente? - Diego ia acrescentar que esse era o principal motivo dos homens se suicidarem, mas se limitou à pergunta.

- Roberto é meu único filho! Tudo o que tenho é dele. Só de alugueis dos imóveis que possuímos, daria para viver o resto da vida sem fazer coisa alguma!

Diego descartou um forte motivo para o suicídio.

- Então vou começar a investigação por Paloma. - Ele constatou.

- Ela vai esperá-lo hoje a noite, às oito. Mas, antes disso, o senhor pode passar pela casa da amiga que almoçou com ele e que foi a última a vê-lo com vida.

Cacilda anotara num papel os dois endereços e uma pequena lista de nomes das amigas do filho. Diego levantou-se e, ao se voltar para a porta, deparou-se com um quadro que o paralisou. Retratava a mulher muito alva e nua, deitada num gramado e rodeada por uma série complexa de símbolos perturbadores e objetos estranhos, sob um céu azul com outras tantas coisas estranhas e tendo como fundo uma paisagem sem fim. Diego ficou retido por longos minutos.

Observando-o, Cacilda explicou que o quadro era uma cópia da "Saudade de Santa Teresa" de Otávio Araújo. Fora um presente de Paloma para Roberto, e ele fizera questão de pendurá-lo ali na sala.

- Não fosse a devoção à arte, diria que é uma pouca vergonha uma mulher casada dar uma figura destas a um homem! - Cacilda deixou escapar entredentes.

A mulher pintada lembrava-o uma mulher viva. Diego buscou na memória, mas não foi capaz de identificar. Sentiu o estranho desejo de se deitar ao lado da mulher do quadro e desvendar um pouco dos tantos símbolos misteriosos ao seu redor.

Ao voltar os olhos para Cacilda, ela o olhava fixamente

- Sabe que você se parece com meu filho? Ele tinha o mesmo tipo físico, o formato do rosto. . . o mesmo olhar. . .

Pela primeira vez, Diego viu umas chispas de carinho nos olhos daquela mulher. Sorriu-lhe. Ela pegou a bolsa e fez o cheque no valor combinado.

Com o cheque no bolso, Diego despediu-se de Cacilda e prometeu dar notícias tão logo as tivesse.

2

Diego não voltou ao escritório. Desceu do metrô na avenida Paulista, caminhou alguns quarteirões até o sobrado em que vivia na rua Frei Caneca, abriu o cadeado do portão e saiu com seu carro.

Gisela vivia na Lapa. Depois de quase uma hora no trânsito, ele chegou ao endereço que Cacilda lhe dera. O prédio não tinha portaria. Num painel ao lado da porta, ele apertou a campainha do número 52.

- Pois não! - Uma voz indiferente sobressaiu-se a um chiado.

- É Diego, da parte de Cacilda Costa Medeiros.

- Ah!, vou abrir. - A mesma voz falou enquanto um som metálico destrancava a porta.

Ele entrou, tomou o elevador. Apesar de simples, havia uma parede de espelho onde Diego mirou-se, acertou a gravata e compôs os cabelos. Cacilda dissera-lhe que se parecia com o finado. Olhando o espelho, a voz reapareceu: o mesmo tipo físico, o formato do rosto... o mesmo olhar...

No quinto andar, não precisou bater na porta. Uma mulher o esperava encostada no batente. Usava um vestido de alças verde claro, que lhe realçava o bronzeado da pele. Os olhos eram castanhos e indiferentes e os cabelos longos e avermelhados, com uma franja espessa que lhe cobria toda a testa. Fitou-o com uma expressão de frieza e fez um gesto para que entrasse.

Ele passou por ela e viu-se numa sala um tanto estreita, típica de uma antecâmara do gozo sexual: sofá, aparelho de som, bar espelhado. Ela indicou o sofá rosado para que ele se sentasse.

- E então, senhor Diego! Dona Cacilda me avisou que viria. Qual é o recado? A mulher continua louca com o suicídio do filhinho! - Sua voz era gelada enquanto se dirigia ao bar. - Bebe alguma coisa?

- Uísque.

- Puro?

- Puro.

Ela serviu-o e sentou-se numa poltrona funda à sua frente, cruzando os joelhos.

- Não bebe? - Ele perguntou.

- Ainda é cedo.

- Essa coisa de horário para começar a beber é frescura dos ingleses. Os russos bebem a qualquer hora. - Diego deu um gole na bebida, sentindo-a descer amortecendo-lhe a garganta.

- Então dona Cacilda contratou um detetive para confirmar o suicídio do filho? - Gisela fez um ar de profundo desdém.

- Ela tem certeza que Roberto foi assassinado. - Ele falou em tom casual, fitando-a bem nos olhos para avaliar seu choque.

- E tem alguma coisa a ver comigo? - Ela perguntou sem se perturbar. A frieza dos olhos não se alterou.

- Não sei! Tem?

- Era de se esperar que tipos como você fossem aparecer. - Ela conseguia colocar mais desdém no olhar.

- Bem, se não for muita amolação, gostaria que você repetisse como foi seu último encontro com o finado.

Os olhos dela encontraram-se com os de Diego.

- Sabe que você se parece com o finado! Ele era alto, bonitão, grisalho, olhos castanhos. O mesmo jeito desdenhoso de olhar uma mulher. - Sua expressão começou a esboçar um leve traço de interesse. - Você deve ser mais moço ou pinta o cabelo, pois ainda não está tão grisalho.

Enquanto falava, Gisela perdeu o ar frio. Descruzou as pernas e cruzou-as novamente num ângulo diferente. Diego deu um gole na bebida e arrependeu-se de não ter pedido gelo. Mais uma a achá-lo parecido com o finado!

- Apesar de estar chegando aos cinqüenta, ele era um homem que precisava ter companhia todas as noites. Conhecia uma infinidade de mulheres disponíveis e acabava fisingando uma. Dizia ter prediletas e eu me considerava uma delas, de forma que era uma das mais requisitadas.

Enquanto ela falava, Diego observava-a e conjeturava se ela arranjava seus homens

pondo anúncio em jornais ou recolhendo-os em bares.

- Naquele sábado, ele estava sem companhia para comer uma feijoada e me ligou. Havia mandado ajeitar alguma coisa no carro que não ficara pronto. Passei pela casa dele e o peguei. Tomamos umas batidas, comemos, conversamos e o levei para a casa. Ele havia bebido um pouco a mais, estava "alegre" e eu entrei a fim de preparar-lhe um efervescente para a digestão. Ele prometera sair com Paloma à noite e precisava estar em forma.

Ela pegou um cigarro de uma cigareira sobre a mesa e fez uma pose sem acendê-lo.

- Joana, aquela empregada chatíssima e informante de dona Cacilda, como sempre, estava lá. Mesmo assim Roberto me levou para o seu quarto e achou que se déssemos uma trepada seria mais eficaz do que tomar o efervescente. Fiquei uma hora mais ou menos no seu quarto e saí. Até então, ele estava muito vivo. A empregada me levou até o portão da rua e trancou-o. Ela mesma viu quando ele foi até a porta e colocou o bilhete pedindo que a mãe o acordasse para o programa com Paloma. Segundo especialistas, o tal veneno mata em segundos, de forma que não poderia ter sido eu a tê-lo obrigado a ingerir o licor. Aliás, não vi nenhuma garrafa de Mozart no seu quarto. Se visse, teria bebido um trago. É uma das minhas bebidas favoritas!

Diego deu uns goles no uísque, fitou-a dentro dos olhos e voltou a falar:

- Você achou que ele estava diferente, enfim, alguma coisa que demonstrasse que iria se suicidar?

- Ele agiu como sempre. Não notei coisa alguma de diferente. Nem na forma desanimada de fazer amor. Se ele tivesse certeza de ser a última vez. . . - ela voltou-se para a parede e sorriu.

- Não discutiram?

- Nós sempre discutíamos! Eu queria resolver nossa situação. Queria que ele se decidisse a ficar definitivamente comigo, a morar comigo e desistir da mulherada.

- Alguma outra coisa?

- Bem, ele havia comprado um anel de brilhantes e eu tinha certeza de que seria meu. No meio da feijoada, confessou-me que dera o anel a Paloma. - Ela esboçou um ar amargurado. - O assunto estragou um pouco a refeição.

- Mas mesmo assim, chegaram em casa e fizeram amor!

- A gente não pode deixar as coisas esfriarem. E eu disse: demos uma trepada. Fazer amor é outra coisa. - Nos olhos dela surgiam umas faíscas de luz, suas mãos brincaram com o cigarro apagado. - Eu não ia desistir de tê-lo como meu homem só por ter dado um anel para aquela idiota.

- Idiota por que?

- Você já falou com Paloma?

- Não.

- Se alguém tinha motivos de sobra para matá-lo era ela! Eu não acredito que tenha tido inteligência para fazê-lo, mas ele sabia que era a mais apaixonada, alguém em quem se pode descontar os apuros da vida. E ele tinha o hábito de humilhá-la.

Apareceu na mente de Diego o quadro da casa de Cacilda, a mulher entre tantos símbolos. Gisela lhe falava do falecido humilhando Paloma. Aquilo tudo tinha uma ligação. Seu inconsciente sabia, mas ele não deixava aflorar.

- E como ele a humilhava?, - perguntou.

- No caso dela, era essa coisa de cachorro que vive balançando o rabinho e lambendo, e quanto mais a gente o chuta, mais ele volta a lambê-lo. Roberto a chutava todo o tempo.

- E foi para ela que ele deu o tal anel de brilhantes! Isso não faria você ficar com raiva suficiente para matá-lo?

Suas mãos se distraíam brincando com o cigarro apagado.

- Você me diverte. Deveria mandá-lo para o inferno, mas gosto de olhos castanhos. Especialmente de olhos castanhos bem quentes, com manchas douradas.

Ela sorriu e finalmente enfiou o cigarro entre os lábios. Diego levantou-se e foi acendê-lo. Os olhos dela ergueram-se e encontraram-se com os dele.

- Qualquer mulher sentiria desejos homicidas ao ser passada para trás, ainda mais perdendo para outra um anel de brilhante. Mas já disse que estava interessada em arrumar minha situação. - Ela olhou com desdém para os próprios dedos vazios. - Ele deve ter dado o anel a ela para se redimir pelo tanto que a humilhava.

- Pelo que sei, Paloma é casada. E seu marido nessa história?

- Nunca o vi. Segundo Roberto, é um executivo que viaja muito e deixa a mulher

solitária. Parece que é um tipo autoritário, e a última coisa que Roberto queria era problemas com ele.

Ela observou Diego ingerir a última gota do uísque.

- Aceita mais um drinque?, - ela levantou-se e pegou o copo.

- Desta vez quero um pouco de gelo. - Diego pôs uma certa volúpia no olhar.

Ela enveredou pela porta que devia ser da cozinha. A sala ficou vazia, preenchida apenas pelo silêncio e pelo rastro de um perfume marcante. Diego se pôs a calcular quanto custaria uma noite com ela. Antigamente era preciso uma cafetina ou cafetão para arranjar os michês. Agora era só colocar um anúncio em jornal ou revista e os clientes telefonavam.

Gisela voltou com o gelo e serviu-o de mais um drinque. Embora não bebesse, estava descontraída. Perdera o ar de frieza absoluta com que o recebera.

- Eu gostava muito de Roberto, mas não vou ficar chorando, nem por ele, nem pelo anel!, - um ar de desprezo passou-lhe pela expressão ao mencionar o anel. Ela deu uma profunda tragada em seu cigarro.

Diego observou a fumaça sair de sua boca e se desmanchar no ar.

- Sabe, eu preciso manter o carro e pagar o aluguel! - Ela fez um gesto que abrangia toda a sala. - O melhor que você faz, é tirar essa idéia absurda da cabeça de dona Cacilda. Ninguém matou o filhinho dela!

- Ele nunca falou em suicídio?

- Dizem que os suicidas agem normalmente até o último instante. Ele era um cara muito fechado. Sempre se mostrando bacana, gastando dinheiro com suas mulheres, - ela ficou pensativa: - No fundo, ninguém sabe o que vai pela cabeça de uma pessoa.

- Preciso ir! - Diego terminou o drinque e se levantou. - Qualquer novidade, ligo para informar!

Ela esmagou o cigarro no cinzeiro e se levantou. Num gesto muito rápido, deu-lhe a mão, se aproximou e roçou os lábios nos dele.

- Quando quiser, olhos castanhos, é só ligar! Na hora do almoço estou sempre em casa e poderemos marcar alguma coisa. Uma cervejinha por aí! Afinal você é muito parecido com o falecido! Eu gostava dele, vou gostar de você.

Diego lançou-lhe um sorriso e saiu reanimado pelo uísque e pelo roçar de lábios. Desde que seu casamento terminara, havia feito demasiados programas com mulheres de programa, e andava com pouca disposição para novas conquistas.

No elevador olhou-se no espelho. Seria mesmo parecido com o tal Roberto? Piscou para a própria imagem: olhos castanhos bem quentes, com manchas douradas.

3

Cacilda havia determinado que o encontro com Paloma fosse às oito. Sua casa não era muito distante da casa da tia, e Diego mais uma vez enveredou pelas arborizadas alamedas dos jardins. Desta vez, as sombras da noite já haviam escurecido a paisagem. Ao chegar na frente da casa, estremeceu. Alguma coisa em sua memória queria aflorar mas havia um bloqueio de cimento armado. Já estivera na porta daquela casa aguardando para seguir uma mulher, pensou, e um suor quente brotou-lhe no peito. Tocou a campainha quando ainda faltavam quinze minutos para a hora marcada. Uma empregada uniformizada destrancou o portão, abriu a porta, conduziu-o até a sala e pediu que esperasse.

Embora Diego não fosse um entendido em obras de arte, elas o atraíam. Seu gosto não era determinado por nomes famosos ou escolas. Olhava para a obra, gostava ou não. Nas paredes daquela sala havia diversos quadros significativos. Depois de um leve exame, seus olhos pararam embevecidos na figura de Salomé envolta numa gaze, frente a cabeça degolada de São João Batista.

Estava extasiado diante daquela mulher quando ouviu passos e se voltou. Viu-se diante de um homem de proporções avantajadas, queixo proeminente, espessas sobrancelhas negras, pele gordurosa e um imenso bigode que parecia aumentar-lhe a figura. Estava vestido num terno e usava uma gravata que parecia estrangulá-lo.

- Sou Antônio, - identificou-se com um sorriso forçado, estendendo-lhe a mão. - Minha esposa desce num minuto. Sente-se. Posso lhe servir uma bebida?

- Pode.

- Uísque?

Diego assentiu com a cabeça e o homem voltou-se para o bar. Serviu dois uísques com gelo, deu um copo a Diego e emborcou um longo gole do seu. Os olhos pretos tinham um brilho frio.

- Minha tia está com a idéia fixa de que Roberto foi assassinado. Já vi assassinatos a

tiros, facadas, machadadas, mas jamais que alguém obrigasse o outro a beber veneno!

- Ele poderia ter bebido sem saber.

- Será que uma pessoa não percebe que está ingerindo alguma coisa estranha? - As sobranceiras de Antônio se levantaram.

- No caso de cianureto, quando percebe já é tarde!

- Ele comia tanta vagabunda que com certeza não saberia diferenciar o gosto! - A voz de Antônio continuava fria, seus bigodes se alvoroçavam. - E, além do mais, deixou um bilhete de despedida, escrito de próprio punho!

- Que tipo de homem era Roberto? - Diego perguntou.

- Um homem alto e esguio, com uma bela cabeleira, enfim, destes que as mulheres gostam. Era metido a conquistador, ganhava razoavelmente bem e tinha certeza de ser irresistível com as mulheres. Embora investisse muito dinheiro nelas, excluindo-se a mulher com quem foi casado por dez anos, só o vi ao lado de um bando de desesperadas, destas que realmente não conseguem coisa melhor! - A voz era fria, mas dava para perceber que diante da desgraça do finado, podia se tornar animada.

- Acredita que se suicidou?

- Um homem que escreve um bilhete de despedida e larga na gaveta um vidro de veneno vazio só pode ter se suicidado!

- Algum motivo?

- Com certeza estava morrendo de tédio por não ter uma única mulher que realmente gostasse dele. Todas elas queriam arrancar-lhe algum dinheiro ou se arrumar na vida! Viam nele um cara com grana, filho único de mãe viúva rica, com idade para morrer a qualquer momento.

Não precisava muita psicologia para perceber que Antônio debochava do finado. Estava feliz que tivesse morrido.

- Sua esposa iria jantar com ele no dia em que se matou? - Diego fez a pergunta com os olhos fixos em suas pupilas negras.

Antônio olhou para a parede, olhou para a porta, voltou-se para os próprios pés. Então tomou fôlego e continuou:

- Ninguém vê com bons olhos um tipo como ele freqüentando sua casa e olhando sua mulher com olhos de conquistador. - O colarinho dele ficou apertado demais. Ele puxou-o, inquieto. - No dia em que morreu, Roberto iria jantar com Paloma. Afinal suas famílias são amigas desde que nasceram!

- Você então é um dos que tem um bom motivo para querê-lo morto!

- Por sorte eu estava em Recife a trabalho. Tenho o recibo do hotel e a passagem de avião de ida e volta! Álibi melhor seria impossível! - Os olhos de Antônio demonstravam o quanto era importante ter um álibi, seus bigodes alvoroçaram-se como os de um esquilo e, em seguida, sua atenção voltou-se para o gelo dentro do copo.

Diego não tinha mais perguntas. Seus olhos se prenderam na figura de Salomé. De olhos fechados, a mulher tinha a cabeça voltada para o céu. Seu perfil destacava-se e os cabelos fartos e ondulados se derramavam por suas costas. Num lance metafísico, seu corpo se repartia à altura da cintura e as duas partes de defrontavam. Todo o dorso era de uma perfeição diabólica e parecia num passo da dança que fizera seu padrao prometer-lhe a realização de um desejo impossível. Ela quis a cabeça de João Batista, que se via degolada, sangrando e apoiada num panejamento.

Como se saísse daquela figura, ele viu surgir Paloma e levantou-se como uma mola. Meu Deus!, ela de novo!, confirmou o que já sabia e não conseguiu fazer nada além de levantar-se, estender-lhe a mão e ganhar tempo para encher os pulmões. O fôlego lhe faltava.

- Você é o detetive que minha tia contratou? - Paloma falou com tal naturalidade que ele duvidou dos próprios olhos.

- Exato! - Ele respondeu enquanto tentava decompor aquela presença como quem procura compreender um suicídio com o delicioso licor Mozart misturado ao cianureto. Embora estivesse por um bom tempo buscado por isso, era inacreditável reencontrar aquela mulher!

- Sente-se. Fique a vontade e vamos às perguntas. - Ela indicou-lhe a cadeira com naturalidade e abriu um sorriso maravilhoso.

Diego estava em pé, atordoado pela surpresa. Não era a primeira vez que a figura daquela mulher esvaziava o tempo e o espaço, expondo-o a sentimentos anacrônicos como a angústia existencial.

Os cabelos alourados, o rosto com um ar malvado e os olhos que ardiam como se estivesse deslumbrada pela luz do ar, a mulher que tanto o perturbara estava mais uma vez à sua frente.

Era ela! Não havia dúvidas. Há algum tempo, fora contratado para segui-la. Gravara-a em vídeo, num papel sórdido que não combinava em nada com a figura que se apresentava. Jamais imaginara que alguém saísse viva da experiência pela qual passara, e ali estava ela, sem ter como saber que ele a conhecia.

A Diego, tão traquejado, demorou a ocorrer alguma coisa que pudesse dizer.

- Bem, eu estava falando com seu marido. . . Pelo jeito ninguém acredita nas convicções de dona Cacilda! - Ele esforçou-se para repuxar os músculos num sorriso.

- Sente-se. Fique à vontade! - Ela repetiu cheia de uma felicidade que ele jamais vira em sua expressão.

Ele finalmente controlou a respiração e sentou-se.

- O que você toma, querida! - Antônio esboçava um ar servil. - Vinho do Porto?

Ela assentiu com a cabeça e ele providenciou a garrafa.

Reconhecendo Paloma, Diego sabia quem era o falecido. Um ódio que germinava desde que fez o serviço de seguir Paloma atravessou-lhe na garganta, e ele regozijou-se com sua morte.

- Dona Cacilda me contratou. Estou sendo pago para investigar a possibilidade de um assassinato e tenho de fazer algumas perguntas!

- Creio que você vai perder seu tempo. Mas como Cacilda está com essa idéia fixa, estou disposta a ajudá-lo no que for preciso. - Paloma sorria com naturalidade.

- Creio que podemos começar pelo que aconteceu no dia do suicídio, ou melhor, do assassinato. - Diego tentou brincar.

- Acho que vou repetir tudo o que você já sabe. - Paloma balançou as mãos e ele viu que em um dos seus dedos brilhava um anel. Com certeza o que Gisela mencionara. - Ele almoçou com uma das suas tantas amigas. Antônio estava viajando. Como não gosto de ficar só, ele havia me convidado para jantarmos juntos.

Por um momento, os olhos de Paloma perderam o ar malvado e uma sombra de tristeza perpassou-os.

- Eu havia passado a tarde aqui, trabalhando nas minhas histórias. Cacilda telefonou muito aflita me pedindo para ir lá o mais rápido possível. Ela estava completamente fora de si. Nem sei como teve a idéia de me chamar. Também fiquei estarecida ao ver Roberto morto sentado na cadeira da escrivaninha, com o corpo ereto, só a cabeça caída. Passado o impacto medonho, liguei para o cunhado de Cacilda que é médico. Até que ele chegasse, ficamos imóveis, hipnotizadas pelo cadáver. Cacilda não teve coragem de tocar no filho e muito menos eu.

Diego a fitava com interesse, e ela continuou:

- Bem, o resto você já deve saber. Doutor Carlos chegou, sentiu o cheiro do veneno e encontrou o vidro vazio e destampado na gaveta da escrivaninha. Quando levamos o corpo para a cama, encontrei o bilhete no bolso do paletó. Sobre a escrivaninha estava o cálice embaçado de licor e cianureto. Cacilda disse que seu filho não faria uma barbaridade daquela. Alguém o havia matado! Mas doutor Carlos ponderou que para que se apurasse um assassinato, era preciso chamar a polícia. No caso, levariam o corpo e fariam uma autópsia. Ele achava muito mais conveniente dar um atestado de óbito com a "causa mortis" um ataque do coração e enterrarem Roberto. Não tinha a menor dúvida de que havia sido um suicídio.

- Quer dizer que não houve autópsia!

- Doutor Carlos mandou examinar o copo e havia cianureto. Mandou fazer uma análise da caligrafia do bilhete e não há dúvidas de que ele o escreveu. O que mais seria preciso?

- Creio que nada! - Diego ponderou. - A menos que alguém tenha entrado na casa e o ameaçado com uma arma até que fizesse todas essas coisas.

- A empregada esteve lá todo o tempo e tem certeza absoluta que ninguém mais entrou na casa. Ela é uma pessoa de extrema confiança e muito cuidadosa. Vive na casa desde que Cacilda se casou. Como eu, é praticamente da família.

Antônio voltou com o Porto, verteu-o num cálice e entregou-o a Paloma. Ela deu um gole degustando-o lentamente, como se o saboreasse junto com a lembrança de alguma coisa boa.

- Você conhece Gisela? - Diego voltou a falar.

- Conheço quase todas as amigas do finado. Se você falar com elas, todas elas tinham motivos para matá-lo, mas não o fizeram. Ao voltarem do almoço, Gisela esteve no quarto com ele por

um bom tempo, tempo suficiente para fazê-lo ingerir o licor sem perceber que estava se envenenado. Só que, depois que ela saiu, ele escreveu um bilhete para a mãe pedindo que o acordasse às sete e levou-o até a porta de entrada. A dose de veneno que ingeriu era tão forte que não teve tempo de se levantar da cadeira. Não teria como levar o bilhete até a porta e retornar ao quarto para morrer.

- Cacilda está maluca! - A voz de Antônio ressoou pela sala, seguida de uma gargalhada sobrenatural.

Por uns momentos ficaram todos em silêncio entretidos com suas bebidas.

- Você não acha estranho que pensando em se matar, ele escrevesse um bilhete pedindo que a mãe o acordasse às sete para ir jantar com você?

- Esse é um dos pontos em que Cacilda insiste. Mas eu tenho uma teoria. Cacilda jamais perturbava o filho em seu quarto ou o acordava sem que ele pedisse. Com certeza ele quis determinar a hora para que o corpo fosse encontrado.

- Faz sentido. - Diego pensou: - Você, que era sua amiga, não percebeu coisa alguma, mudanças de comportamento, enfim, algum desgosto?

- No bilhete ele escreveu que já tinha vivido o suficiente e pedia que a mãe, única pessoa que ainda se preocupava com sua vida, o desculpasse. O bilhete ficou com doutor Carlos. Acho que você deve visitá-lo. Ele vai lhe dar mais detalhes técnicos sobre o cianureto e você poderá ler o bilhete de despedida. Além do mais, ele conhecia o sobrinho muito melhor do que eu!

Diante da última frase de Paloma, Antônio remexeu-se na cadeira, emitiu um estranho grunhido.

- Roberto foi casado. Aonde anda sua ex-mulher? - Diego se lembrou de perguntar.

- Ela refez a vida tão logo o deixou. Casou, tem filhos. Sumiu da vida dele e nem apareceu no enterro. Se vai realmente investigar, precisa conhecer as amigas com quem tinha casos simultâneos. Ele tinha diversas! - Pela expressão de Paloma perpassou um ar de tragédia.

- Creio que vou me divertir! - Diego esfregou as mãos.

- Se gosta da mulherada fácil, não tenha dúvidas! - Antônio falou com um estranho brilho no olhar.

- Cacilda fica brava quando eu falo, mas ele era um mulherengo. - Paloma concordou

com o marido.

- E você ia jantar com ele? - Diego ousou perguntar e sentiu que a voz saía trêmula.

- Quando Antônio viaja, detesto ficar sozinha. - A voz de Paloma tinha pouca convicção.

Por algum tempo, Diego observou-a com carinho. Com um profundo suspiro voltou ao caso.

- Dona Cacilda parte de duas coisas importantes. Ele não escrevia cartas ou bilhetes e detestava bebidas doces! O que o fez comprar uma garrafa de Mozart?, - Diego conjecturou em voz alta.

- Talvez o chocolate disfarçasse melhor o gosto do cianureto! - Paloma esboçou um sorriso enigmático.

- É, para tudo existe uma primeira vez na vida. - Diego repetiu e ingeriu todo o seu uísque. - No caso foi primeira e última!

Os três se entreolharam em silêncio.

- Quando o viu pela última vez? - Diego perguntou.

- Já escrevi um romance aonde havia um detetive, mas não tive coragem de colocar tal fala em sua boca. - Paloma sorriu. - Sempre achei que um detetive nunca faria tal pergunta fora de um filme B ou de uma novela ordinária. Mas respondendo sua pergunta, falamos por telefone na manhã de sábado.

- Não notou nada de diferente? - Diego retribuiu o sorriso.

- Absolutamente nada.

- Tem alguma idéia do que o levou a se matar?

- Talvez ele fosse como a juventude que quer rock, curtir a vida com drogas, morrer cedo, ser um belo cadáver! Afinal era da geração de James Dean, Marilyn Monroe.

- Creio que ele beirava os cinquenta, já não estava morrendo tão jovem!

- Mas ainda foi um belo cadáver.

- Prefiro os Rolling Stones e especialmente o Frank Sinatra. Gente que persiste, que viveu tudo, passou o diabo e insiste em continuar.

- É uma questão de destino. - Paloma fez um ar vago. - Talvez não seja uma decisão pessoal.

- Não conheço muita estatística, mas os homens em geral se matam com balas na cabeça, as mulheres ingerindo barbitúricos. Por que um método tão antiquado como cianureto?

Diego falou como se conjeturasse consigo mesmo enquanto notava que Antônio tinha um livro na mão e parecia inquieto para mostrá-lo. Antes que o fizesse, como se tivesse uma lembrança tardia, voltou-se para Paloma:

- Você falou sobre escrever romances e desde que cheguei tenho a sensação de que a conheço há muito tempo. Só agora me ocorreu que a tenho visto na imprensa, no lançamento de seus livros!

- Já publiquei vários. No momento estou fazendo uma pesquisa sobre os aventureiros ingleses que saíam de suas terras e construíam estradas de ferro pelo mundo.

- Interessante!

- Gosto da aventura. O gosto por partir para alguma coisa desconhecida. Uma experiência nova. Talvez hoje já não se tenha tal oportunidade. Creio que os grandes descobridores saíam em suas caravelas para um desconhecido mais profundo do que os astronautas que vão à lua!

Como se achasse aquele assunto profundamente enfadonho, Antônio interrompeu:

- Você que é detetive, vai gostar de ver isso! - Finalmente colocou na frente de Diego o álbum que segurava.

- São selos! - Diego fez uma pergunta afirmção.

- É uma das coleções mais completas do país. Veja este! - Antônio falou apontando um selo que a Diego pareceu bastante antigo e desbotado. - Vale mais do que aquele anel de Paloma!

Ela olhou para os dedos meio sem graça e aproveitou para pegar o copo e dar um gole na bebida.

- Quanto você pagou o anel? - Os olhos de Antônio tinham um ar inquiridor.

- Já nem me lembro. - A voz de Paloma era um sussurro.

Antônio folheou algumas páginas diante de Diego, enquanto falava do preço absurdo de cada selo e contava a história de como os conseguira.

Então foi Paloma a interromper o assunto.

- Vou fazer uma lista de todas as amigas do finado que eu conhecia e conseguir os

endereços. São muitas!

- Creio que vou ter serviço por mais de uma semana! - Ele levantou-se para ir embora. -

Vou percorrer as casas e tentar não fazer perguntas de detetives de filmes B.

Paloma sorriu. Seus dentes eram grandes e brilhantes.

Diego dirigiu-se para a porta e, antes de sair, parou em frente ao quadro.

- Você gostou do retrato da Salomé? - Paloma observava-o.

- É interessantíssimo. Na casa da sua tia também havia um quadro intrigante. Embora sejam diferentes, uma mulher faz pensar na outra.

- Se é a "Saudade de Santa Teresa" é do mesmo artista plástico. Dei o quadro a Roberto a fim de que ele pusesse no seu quarto e começasse a entender a alma das mulheres!

- E serviu para seus propósitos?

- Claro que não! - Ela sorriu. - Ele colocou-o na sala para indignação da mãe e suas amigas puritanas. De qualquer forma, serviu para que elas aprendessem a olhar uma obra de arte!

Paloma sorriu e fixou o olhar em Diego.

- Sabe que você se parece um pouco com ele!

- Ele quem?

- O finado Roberto!, quem mais seria?

Desta vez Diego estremeceu.

- Você tem razão! O detetive se parece com o finado! - Antônio olhou Diego com atenção. Depois bateu-lhe nas costas. - Quando quiser voltar com mais calma, terei imenso prazer em lhe mostrar cada um dos meus selos, explicando-lhe sua origem. Os detetives gostam de histórias!

Diego ouviu-o com os olhos em Paloma. Seu corpo apoiado no batente da porta, a maneira oblíqua com que o fitava com seus olhos acastanhados e a inclinação desanimada da boca diziam mais que as palavras que os lábios pronunciavam. Ela era uma bela adormecida presa numa casa, vivendo com um homem autoritário que colecionava selos.

Diego saiu da casa de Paloma atordoado com aquele reencontro e curioso para conferir a fita de vídeo, mas a fome foi mais forte. Olhou o relógio. Lembrou-se que Victor lhe deixara um recado na secretária eletrônica, avisando que jantaria num restaurante da Consolação. Com certeza ainda o esperava. Uma conversa descontraída lhe faria bem. Desligou o rádio e enquanto enfrentava o trânsito já mais calmo àquela hora, deixou o pensamento correr solto. Formara, havia tempos, a idéia de que momentos de solidão eram propícios à reflexão. Era muitas vezes fechado no carro, naquela solidão de bolha de vidro que lhe vinham as soluções mais acertadas para suas investigações. Ali, dirigindo ao encontro de Victor, acabara de concluir que isso não se aplicava à situação do momento. Seu trabalho mental era um fluxo semi enlouquecido de imagens acompanhadas de idéias fantásticas. Diante das coincidências que envolviam Paloma, não se julgava capaz de uma reflexão puramente racional, o que para um detetive, envolto com deduções, era no mínimo embaraçoso.

Ao se aproximar do restaurante, um carro estava saindo, deixando-lhe uma vaga. Não gostava de confiar seu carro a manobristas. Estacionou e um homem se aproximou.

- O doutor pode deixar a cervejinha que eu tomo conta.

Diego detestava os pedintes. Era um ato constrangedor para quem pedia e para quem dava. Além de ser um absurdo que se precisasse pagar para que alguém olhasse o carro, sendo que se fosse roubado não haveria responsabilidade alguma! Naquele dia, já havia passado por tantas emoções que não iria ouvir os desaforos que falavam os pedintes quando não eram pagos. Tirou uma nota do bolso. O homem pegou-a, fez uma cara que não o desagradava de todo e encostou-se no muro.

Na entrada do restaurante havia um bar bastante cheio. Lá estava Victor encostado no balcão, segurando o copo de cerveja. Era um homem grande, de ombros largos e braços potentes. Sobre calças jeans, vestia um paletó de lã que ia muito bem com o tom castanho de seus cabelos. Apesar do enxame de mulheres bonitas que circulava por ali, seus olhos estavam voltados para a madeira do

balcão, demonstrando que seu dia não havia sido dos melhores. Diego bateu-lhe nas costas. Lentamente ele levantou os olhos e encontrou os de Diego. Então se iluminaram.

- Companheiro! - Victor abriu um sorriso. - Que bom te ver! Sabia que você iria chegar!
Detesto comer sozinho!

Diego via na expressão de Victor uma grande felicidade por encontrarem-se.

- Hoje o jantar é por minha conta! - Victor começava a ficar embriagado, o que o tornava alegre e generoso.

Diego pediu uma cerveja, emborcou-a de um gole, a fim de limpar as entranhas das tantas outras bebidas que ingerira durante o dia.

- Algum adultério a ser fotografado, ou algo mais emocionante? - Victor sorriu. - Estou precisando de assunto para minhas reportagens!

- Apenas uma velha cujo filho se suicidou e ela pensa que foi assassinado. Vou ter de entrevistar a mulherada com quem transava.

- Não quer que um especialista o acompanhe? Voltei a condição de solitário!

- E Danusa? - Diego descobria a razão do abatimento de Victor.

Depois de um profundo suspiro e esvaziar o copo de cerveja, Victor desabafou:

- Ela se dizia tão desprendida. Capaz de um relacionamento com muito amor e poucas amarras. Acreditava em tantas coisas maravilhosas! Estava me convencendo que nossos destinos estavam marcados por uma determinação dos deuses. - Victor buscou Deus levantando os olhos para o teto do restaurante e fez um ar de desamparo. - No dia em que me vi na cilada, estávamos na cama. Ela estava nua, colocou as duas mãos sob a nuca, espreguiçou seu corpo maravilhoso e começou a falar dos seus planos. Mais uma vez eu constatei que as mulheres, por mais deslumbrantes que sejam, acabam sempre se tornando maçantes. Eu represento uma fantasia que havia brotado de um sentimento mágico-maravilhoso. E ela quer me tornar real, fazendo de mim um marido.

- E não era exatamente isso que você almejava: uma companheira!

Victor olhou para Diego com um ar pensativo, deu uns goles na cerveja. Sua voz encheu-se de escárnio:

- Disse-lhe que estou ficando broxa e que um broxa precisa se casar. Mas com alguém

que tenha muito afeto por mim. Não alguém que queira simplesmente se arrumar na vida! Não quero cuidar de ninguém! Eu é que estou precisando de alguém para cuidar de mim!

- Danusa me parece uma mulher que gosta de você, que ficaria com você mesmo broxa!

- Diego sorriu.

- Ela é mais um dos tantos pedintes que se espalham pela cidade. Precisa de um homem disponível. Disponível significa receber suas ordens, assinar cheques, desligar as luzes todas as noites, preencher formulários, pagar impostos e condomínios, verificar a fechadura antes de dormir, providenciar o seguro de vida e do carro, e o jazigo perpétuo com aquelas imagens e capelas horrorosas no Araçá. Será que as pessoas jamais vão parar de querer explorar umas às outras?

- Então estamos os dois sozinhos, solteiríssimos! - Diego falava, mas seu pensamento estava em Paloma. Via sua figura saindo da pintura de Salomé, ombros eretos e a cabeça alçada lançando um olhar de criança malvada. Que tipo de deuses o faziam reencontrar aquela mulher! Coincidência estranhíssima! - Vou te apresentar a mulher que entrevistei hoje à tarde. Uma das possíveis assassinas. - continuou.

- Será que ela quer um cara broxa? Desses que já fizeram tudo na vida e querem ficar em casa aos domingos bebendo cerveja, de pijama e assistindo o Gugu ou o Faustão, sem tomar banho, sem fazer a barba, sem trepar!

- Acho melhor você botar um anúncio no Classline ou ligar para o Teleamizade. - Diego via a própria vida através do amigo e puxava os músculos da face num sorriso. Também ele vivia aquela solidão. - Plugue-se na Internet e você vai conhecer gente interessante do mundo inteiro! Todos os malucos solitários estão plugados e contam suas histórias de solidão. Agora vamos comer alguma coisa. Estou morrendo de fome!

Foram para a mesa e pediram filet coberto de alho.

- Mulher não suporta homem fedendo a alho. Eu adoro comer filet com alho, com muito alho.

- E as reportagens, alguma novidade? - Diego tentava concentrar o interesse na profissão do amigo.

- São Paulo está infestada de ladrões. Não é gente envolvida em desajustes sociais que

rouba para comer. São sem-vergonhas que roubam e matam para comprar droga! Ou roubam e matam simplesmente porque começaram a vida roubando e matando e não sabem fazer outra coisa! Um dia, Deus ainda vai descer do céu e pegar pelos cabelos a turma que incentiva o nascimento de seres humanos como se fossem ratos, às ninhadas! - Victor extravasava o álcool.

- Já passei da fase de querer consertar o mundo. Nem nas minhas bebedeiras mais alucinadas conjeturo a respeito. Acho que se cada um cuidar de si já faz muito!

Diego sentiu uma preguiça monumental em levar um papo de bêbado sobre as possibilidades de fazer alguma coisa pela humanidade. Victor continuava falando.

- As reportagens que fazia contra os que incentivam o nascimento de gente, proibindo qualquer uso dos avanços da ciência, me fecharam muitas portas. Tampouco vou me meter em defesa das vítimas, dos policiais mortos em serviço, enfim. . . estou ficando broxa!

O garçom chegou com dois filetes e serviu-os, sendo muito generoso nas porções de alho. Victor punha garfadas de alho frito na boca e mastigava com vagar, sentindo o gosto, depois engolia com cerveja. Comer parecia o último prazer que ainda lhe restava da vida. Entre uma e outra garfada o papo sobre as possibilidades de se consertar a humanidade foi arrefecendo.

Ao terminar seu filete, Diego pensou na entrevista com Gisela:

- Já perdi a tesão de comer todas as mulheres que passam pelo meu caminho!, - comentou.

- A mulherada pode se comparar ao bando de pedintes que vive pela cidade. - A voz de Victor estava magoada: o mundo o vencera pela milésima vez. Diego sabia que ele estivera apaixonado. Incrível como as decepções, por mais repetidas que fossem, causavam danos. - Não te contei que até Danusa derrapou e acabou contando todos os seus anseios! O que ela queria mesmo era ser minha manteúda! E pensar que essa mulherada já queimou sutiã e saiu em praça pública para ter reconhecidos os seus direitos! O que todas querem é um homem endinheirado para sustentá-las no bem-bom! Elas não disputam mais o cara. Elas disputam o gozo material que o cara pode dar não na cama, mas em bens e programas! Você vale pelo que pode proporcionar!

- O cara que se suicidou devia estar envolto com muitas dessas!

- Já que você vai investigá-las, pode seguir os passos do finado! - Victor falava com

muito desdém, deixava claro que a mágoa o consumia. - Vai lhe custar um pouco de esperma e muita grana!

Diego suspirou ao pensar que já não tinha fôlego e muito menos grana. E além do mais, estava por demais impressionado com a coincidência de reencontrar Paloma. Não conseguira sequer falar sobre o assunto durante o jantar. Tinha medo que sua voz traísse a emoção que lhe ia pela alma. Meu Deus! ele pensou. Por onde andava o detetive durão?

Depois de mais uma cerveja, pediram a conta. Embora no princípio da noite Victor tivesse insistido a ser ele a pagar, Diego ponderou que , como faziam sempre, deviam rachar a despesa. Os dois bateram nas costas um do outro e se despediram.

Diego dirigiu até sua casa cheio de ansiosidade. Paloma surgia novamente em sua vida! Se fosse um místico haveria de dizer que se tratava daquelas coincidências misteriosas a fim de provar que alguma coisa estava acontecendo nos bastidores do cotidiano da vida.

No armário de fitas de vídeo, encontrou a que buscava. Colocou-a no aparelho, ligou a televisão. Se alguma dúvida havia pairado em sua mente, ela se dissipava frente às imagens. Paloma surgia em cenas de puro horror. O cara que estava com ela não era outro senão Roberto, o suicida!

Diego serviu-se de um copo de água. Mais uma vez pensou que os detetives durões bebiam todo o tempo e estavam sempre em forma. Ele fazia isso na frente dos clientes, das mulheres, mas na intimidade, gostava de beber água.

Há algum tempo, havia sido pago para seguir Paloma. Não fora o marido a contratá-lo. Sua mãe estava desconfiada da possibilidade de um amante. Paloma vinha passando as tardes fora e afirmava passá-las nos arquivos pesquisando alguma coisa que a mãe não entendia. Tinha certeza de que ela saía para encontrar alguém e o marido não se dava ao trabalho de verificar. Diego seguiu-a diversas tardes e ela realmente se enfiava no Arquivo do Estado, no Instituto Histórico e Geográfico, na Academia Paulista de Letras, na Biblioteca Mario de Andrade, no arquivo da Cúria. Até que uma tarde ela foi a um prédio de apartamentos. Foi ali que Diego instalou uma câmera de vídeo e algumas escutas. Ela havia dito ao marido e a toda a família que estava muito cansada e que passaria uma semana numa excursão pelo sul do país. Foi a mãe quem a levou ao aeroporto e Diego seguiu-a. Paloma ficou um tempo no aeroporto, e depois, ao invés de embarcar, saiu e foi para o apartamento do finado. Passou lá uma semana.

Ao retirar a câmera, Diego esperava encontrar cenas de um filme pornô soft, com um leve tom de opereta que as mulheres casadas, cheias de sonhos e carências, conseguiam dar às tardes com amantes, mas assistiu a uma ópera bufa. Pior que isso, a um daqueles filmes ingleses de puro

horror!

Além de Paloma, no vídeo havia mais duas mulheres que o finado também havia levado para casa, e uma terceira que ele mencionava o tempo todo. Carinho ele demonstrava pelas outras, por ela repulsa, nojo. Num momento, o finado fixou o olhar na parede, e a câmera pegou seus olhos cheios de desdém e fastio. Eles eram amarelos, da cor daquele círculo que envolve a pupila negra das corujas.

Cada vez que assistia ao vídeo, Diego tentava desvendar sentimentos que poderiam até ser teoricamente secretos mas que eram também tão óbvios que qualquer pessoa poderia imaginá-los. Paloma havia sido humilhada acima do que ele imaginava que uma mulher tivesse forças para agüentar! Ao reencontrá-la sentiu-se atordoado por revê-la em boa forma, com o olhar que absorvia a luz do ar, devolvendo-a num sorriso. Ela não só não perdera a lucidez como estava mais atraente do que nunca!

Vendo-a entrar na sala, saída da figura de Salomé, perdera completamente o fôlego. Além de querer ajudá-lo na investigação, ela afirmou estar escrevendo um novo romance, o que significava que continuava o trabalho, a vida.

Diego não era um detetive que deixasse cadáveres no seu rastro. Estava acostumado a ser contratado por homens ou mulheres ciumentas. Os homens queriam que ele fotografasse o adultério para um divórcio menos oneroso, ou seja caírem fora sem ter de pagar pensões. As mulheres queriam que seguisse seus maridos e trouxesse pequenas provas para poderem sofrer mais, brigar mais, se fazerem de vítimas. Ultimamente havia os que queriam saber se seus parceiros transavam com alguém portador de HIV! Como é que ele podia olhar a cara e saber se a pessoa era portadora do vírus? Simplesmente fazia a lista de quem transava com quem. Quanto ao vírus . . .

Nas duas últimas vezes em que fora contratado para uma missão um pouco diferente, as duas envolviam Paloma e a intuição das mães. A primeira foi a mãe com medo que a filha pudesse ter uma aventura e perdesse o marido. Agora dona Cacilda que, baseada no puro instinto de mãe, não acreditava que o filho tivesse se suicidado. Apesar das coincidências, achava impossível que uma tivesse dado informação para a outra. A mãe de Paloma lhe pedira sigilo absoluto.

Se pensasse bem e se quisesse prestar a devida atenção, os sinais foram diversos. Na saída da casa de Cacilda, ver o quadro da mulher nua rodeada de símbolos agiu como um aviso de que algo inusitado iria acontecer. Reconheceu o endereço de Paloma. Reconheceu Gisela da fita, mas sua

mente a embaralhou com as tantas mulheres iguais que passaram por sua vida. Quando Gisela falou de Paloma sendo humilhada pelo finado, foi como se ele não quisesse ver a conexão que havia em tudo aquilo. Mulher humilhada, intrigante, com o nome Paloma só poderia existir uma! A cidade era grande, mas o mundo era pequeno! Ao estacionar o carro na sua porta, ele estremeceu, e seu inconsciente não deixou aflorar a cena. Ele a seguira a partir dali.

Diego pegou o controle remoto e reviu as partes principais da fita. Alguma coisa estava errada! Ele jamais se julgara um psicólogo, mas na sua profissão havia regras para o comportamento das pessoas que jamais falhavam. Unindo os dois casos, não podia deixar de pensar que em tudo aquilo havia algo muito estranho!

Além do mais, aquela mulher o perturbava. O perturbara quando a seguiu, o perturbara ao gravar a fita, o perturbara ao assistir as cenas infames das quais ela participara, e o perturbava ao encontrá-la pessoalmente, vendo-a como que saindo da figura de Salomé!

Por outro lado, o finado lhe parecia um neurótico ou um perverso. Não sabia que classificação lhe dar. Mas sabia que se tratava de uma personalidade cruel, capaz de humilhar uma mulher de uma forma arrasadora. Essa idéia se impunha com a força de uma verdade, e Diego o odiou mais ainda do que quando assistira a gravação pela primeira vez. Estava feliz com sua morte. Talvez mais feliz do que todos os envolvidos diretamente no caso. E, associado ao ódio, nascia um profundo desejo de descobrir o que o fizera se suicidar. Queria um motivo que o tivesse feito sofrer, que o tivesse feito se sentir mais humilhado do que humilhara Paloma.

Apesar da depressão que aquele vídeo lhe causava, por baixo dela havia uma sensação de alegria, entusiasmo, numa mistura quase impossível de descrever. Reencontrava Paloma e investigava o suicídio do desgraçado que a magoara! Não sabia o que estava acontecendo, mas era forte. Puxa como era forte! Ingerindo mais um copo de água, ele se perguntava como pudera viver tantos anos sem sentir algo assim!

Sempre quisera ser, e de certa forma imitava os detetives durões da literatura. Por mais lindas e disponíveis que fossem suas clientes, eles jamais se deixavam envolver emocionalmente. Diego começava aquele caso sentindo-se atraído por Paloma. Ao pensar nela, sentiu-se tão comovido que experimentou primeiro medo e, em seguida, uma indignação dirigida contra si mesmo, e contra a

criatura que desestabilizava seu equilíbrio.

Um sorriso brotou-lhe no rosto. Afinal os detetives durões eram engendrados, talvez na realidade jamais tenham existido. Aquela investigação, mais do que profissional, tornava-se pessoal. Odiava Roberto Costa Medeiros. Só teria descanso com a certeza de que ele sofrera o diabo antes de engolir cianureto!

Diego ficou conjeturando sobre tudo aquilo por muito tempo. Quando começou a cochilar, resolveu ir para a cama. Adormeceu em seguida. No entanto, sua cabeça atravessou ondas de falsas memórias em que se via fazendo a mesma coisa diversas vezes. Entrava num quarto. Do outro lado da escrivaninha, com os olhos amarelos e arregalados, o rosto petrificado num espasmo, a pele azulada, Roberto o fitava com um olhar odioso. Paloma entrava e olhava o morto com espanto. Ela ia se afastando como que acuada até encostar-se à parede e então a figura de Salomé a absorvia. Luminosa em meio a um panejamento de gaze, ela dava um passo de dança e se fixava no quadro. De olhos fechados, sua cabeça voltava-se para o céu. Seus cabelos fartos e ondulados se derramavam por suas costas num movimento de sombras e lumes. Num novo passo de dança, seu corpo se repartia à altura da cintura e as duas partes se defrontavam. Ela segurava a cabeça degolada de São João Batista de onde o sangue pingava. Diego não poderia precisar por quantas vezes aquele sonho se repetira. Mas vira-se entrando no mesmo quarto, observando o mesmo morto e a mesma mulher, e todas as vezes aquilo parecia real, como se estivesse acontecendo pela primeira vez.

Despertou atordoado. Além das cenas, mais até do que as cenas, Diego sentia a proximidade de Paloma. Precisava falar com ela. Ainda era madrugada. Revirou-se na cama até que a primeira claridade do dia entrou pela veneziana e iluminou seu quarto.

6

Diego se levantou, tomou banho, fez a barba e preparou o café. Ligou para o escritório e acionou a secretária eletrônica. Não havia recados importantes. Pegou o jornal na porta e correu os olhos pelos cabeçalhos com a atenção no relógio. Esperou até às nove, hora em que imaginou Paloma já desperta.

- Dona Paloma, por gentileza.

- Um momento.

- Alo.

- Paloma, é Diego. O detetive.

- Claro que sei quem é! Deu para reconhecer a voz.

- Não estou te acordando?

- Essas perguntas do detetive durão. . . - Ela usou um tom jocoso. - Começo a trabalhar muito cedo nas minhas histórias. Gosto de aproveitar os resquícios dos sonhos!

- Preciso falar com você. A que horas posso passar em sua casa?

- As dez está bem para você?

- Ótimo.

Diego não perguntou por Antônio, mas supôs que estivesse no escritório. Às dez em ponto ele tocou a campainha e Paloma abriu a porta. Com seus olhos que pareciam absorver a luz do ar, conduziu-o até a sala. Os dois estavam sós e, embora tivesse a desculpa de ter ido buscar a lista de amigas do finado, ele não sabia por onde começar.

- Aceita um café? - Paloma estava um pouco atrapalhada e tentava ser natural.

Ele concordou e ela saiu da sala. Ele imaginou-a dando uma ordem à empregada.

- Alguma novidade? - Ela perguntou ao retornar.

- Depois que saí da sua casa ontem à noite, jantei com um amigo. Não falei com ninguém envolvido no caso. Não há dúvidas de que Roberto se suicidou, mas estou sendo pago para investigar. Preciso encontrar algo que prove o suicídio à sua tia Cacilda.

Ambos ficaram imóveis, em silêncio, ouvindo os barulhos da rua, da cozinha, até que a empregada entrou com a bandeja. Paloma serviu o café. O brilho de um anel seguia seus movimentos

- Você tem um anel muito bonito. - Ele falou.

Ela olhou para o dedo e sorriu.

- Foi Roberto quem te deu?, - ele bombardeou e fitou-a nos olhos. Percebeu quando uma onda vermelha tomou conta do seu rosto.

- Gisela te contou. - Ela estava sentada e em seu olhar perpassou uma nuvem de ira. - Será que você já teve tempo de dormir com ela?

- Com quem eu durmo não é da sua conta. - Ele respondeu encarando-a e se arrependendo em seguida.

Ela limitou-se a levantar as sobrancelhas. O rubor foi amainando.

- Parece que estamos usando o diálogo dos detetives durões de ficção. - Ela tentou pôr ironia na voz, sorriu. - Imagino que você não veio aqui para saber quem me deu o anel.

Diego arrependeu-se de interrogá-la como fazia com as adúlteras que flagrava. Aliás, quando pensou em falar com ela, não tinha a intenção de imitar os detetives durões. Não conseguia entender porque se comportava daquela forma. Bebeu o café, tentou amainar a tensão:

- Sei que você é escritora, mas confesso que ainda não li nenhum dos seus livros.
- Vou lhe dar um, - ela retomou à naturalidade. - Assim você não vai ter desculpa!
- É muito trabalhoso escrever um romance?
- As pessoas acham que escrever é uma atividade de desocupados. Escrever dá trabalho, sim! Além do trabalho físico, escrever um romance suga a gente por dentro.
- Que tipo de romances você escreve?
- Meus livros têm heroínas românticas e apaixonadas. O que estou escrevendo tem como fundo a história da construção das ferrovias paulistas.
- O que a levou a escolher o tema?
- Creio que escrever um livro é a melhor forma de comunicar nossos pensamentos para nós mesmos! Mas a escolha do tema é uma longa história.
- Pode contar que eu tenho tempo, todo o tempo do mundo! - Ele sorriu, sentiu que a conversa começava a se desconstrair.
- Então vou lhe servir um vinho do Porto. - Ela olhou o relógio. - Talvez já seja a hora de um aperitivo para o almoço.

Ela encheu dois cálices, deu um a ele e propôs um brinde a que ele conseguisse uma prova definitiva do suicídio.

- Ainda não sei como, mas vou conseguir uma além das que já existem e vou convencer sua tia!

Os dois bebericaram o vinho.

- Bem, vamos à sua história! - ele falou.
- Há algum tempo, estive na Inglaterra. Além de ser um país maravilhoso com seus castelos mal-assombrados por todo o canto, fui até Stonehenge.
- As ruínas de uma construção alucinada?
- Você definiu muito bem: uma construção alucinada. Dizem que o monumento é obra dos deuses. Dizem que os deuses que o edificaram morreram ou desapareceram, foram embora em ovnis. Talvez os deuses que o edificaram fossem loucos. - Paloma falava como se estivesse conjecturando consigo mesma. - O que importa é que o monumento está lá, no meio de um imenso círculo, e ninguém consegue decifrá-lo.
- E o que é que Stonehenge tem a ver com a construção de uma ferrovia em São Paulo?
- Eu estava em Stonehenge, perambulando, admirando sem entender, sentindo um vento gelado enrugando minha cara, umas rajadas de garoa cinzenta. Na Inglaterra a gente aprende a gostar do vento, das rajadas de chuva! Não havia quase ninguém e surgiu um homem que parecia um viking. Com corpulência, pele sangüínea, barbas, cabelos e bigodes selvagens. Desses homens que se vêem em filmes andando no gelo e embrulhados em pele de urso. Ao vê-lo, eu sorri imaginando o abominável homem da neve. No entanto, seus olhos eram de um azul que parecia o céu sem nuvens e emanavam uma doçura indescritível.

Paloma deu um gole no vinho, pensou um pouco e continuou:

- Apesar de Stonehenge ser um ponto turístico, naquela hora, éramos os únicos seres

vivos no meio da garoa gelada e das pedras sobrepostas num monumento indecifrável. Apesar do aspecto selvagem, ele retribuiu o meu sorriso com muito carinho, nos cumprimentamos como se fôssemos velhos conhecidos, sentamos numas pedras e conversamos por algum tempo. Pode parecer besteira, mas era como se ele estivesse ali para me falar o que falou.

Paloma emborcou todo o vinho, como se precisasse de fôlego para continuar.

- O viking me falou que costumava caminhar por ali muitas vezes, morava perto e sempre que podia ia lá. Era como se estando ali, alguma coisa do seu inconsciente aflorasse. - Ela falou devagar e olhou Diego para avaliar o efeito de suas palavras. Ele a olhava muito atento.

- Jamais acreditei em vidas passadas, ou talvez jamais tivesse realmente me preocupado com isso. No entanto, naquele local, da maneira como aquele homem foi falando, entendi a coisa de outra forma. Para ele, aquele local era muito propício a deixar o inconsciente aflorar e vislumbrar lembranças desta vida e talvez das passadas.

- E você acredita que já tenha vivido outras vidas? - Diego estava admirado que Paloma enveredasse por aquele tipo de espiritualidade. Embora estivessem em moda, ele achava que não passavam de idéias para suprir carências pessoais. No entanto, seguia a conversa com muita atenção.

- Vou tentar explicar como comecei a pensar no assunto racionalmente. - Ela continuou:
- Uma vida é muito pobre para não ser imortal. As religiões monoteístas explicam que Deus pôs a humanidade no centro do universo, cercado por todo o cosmos, e uma vida se resume a conquistar ou perder a salvação. Nesse julgamento você tem de escolher corretamente entre duas forças opostas: a força de Deus e as tentações ocultas do Diabo. Só que uma pessoa qualquer não está qualificada para determinar os atos corretos. Esse é o domínio dos padres, pastores, rabinos e outros líderes. Eles se dizem escolhidos para interpretar as escrituras sagradas e revelar, se você está em harmonia com Deus ou está sendo ludibriado por Satanás. Seguindo-lhes as instruções, assim que morrer, entrará no céu. Caso contrário, sua alma será condenada e talvez tenha de enfrentar todos aqueles demônios horrorosos no meio do fogo, te esperando com garfos pontiagudos! - Paloma disse as últimas frases sorrindo.

- Isso eu aprendi na aula de catecismo, quando ainda era muito inocente. - Diego comentou, tomando cuidado para não deixar aflorar o sarcasmo.

- Diante do monumento de pedra, percebi que era mais fácil acreditar numa roda de diversas vidas, sem princípio ou fim, ou com princípio e fim desconhecidos. Cada vida é efeito da anterior e engendra a seguinte, mas nenhuma determina o conjunto. O surpreendente foi o viking dizer que as coisas não funcionam na base de crime e castigo, você faz algo sórdido e, para pagar, vive a vida seguinte toda desgraçada. Essa idéia ainda é resquício do ranço das religiões. As repetições visam simplesmente que nossa alma se aperfeiçoe. Se não aprendemos com uma experiência, ela se repete até que tenhamos uma atitude diferente ou mais evoluída frente à uma situação semelhante. Ou talvez com o passar do tempo a vibração da Terra vai mudando e as almas voltavam para aprender a mesma coisa em vibração diferente.

Embora para Diego aquilo parecesse uma bobagem, ele tentava seguir-lhe o raciocínio.

- Essa idéia de aperfeiçoar o espírito em vibrações diferentes, talvez seja um pouco mais racional do que estarmos pagando por coisas que nem sabemos ter feito, - comentou.

Paloma ficou pensativa, parecia buscar alguma coisa na memória, então continuou:

- Depois de pensar um pouco, disse ao viking que doutrinada num exercício de séculos, vida após vida, a alma deveria atingir a perfeição da tolerância e estaria apta a enfrentar qualquer

tranco. No entanto, nos dias de hoje, os seres humano pareciam potencializar os traumas! O viking ficou olhando o monumento envolto na garoa. Então explicou que, da mesma forma que não entendíamos o porque e nem mesmo como se fizeram monumentos como o que estava à nossa frente, não fazíamos idéia dos desígnios de Deus. Com os olhos azuis muito doces, ele falou que viver a vida era como olhar o céu estrelado, enluarado. Bastava nos deliciarmos com a beleza. Não havia como compreender. Como um céu estrelado, talvez o monumento seja anterior aos homens, anterior à terra. Quem poderia ter certeza?

- O tal viking era poético! - Diego falou enquanto pensava se todo aquele papo não era uma simples cantada.

- Essa idéia de praticar coisas sórdidas e depois vivermos uma vida doente e miserável para pagar era o que me afastava da idéia da reencarnação.

- Concordo!

- Incrível como a figura do viking combinava com a garoa gelada, com o monumento de pedras gastas pelo tempo! Ele prometeu voltar no dia seguinte, se eu estivesse perambulando, que fosse perambular por ali. Fiquei na dúvida se não era uma cantada. - Ela falou e observou o efeito que causava em Diego. - Mesmo que fosse, achei a cantada mais original que já ouvira. Estava mesmo sozinha, fui para o hotel, certa de que no dia seguinte estaria ali, na mesma hora, sentada na mesma pedra!

- Você estava viajando com seu marido?

- Estava. Mas sempre que viajamos juntos, ele vai a serviço e durante os dias, fico perambulando pelo mundo. À noite nos encontramos.

- E no dia seguinte, claro, você voltou a Stonehenge? - Diego falou com uma pontada que parecia ciúme e ficou com raiva de si mesmo.

- Voltei e encontrei o viking. Quando ele chegou, eu estava com os olhos pregados nos monolitos, como se tentasse entender um turbilhão imóvel de estrelas numa noite clara e enluarada. "Você sabe apreciar a beleza!", ele me cumprimentou. Então foi me explicando que todas as coisas que existem na terra têm energia própria. Para percebermos, era preciso começar desenvolvendo uma apreciação mais profunda da beleza. Se eu já tivesse esse dom, as coisas seriam mais fáceis! Em geral as pessoas batalhavam entre si para sugarem a energia umas das outras. Quando percebemos que podemos tirar energia de outras fontes, tornamos nossa vida bem mais fácil. A princípio, percebe-se a energia como a continuação da beleza.

- E se o que você acha belo eu não acho!

- As pessoas não são iguais, suas almas não vêm das mesmas estrelas, e obviamente não apreciam as mesmas coisas. Mas as características que atribuímos aos objetos belos são semelhantes. Quando alguma coisa nos parece bela, tem mais presença, nitidez de forma e vividez de cor. Salta aos olhos. Brilha! Parece quase iridescente em comparação com o tom mortiço de outros objetos menos atraentes.

Diego suspirou. Embora seguisse o raciocínio, sempre fora cético.

- Veja, aqui na sala existem vários quadros. Você se encantou pela Salomé. Além de saber apreciar a beleza, há alguma coisa nesta pintura que o atraiu, que o conectou com a vibração do autor.

- A mulher é intrigante! - Diego comentou. - Além, claro, do quadro ter uma concepção

fascinante. A mulher está dividida ao meio como se um prestidigitador a tivesse cortado com a espada na altura da cintura e os dois pedaços se voltassem. Na história me parece que ela carregou a cabeça de São João, mas quem o mandou matar foi sua mãe.

- Ela recebeu a cabeça degolada de São João Batista como recompensa pela sua dança. Salomé era neta de Herodes, o grande, aquele que segundo o Novo Testamento mandou matar as crianças para que entre elas matasse Jesus. Fascinado pela dança de Salomé, seu padrao Herodes Antipas prometeu-lhe a realização de todos os seus desejos. Obedecendo sua mãe Herodíades, ela pediu a cabeça decepada de São João Batista. E a cabeça lhe foi trazida numa bandeja. - O olhar de Paloma tomava um brilho vibrante. - A mulher que manda degolar um homem só pode ter um motivo: ter sido rejeitada, ter tido sua sexualidade destruída! Essa foi a idéia que Oscar Wilde colocou na versão que escreveu para Sarah Bernhardt representar!

As palavras de Paloma causaram um estremeamento em Diego. Ele pediu licença para servir-se de mais um cálice de vinho de Porto.

- E foi através desse viking que você se inspirou para escrever sobre os ingleses e suas ferrovias. - Ele voltava ao assunto do seu romance.

- No segundo dia em que o encontrei, ficamos mais umas horas conversando sob a garoa. Disse-lhe que morava em São Paulo, uma cidade onde, antes de todas as mudanças climáticas, também havia muita garoa. Quando a garoa em Stonehenge começou a incomodar, o viking me levou a um pub numa cidade próxima. Os pubs ingleses são uma instituição nacional. A comunidade freqüente, e é o local onde todo mundo sabe da vida de todo mundo. Apesar do frio, bebe-se muita cerveja. Acho que o frio combina com vinho tinto, esquenta o sangue. Ficamos o resto da tarde ali bebendo vinho, e falando sobre a vida, sobre Stonehenge e os homens loucos que o construíram. Falamos dos homens que constróem coisas. Pensamos nuns tantos inventos. Afinal foram os ingleses a inventarem os motores a vapor e a fazerem o mundo entrar na era industrial. Então ele falou que quem criou um motor a vapor, ao contrário do que se pensa, não era um cientista desalmado, mas um homem capaz de observar a beleza, sentir as vibrações da terra e aproveitá-las! Um espírito de luz, mesmo que não andasse tentando encher o saco da humanidade com doutrinas religiosas.

- Estou começando a gostar desse viking. - Diego sorriu.

- Quando ele mencionou as invencionices inglesas, eu me lembrei dos meus estudos sobre São Paulo e da chegada da locomotiva, o que na época foi visto pela população como um verdadeiro milagre. Decidi que quando retornasse ao Brasil, iria pesquisar sobre os ingleses que estiveram construindo a primeira estrada de ferro em São Paulo, a que subia a Serra do Mar vinda de Santos e que chegou a Jundiaí. Bem, foi só quando cheguei e comecei a procurar que descobri que a maior parte da documentação está em Londres. De qualquer forma, tudo o que existe aqui eu li! O que já dá uma história!

Diego estava encantado, com a história, com Paloma. Poderia passar ali o resto da vida ouvindo-a falar de qualquer coisa. Vindo dela, tudo parecia interessante!

- Você veio aqui por causa do finado Roberto, e eu estou tomando seu tempo com histórias que não tem nada a ver! - Ela interrompeu-lhe o pensamento.

- Adorei ouvir sua história, estou até curioso quanto ao romance!

- Se você realmente se interessa, fico feliz. É bom demais ter alguém para nos ouvir. Acho que escrevo por não ter tido quem me ouvisse! Essa história do viking, tentei contar para Antônio

e ele mudou de assunto no primeiro minuto. É a primeira vez que conto inteira.

- Sinto-me lisonjeado. Se não causar problemas com seu marido, vou voltar outras vezes.

Quero ouvir todas as suas histórias. - Diego sabia que o faria.

- Você pode voltar quando quiser! Por hoje, não vou ocupá-lo demais. Cacilda gosta de gente que mostra serviço!

- Preciso convencê-la de que seu filho realmente se suicidou! Você conhecia as amigas do finado?

Ela já havia preparado uma lista com nomes e endereços e entregou-a.

- Todas elas são mulheres livres, prontas para qualquer programa. - Ela fez um ar maroto.

- Bem, - Diego pigarreou e fez um ar sério como se tal assunto não o interessasse. - Quanto ao anel, desculpe a maneira como falei.

- Foi o finado Roberto quem me deu o anel. Não foi um pagamento por serviços prestados na cama!, se é o que você quer saber. - Os olhos dela se perderam num ponto da parede. Por um momento adquiriram toda a tristeza e o desespero que Diego conhecia do vídeo. - Talvez tenha sido exatamente por um motivo contrário!

Diego olhou-a bem fundo nos olhos. Ela enfrentou o olhar. Retomou a segurança. Pegou seu cálice de vinho e bateu-o no dele.

- Que você encontre a prova definitiva e que convença Cacilda!

Ele levantou o copo com os olhos pregados nela e os dois emborcaram o vinho. Encontraria algo que provasse que aquele desgraçado havia passado o diabo antes de morrer! Dobrou o papel e colocou-o no bolso.

- Se você tem tempo agora, vou ligar para o doutor Carlos que deu o atestado de óbito. - Ela falou como se lhe ocorresse a idéia naquele momento. - Ele entra na clínica daqui a pouco, não é longe daqui e com certeza vai atendê-lo.

- Seria ótimo!

Ela foi até o telefone.

- Ele está indo para a clínica e vai te atender antes das consultas. - Paloma falou depois do telefonema.

- Obrigada, vou direto para a clínica.

Diego levantou-se. Os dois pararam frente a Salomé.

- A beleza desta pintura realmente me fascina. - Ele comentou antes de andar em direção à porta.

- Dê notícias depois das entrevistas! - ela falou.

- Com certeza!

- Ah! já ia me esquecendo. Prometi um livro e vou te dar o que mais gosto! - Ela foi até a estante e trouxe um livro, entregando-o a ele.

Diego saiu da casa de Paloma envolto numa onda de felicidade. Talvez por causa do vinho do Porto, ele se sentisse um pouco flutuante. Pegou seu carro e foi para a clínica onde trabalhava doutor Carlos.

Enquanto dirigia, pensou que quando Paloma começou a falar de vidas passadas, achou que teria de enfrentar mais uma convicta do misticismo paranóico, mas até nisso ela fazia uma análise inteligente. As tantas vidas não faziam parte das leis de causa e efeito, nem de entrelaçamentos compensatórios. As coisas se repetiam para que aprendêssemos a superar cada dificuldade e a melhorar a maneira de se defrontar com os problemas. Era o engrandecimento do espírito.

Fazia sentido! Antes, quando pensava em reencarnações, sorria ao imaginar que por suas passadas ou futuras virtudes, todo homem era credor de muita bondade, mas também de muita traição por suas infâmias do passado ou do futuro. Encarados assim, todos os atos acabavam sendo justos, mas também indiferentes. No caso de os espíritos se aperfeiçoarem, fazia mais sentido. Será que a onda de violência se devia a muita gente ter de aperfeiçoar as formas de matar! Ele sorriu. Iria perguntar isso a Paloma! E ela, será que estava nesta encarnação para aprender força e resistência às humilhações?

O assunto era interessante, mas ele precisava continuar a investigação. Afinal estava sendo pago por Cacilda para mostrar algum serviço encontrando a prova cabal de um suicídio. No fundo da alma, o que desejava era encontrar um motivo que tivesse feito o finado se corroer por dentro antes de beber veneno!

Diego parou o carro na porta da clínica, ligou do celular para o escritório e pegou os recados da secretária eletrônica. Havia outros casos a dar seguimento. Entre os diversos recados, havia um de Victor, dizendo que se ele estivesse só no fim da noite, fosse ao mesmo restaurante. Estaria lá.

Passou os olhos pela lista que Paloma lhe dera e, lendo os endereços, viu que Helena vivia no prédio em que ele gravara a fita de vídeo. Imediatamente decidiu que seria a próxima que iria

visitar. Dali mesmo telefonou-lhe.

Enquanto discava seu número, deu um profundo suspiro. Como gostaria de ser um detetive durão e não se deixar envolver pela emoção! Paloma o tirava de seus propósitos. Diante dela perdia o pique de imitar os durões. Perdia o cinismo com que encarava as situações! Será que ainda iria terminar a investigação como um adolescente apaixonado!

Depois de vários toques, a secretária eletrônica de Helena atendeu. Ele deixou o recado pedindo que ela o esperasse no final da tarde. Disse que era importante. Desligou o telefone e foi para o consultório.

Uma fila de pessoas se apinhava da porta de entrada à recepção da clínica. Vários médicos seguidos de suas especialidades estavam relacionados num quadro sobre a recepcionista. A moça atrás da mesa informou que doutor Carlos ainda não retornara do almoço, mas não devia demorar.

Diego sentou-se entre os pacientes que aguardavam consulta. Após alguns instantes começou a se sentir como um deles. O vinho do Porto, ou a mulher com quem o bebera, deixara-lhe uma fluidez difusa. Além da cabeça, outras partes de sua anatomia começaram a se desprender. Era como se não conseguisse manter a mente atrelada ao corpo. Quando viu passar um homem vestido de branco, estava a ponto de contar-lhe seus sintomas.

A atendente o chamou. Diego se pôs desperto e entrou no consultório. Doutor Carlos era um homem alto, de aparência respeitosa, a cara enrugada como uma árvore velha e uma imensa cabeleira branca que tentava assentar com os dedos.

Usava óculos bifocais e esperava Diego na porta. Cumprimentou-o com um sorriso simpático. Como se fosse atender um de seus pacientes, sentou-se atrás da escrivaninha.

- Cacilda ainda não se conformou? - Ele balançou a cabeça e tentou assentar mais uma vez os cabelos.

- Fui contratado e tenho de vir fazer-lhe as costumeiras perguntas. - Diego tentava ser o mais cordial possível. Afinal havia uma infinidade de pessoas que realmente precisavam do médico e ele estava tomando-lhe o tempo.

- Gostaria de lhe dizer uma palavra mágica que convencesse Cacilda. Só posso lhe dizer que não há a menor dúvida que meu sobrinho Roberto da Costa Medeiros se suicidou. Ingeriu cianureto

suficiente para matar um cavalo, ou até vários deles. A garrafa do licor estava destampada sobre a escrivaninha, o vidro de veneno vazio numa das gavetas, e ainda havia um bilhete com todas as explicações necessárias e comprovadamente com sua caligrafia. Também tenho certeza absoluta que se um gato tivesse passado pelo portão, Joana teria notado. Ninguém entrou naquela casa depois da saída de Gisela e o cianureto mata em segundos. Cacilda está louca! - Os olhos do doutor se voltaram para os diplomas da parede. Depois de uns momentos ele continuou: - As mães sempre ficam loucas!

Diego olhou-o sem saber se era uma ironia ou uma verdade.

- O senhor não saberia algum motivo que o tivesse levado ao suicídio?, - perguntou.

- Nenhum. Só sei que foi um homem que passou da adolescência à morte. Por toda a vida negou-se a amadurecer.

Diego não sabia bem o que o médico queria dizer com isso, mas lembrou-se do vídeo e concordou.

- Ele não estava doente? Quem sabe descobriu que tinha câncer, AIDS, ou uma destas novas doenças em que os organismos se autodestroem.

- Meu sobrinho era saudável. Ele fazia check-up todos os anos e terminara de fazer um. Trouxe o resultado dos exames para que eu analisasse. Estava em perfeita forma. Se tivesse AIDS ou algum tipo de câncer, o suicídio poderia ser uma reação contra a crueldade do destino. Como uns tantos homens da sua idade, estava rastejando atrás de uma mulher bem mais nova na esperança de recobrar a juventude, ou manter a imaturidade.

- Por que um homem com dinheiro e de boa aparência haveria de se matar?

- Por que não? - Doutor Carlos franziu a testa levantando as pálpebras num arremedo de sorriso cansado. - Sou médico há cinquenta anos e acredito que querer viver é tão estranho como querer morrer. Há clientes meus, terminais, sofrendo de uma forma inacreditável, cuja única razão da vida é fazer o impossível para continuar vivendo. Há pessoas como meu sobrinho que sabem que a vida já não pode apresentar grandes emoções e buscam a morte. Talvez os males da alma sejam mais destruidores do que as dores físicas!

Diego manteve-se calado, esperando que continuasse. Ele moveu os olhos sombrios.

- Suicídio não é crime. Não há como ameaçar o suicida com qualquer pena. Antigamente

os suicidas não podiam ser enterrados em lugares santificados. Havia um local fora do cemitério para eles, eram ameaçados com o eterno fogo do inferno. Hoje nem isso! - Doutor Carlos abriu as mãos num gesto de impotência. - Só posso lhe dizer que Cacilda está louca e desejo de coração que você consiga convencê-la de que foi ele o autor da própria morte.

Doutor Carlos lançou um olhar de extrema compaixão para Diego, então continuou:

- Mozart com cianureto é um meio romântico de lidar com a morte. Lembra os cardeais da idade média que carregavam venenos poderosíssimos dentro da pedra do anel que se abria sobre o copo de vinho dos inimigos.

- Hoje em dia já não há tais sutilezas. - Diego sorriu.

- Tem razão. Se alguém tivesse a intenção de matar meu sobrinho, dava-lhe um tiro.

- Posso ver o bilhete? - Era o que restava a Diego.

O doutor abriu a gaveta, tirou uma pasta e dentro havia um pedaço de papel.

" Mãe,

já vivi tudo o que é possível um homem viver. Como você é a única mulher que se preocupa comigo, quero que me perdoe. Não há mulher que resista ao meu charme e levo quem eu quiser para a cama. Só que em pouco tempo acabam demonstrando que me querem a fim de se arrumar na vida, ou melhor, em pouco tempo eu me enjojo da cara delas!

Roberto"

Diego leu duas vezes e devolveu o papel.

- Não imagino que alguém escreveria tal bobagem se não estivesse com o copo de veneno pronto para beber!, - a voz do médico tinha um tom de sarcasmo. - A folha de papel foi arrancada de uma agenda que encontramos na gaveta, a caligrafia é dele. Fizemos muitas comparações. Tenho amigos especialistas que me deram um atestado quanto à caligrafia. Mas nem isso convenceu Cacilda.

- Estou preocupado com a tarefa que assumi. Todos têm certeza que foi suicídio. Não saberia como prová-lo para Cacilda. Se ela não acredita no bilhete, nem no veneno, não sei que outra

prova eu poderia encontrar que a acalmasse.

- Eu não queria estar em sua pele!, - o médico falou antes de se levantar e se despedir.

Diego vivia num pequeno sobrado da rua Frei Caneca. Estacionou na garagem, fechou os portões, passou a corrente e o cadeado e entrou. As cortinas pesadas criavam na sala uma penumbra gostosa. Ele gostava de entrar e ir adivinhando as coisas até que os olhos se acostumavam à luz do ambiente. Dentro da sua casa era como estar em outro mundo. Saía de uma rua agitadíssima, com um trânsito infernal e de repente era como entrar num templo calmo e sereno. Em geral, era na solidão e no silêncio que sua mente atinava com as melhores deduções.

Era também no escuro que as imagens de sua vida se mantinham na penumbra. Fora casado e quando voltava para a casa todos os dias havia dois meninos correndo para abraçá-lo. Como eram felizes aqueles momentos, ou quem sabe a lembrança deles. Depois que sua ex-esposa encontrara um aventureiro que a levava para viver em Miami, os filhos foram com ela e ele tinha a oportunidade de vê-los uma vez por ano. A cada encontro ficavam maiores e mais distantes. Dois adolescentes que ele via crescer sem saber o que faziam, do que gostavam, quem eram seus amigos. Até a língua em que se comunicavam, que era o português, estava ficando difícil de manter. Restava o micro. Pelo correio eletrônico, trocavam mensagens amistosas, beijos e abraços que jamais se davam pessoalmente.

Diego deixou-se cair no sofá. Tinha um caso e era sobre ele que seus pensamentos deviam fluir. A visita a doutor Carlos ao invés de ajudar, deixou-o mais preocupado. Se um médico respeitável como aquele não conseguira convencer Cacilda, o que é que ele poderia fazer? Desistir do caso seria uma das soluções. O problema era que, além da necessidade de dinheiro, seu motivo básico era pessoal. Sentia um desejo alucinado de encontrar um motivo escabroso que tivesse levado o finado a perder toda o tesão pela vida e a beber cianureto. Tinha necessidade de ver Paloma vingada. Aquele sentimento era fruto de alguma coisa que nascia dentro dele e que lhe era difícil admitir. Um homem solitário como Diego não devia acreditar no amor. Paloma despertava-lhe alguma coisa na alma, e isso talvez fosse normal para um adolescente, mas para um sujeito entrando nos quarenta, que lidava com

relacionamentos, a sensação era estranha e estonteante. Diego respirou fundo e pensou nas obrigações.

A próxima a ser visitada seria Helena, a mulher que vivia no prédio onde Paloma fora a protagonista da história de horror. Com certeza a única coisa a acrescentar seria mais um dos casos do finado. Diego suspirou. Tinha algumas horas antes do final da tarde. Resolveu ligar para Cacilda. Discou o número pensando em como um detetive de ficção faria para convencê-la.

- Alo.

- Cacilda?

- Sim.

- Falei com doutor Carlos, seu cunhado. Ele pesquisou cada detalhe da morte de Roberto e tem certeza de que foi suicídio!

- Se eu precisasse saber o que ele acha, não o teria contratado!

Diego suspirou. Cacilda se parecia com as senhoras idosas e prepotentes das novelas policiais, ele jamais seria o durão que almejava. Informou-a sobre tudo o que havia feito e a próxima visita a Helena.

- Continue. Se você for bom, vai encontrar uma pontinha solta e descobrir que Roberto foi assassinado! Intuição de mãe não falha!

Diego desligou. Todas as provas e as testemunhas chegavam ao suicídio! O que levava aquela mulher a ter tanta certeza de que alguém matara seu filho! Pura intuição de mãe, sexto sentido das mulheres?

Enquanto esperava, Diego recostou-se no sofá e pegou o livro de Paloma. Esperava se corroer na leitura de sentimentos vagarosos e inacabados, mas não precisou de muitas páginas para perceber que se tratava de uma dessas histórias de ficção barata, a "pulp fiction" tão usada no cinema. Não era simplesmente um roteiro romanceado, com desentendimentos amorosos, desencontros e infelicidades capazes de causar pasmo a um autor de telenovela mexicana. O casal protagonista, vivia uma paixão desarvorada. Havia tormentas, camas, lençóis branquíssimos, lareiras acesas, champanhe borbulhante, beijos asfixiantes, carícias estremecedoras, e também vidraças quebradas, copos espatifados, incompreensões, acessos de ira, tapas na cara seguidos de beijos resfolegantes, charretes e cavalos desembestados, excessos, desmaios. Havia cenas de paixão e entrega que se superavam em

ridículo e venciam qualquer resistência que o leitor pudesse ter ao grotesco da situação. Era uma novela que não tinha medo dos próprios defeitos.

Era estarrecedor que uma mulher que vivenciara as humilhações que gravara, conseguisse descrever atos sexuais que de tão descabidos, acabassem por excitar. Em seus relacionamentos, ele jamais vivera uma coisa tão sensual, libertina. De onde Paloma tirava tamanha sensualidade, se sua tentativa de viver uma semana com o amante havia resultado num filme de horror!

Era vergonhoso comover-se com aqueles amores novelescos. Diego não conseguia resistir, não conseguia parar de ler. Era-lhe necessário saber aonde ia dar tudo aquilo. O inusitado da concepção, o exagero do kitsch, o absurdo da situação o pegavam desprevenido. Nem o melhor do "pulp fiction" pensaria situações como as que Paloma criava!

No meio de tudo aquilo, o que a Diego pareceu realmente interessante, era o fundo histórico. Embora a protagonista fosse branca e vivesse na cidade de São Paulo na época em que a Academia de Direito produzia poetas românticos, havia lances históricos interessantes. A protagonista e o estudante tinham um quarto alugado para dar vazão aos seus amores alucinados. Era ali que nos momentos de felicidade ou no auge dos desentendimentos escreviam versos descabidos e iam pregando pelas paredes. Também era nestes momentos que, em vislumbres de vidas passadas, a protagonista via-se num passado de denúncias que chegaram à Inquisição lisboeta, entre 1762-1781, contra moradores da Capitania de São Paulo envolvidos com diferentes tipos de feitiçarias e sortilégios.

Era através da perigosa bruxa Inácia, negra crioula, escrava de Manoel Pereira Camargo, residente em Cotia, infamada de ter matado muitas pessoas graças a seus medonhos feitiços, que Paloma descrevia todo o tipo de trabalhos das feiticeiras, desde práticas divinatórias até cerimônias cabalísticas. Embora vivesse em Cotia, a negra freqüentava ilustres residências da cidade de São Paulo e gozava de boa consideração. Era chamada por senhoras respeitáveis para o preparo de feitiçarias, filtros de amor ou para rezas bravas. E embora fosse acusada de ter matado, nos autos, afirmava que a mulher só chegava à sabedoria das coisas da vida pelo prazer sexual, portanto preparava a quantas mulheres o pedissem filtros de amor infalíveis. E era através dos seus filtros de amor que a protagonista do romance atraía seu homem.

Nos autos descritos por Paloma, negra Inácia havia feito um feitiço muito forte e

peçonhento contra seu senhor. Nenhum dos residentes em São Paulo, chegou a ser queimado pela Inquisição. Mas negra Inácia havia sido pressionada por violenta tortura e confessou como o havia feito. Primeiro misturou na comida de seu amo um bocadinho de pó de defunto e de dente de jacaré, provocando-lhe fortes dores nas cadeiras e barriga. Em seguida enterrou debaixo da porta de sua casa um pássaro mirrado, dois ovos de galinha e uma raiz grossa de butá (planta da família das Menispermáceas, também chamada "falso paratudo"). Disse ter feito esse feitiço para seu senhor ir mirrando, e que, quando os ovos apodrecessem, também lhe apodreceriam as entranhas. A raiz do butá era para ele prolongar a vida, sofrer e ir morrendo aos poucos.

Ela confeccionava bolsas de mandinga tanto para escravos, negros libertos ou senhores. Na que foi arrancada do seu pescoço havia um dedo de criança seco, lasquinhas de unha, osso de defunto, pó de sapo, raiz de mil-homens e chifre de rinoceronte.

Além de rezas bravas, ela exorcizava endemoninhados, privilégio exclusivo dos sacerdotes detentores da autorização episcopal. Também carregava uma hóstia que declarara ser para comungar na hora da morte, inspiração sacrílega posto que, na época, somente os sacerdotes tinham o privilégio de tocar no preciosíssimo corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo.

A tal negra Inácia não parava por aí. Encontrava feitiços adivinhando quem os fizera. Nesta tarefa, usava uma panela de barro, onde colocava caveiras de caranguejo ou de corvos com água, e segurava com os dentes um dedal de prata dizendo certas palavras. Uma testemunha afirmou que durante o trabalho, ela falava palavras em sua língua nativa, desenterrando com uma faca, dentro ou fora das casas, assim como pelas encruzilhadas das estradas, misteriosas botijas ou saquinhos repletos de ossos de sapo, penas, vidros, cabelos, pimenta, agulhas e outros espantosos ingredientes. Tinha também o costume de tirar água da dita panela e aspergir com a boca pela soleira da porta, ou esguichá-la no chão quando abria os ditos buracos para desenterrar feitiços.

Apesar de todos aqueles atos estranhos, a negra Inácia não foi queimada pela Inquisição. Paloma a descreve envelhecendo com dignidade após ver o patrão sofrido e morto. A causa de seu ódio foi o fato dele freqüentar a senzala, obrigando-a a aceitá-lo sobre ela. Seu ódio maior foi que ele a usou sem lhe dar prazer até que ela engravidou, então desprezou-a, tomou-se de nojo por ela e se pôs a usar uma negra nova. Fora outro homem quem lhe dera o prazer sexual, que a iniciara na sabedoria das

coisas da vida. O patrão que a desprezara, fez com que morresse bem devagar, de morte muito sofrida.

Diego terminou a leitura. A história o deixara atordoado. Bebeu água, foi ao banheiro. Como ainda faltasse um pouco para a próxima visita, ligou o vídeo. Queria ver a imagem de Paloma, rever aquela outra história não menos ridícula.

Não havia dúvidas de que Gisela era a mulher que aparecia várias vezes no quarto do finado, vestida num quimono curtíssimo e de banho tomado, pronta para pular em sua cama e ter um orgasmo ao primeiro toque. O finado fez questão de demonstrar a Paloma que Gisela lhe era muitíssimo querida. Tomaram um cálice de Martini com uma azeitona dentro e ele alisou-lhe as pernas demonstrando que a queria e seu corpo não lhe causava repulsa. Tudo isto ocorria na frente de Paloma.

Diego conjecturou o que seria mais ridículo, o livro de Paloma ou o vídeo. Se julgasse como o detetive durão, arrasaria com os dois. No entanto, os dois o comoviam, mexiam alguma coisa no fundo da sua alma.

Todo o vídeo lhe parecia uma destas ironias do destino que de tão pesadas, de tão violentas tornavam de mau gosto qualquer comentário. Sem ter medo do ridículo, Paloma dizia ao finado que ela estava ali para viver com ele um sonho de amor, e ele enchia a casa com um bando de mulheres com as quais havia trepado dias antes! Ela implorava por carinho, pedia pelo amor de Deus um beijo. Ele se negava a estender o braço e alisar-lhe os cabelos e ela ficava furiosa, brigava, agia como uma adolescente idiota. Havia um trecho em que Paloma saía do quarto e entrava Gisela. Colocando carinho no olhar e alisando-lhe as pernas, o finado afirmou que aquela parente era uma idiota e que assim que fosse embora, Gisela poderia voltar e então poderiam se amar à vontade.

Depois que Gisela vai embora havia uma cena em que o kitsch superava a si mesmo e venciam as resistências de qualquer mortal. Paloma entrou no quarto, sentou-se no chão ao lado da cama. Chorando, ela perguntava por que ele havia feito aquilo com ela? Por que deixara ela inventar aquela mentira para o marido e ir para sua casa? Será que ele não percebia a humilhação a que a estava submetendo? Ela não podia ir embora enquanto não acabasse a excursão, não haveria uma desculpa plausível, tinha de agüentar a humilhação até a última gota. Como se ela mesma não quisesse acreditar no que estava ocorrendo, implorou por um gesto de carinho, um beijo! Como se olhasse uma lesma no alface, o finado simplesmente disse não. Ela tentou tocar-lhe a mão e ele rolou na cama afirmando que

seu coração batia por outra que não tinha a intenção de trair. A jovem Liliana havia lhe tocado o coração. Paloma saiu do quarto aos prantos.

Era vergonhoso comover-se com tal situação, mas também era difícil resistir. O inusitado da concepção, o exagero do kitsch, o absurdo da situação punham os sentimentos em carne viva. Se estivesse no cinema, Diego diria que aquelas cenas estavam abaixo de qualquer juízo estético. Tinham uma veemência quase bárbara, uma rotundidade, uma falta de senso do ridículo que as absolviam de serem tão ruins. Eram um dramalhão para arrancar lágrimas das pedras! Se tivessem um pingão de estilo, Diego talvez conseguisse ser mais sensível e crítico ao que tinham de ruim e caricato. Vistas daquela forma eram de um horror que superava o próprio horror.

Será que aquilo realmente ocorrera, ou Paloma estaria treinando o roteiro dramático de suas histórias. Era tudo tão inacreditável! Era um labirinto sem centro, sem Minotauro, sem o fio de Ariadne.

Diego sabia que era preciso falar sobre o vídeo. Paloma precisava saber. Mas como? Qual seria a missão mais árdua: descobrir uma prova que batesse o sexto sentido de Cacilda ou falar do vídeo à Paloma? Diego suspirou. Era inacreditável que a história daquele vídeo fosse real. Um homem que levava uma mulher para a casa e punha aquele mulherio junto, com a única intenção de humilhá-la sem trégua, além de imaturo, era um homem muito cruel. Doutor Carlos tinha razão ao dizer que o finado se negava a amadurecer.

Desligou a televisão pensando que arranjaría a prova não só para Cacilda. Talvez mais do que ela, ele precisasse ter certeza de que aquele desgraçado havia se revirado na lama de alguma humilhação antes de beber veneno. Queria que tivesse o pior motivo do mundo! Ao mesmo tempo em que pensava tudo aquilo, Diego via ir pelo ralo todo o seu senso profissional, toda a sua luta de uma vida tentando ser o detetive cínico que jamais se envolvia pelos casos ou pelas clientes.

O apartamento era no mesmo edifício em que gravara o vídeo de Paloma. Situava-se numa das alamedas que desciam da avenida Paulista. A noite caía sobre a cidade. Antes de entrar, Diego ficou algum tempo parado, sem pensar em coisa alguma, olhando a rua, as grades de ferro, o porteiro. Não era o mesmo que estava ali quando se apresentou com uma maleta para consertar uma televisão e instalara a filmadora no quarto do finado, dentro do maleiro do armário embutido.

Tocou a campainha. Com toda a indiferença do mundo, o porteiro voltou os olhos para o portão e destrancou-o. Pelo interfone, anunciou que o homem que deixara o recado na secretária eletrônica chegara.

- Dona Helena mandou subir. - Ele falou e, com a mesma indiferença, indicou onde era o elevador.

Diego entrou no prédio. No salão de festas do térreo havia uma festa ruidosa, cheia de adolescentes descabelados, suarentos e vestidos como mendigos. Um bafo de quartel inundava toda a entrada.

Subiu, saiu do elevador e apertou o botão da campainha. Ouviu sininhos tocando lá dentro. Houve uma longa espera, após a qual a porta se abriu um tanto abruptamente.

Diego não era o homem que Helena estava esperando. Ele verificou facilmente pela expressão de desapontamento nos olhos excessivamente maquilados. Sua expressão tornou-se vaga. Ela simplesmente ficou ali parada, impassível, a fitá-lo. Era uma morena baixa, magra, os cabelos presos num elástico, a boca de dentes miúdos que mais mostrava as gengivas, um vestido de alças muito curto e colorido. Umas sandálias de salto muito alto. Ela fez um gesto desdenhoso tirando o cigarro da boca.

- E então, algum problema, ou se perdeu da festa que está ocorrendo no térreo.

- É uma tremenda festa! Mas estou aqui por outro motivo.

Um barulho de garrafas se quebrando percorreu todo o prédio, e o elevador passou pelo

seu andar com adolescentes berrando dentro. Enquanto tudo isso acontecia, a morena não mexeu mais do que uma pálpebra.

- O que foi mesmo que disse? - Ela falou depois de uma profunda tragada no cigarro.

- É Helena?, - ele indagou. - Vim da parte de Cacilda, mãe do seu ex-namorado Roberto Costa Medeiros.

Ela olhava-o como se ele tivesse vindo para desentupir as privadas sem ter sido chamado.

- Detetive! - finalmente concluiu levantando as sobrancelhas.

- Exatamente.

- Entre!, - ela afastou-se da porta o suficiente para lhe dar passagem, depois fechou-a.

A sala era atulhada de móveis de madeira escura. Os lustres eram uma explosão de cristal, havia uma cortina de mil babados no fundo e um tapete de pele de tigre no chão. O lugar combinava perfeitamente com sua dona.

Ela apontou um sofá e Diego se sentou. Ela acomodou-se numa cadeira à sua frente e esmagou o cigarro num cinzeiro. Abriu uma pequena bolsa brilhante, tirando um novo cigarro. Acendeu-o. Soprou uma nuvem de fumaça para o alto e fez um ar de satisfação ao olhá-la.

- Aquela mulher está completamente maluca!, - disse depois de mais uma tragada. - Cacilda me ligou nem sei quantas vezes falando sobre a morte do filho. Fiquei chocada. Jamais imaginei que ele se suicidasse. Mas ele se suicidou! Fazer o quê?

- Você foi ao enterro?

- Fui.

- Saberá me dizer se ele tinha algum motivo para se matar?

- Fazia algum tempo que não saía com Roberto. - Deu mais uma tragada e olhou a fumaça. - Já não fazia parte do bando de mulheres com quem ele fazia programas.

- Talvez o motivo existisse há algum tempo!

Ela apoiou o cigarro num cinzeiro deixando-o fumar. Diego sentiu a garganta um pouco irritada, pigarreou e apagou-o.

- Já pesquisou se não havia perdido algum dinheiro! Em geral os homens se suicidam por falta de grana!

- Foi o que perguntei a Cacilda e ela negou. De qualquer forma, me informei no banco. Quando morreu tinha uma conta bancária apreciável, além de ser herdeiro dos bens da mãe. Já pesquisei se ele não estava com AIDS ou qualquer outra doença do gênero e, segundo seu tio que é médico, estava muito saudável.

- Então as coisas se complicam. Um homem se matar por uma desilusão amorosa não é normal. E muito menos ele!

Olharam um para o outro. Ela parecia um pouco mais calorosa, mas nada que fizesse seu olhar perder o ar de desdém.

- Gostaria que você falasse do relacionamento de vocês, enfim o que sabe sobre ele! Hábitos, manias.

- Um homem só e com quase cinquenta anos sempre tem muitos hábitos e manias. Ainda mais um cara sozinho!

- Ele vivia com a mãe.

- Mais um motivo para se encher de manias alucinadas. Mas vamos aos fatos. - Ela tomou uma posição mais relaxada.

- Se a história vai ser comprida, que tal um drinque? - Ele assumiu uma expressão solene. Ela ignorou o comentário.

- Na realidade ele tem um quarto na casa da mãe e é lá que lhe lavam as cuecas. Em geral dormia na casa de suas mulheres ou nos apartamentos desalugados onde as levava.

- Desde quando o conhece?

- Eu o conheci há uns três anos, no elevador aqui do prédio. Ele tem um apartamento quatro andares acima do meu. Agora está alugado, mas há pouco tempo esteve desalugado e ele trazia suas mulheres para trepar aqui. Nem sei te dizer quantas foram, mas era um bando delas!

Diego estremeceu. Sempre a imagem de Paloma!

- Segundo ele, nenhuma delas lhe resistia. Acreditava que seu porte, sua beleza, seus músculos, seu rosto bem feito, faziam maravilhas. Sua "performance" nos barzinhos e na sedução, todos os requisitos eróticos imagináveis. - Ela fitou-o com frieza, mas logo seu rosto se desanuviou e ela disse um pouco desolada: - Difícil conceber repetição mais monótona!

Diego continuou fitando-a, esperando o resto da história.

- Ah! os homens! - Ela parecia fazer um grande esforço para tomar fôlego e continuar. -

Para ser sincera, ele nem era muito bom de cama, mas enquanto não se tem coisa melhor, era bom para me levar passear e pagar as contas. Gostava de levar suas mulheres a restaurantes sofisticados, pedia pratos caros, era conhecedor de bons vinhos e pagava tudo sem conferir a nota! Pelo tempo em que usou o apartamento, nas noites em que não tinha outros compromissos, me telefonava, deixava a porta destrancada e eu ia para lá, ouvíamos música, tomávamos uns drinques e saíamos. Ele inventava restaurantes, bares, enfim, o que eu quisesse, depois voltávamos e “esticávamos” no seu apartamento! - Ela procurou a bolsa dourada, tirou mais um cigarro e, lançando a Diego um olhar de desafio, acendeu-o. - Gostava de poder pagar as contas, tinha verdadeira mania de contar seus casos anteriores.

- E você sabe por que ele parou de trazer as mulheres aqui?, - Diego perguntou.

- Ele conheceu uma dona que se dizia muito jovem. Talvez estivesse na vida desde os doze e por isso estivesse um pouco acabada. De qualquer forma ele acreditava que chegando aos cinquenta, ter uma mulher de vinte e tantos, iria lhe resgatar a juventude perdida. A última vez que o vi, disse que se casaria com ela. Creio que outro apartamento desalugou e ele fez lá o ninho de amor. Desde então o daqui está alugado para um casal com um filho pequeno.

Como se aquele assunto a perturbasse, Helena tragou o cigarro e bateu-o com raiva na beira do cinzeiro.

- Desde então vocês não tiveram mais noitadas! - Diego concluiu o óbvio.

- Ele era o tipo de cara que quando não queria mais uma mulher, sabia como humilhá-la e jogá-la fora com desprezo. - Ela bateu novamente com o cigarro na beira do cinzeiro e fitou-o nos olhos. - Depende do lado em que se está, a coisa pode ser divertida ou horrorosa. Por vezes aparecia alguma mulher que já não lhe causava tesão. Então me ligava e pedia para que eu subisse. Ele se mostrava todo atencioso comigo, me fazia algumas carícias. Como se tivéssemos um acordo, eu mencionava alguma coisa que desse a entender que tínhamos um caso. Era divertido ver como as coitadas saíam humilhadas e então era eu a ganhar a noite.

Diego respirou fundo. Aquela era a mulher que fazia com que Roberto andasse com a chave pendurada no cos da calça para abrir a porta no momento exato em que precisasse de alguém

para escorraçar a mulher que queria se desfazer. No vídeo, ele fizera várias vezes a cena descrita por Helena e Paloma resistiu.

- O azar é que ele tinha técnicas de sedução muito banais. - Helena fazia um ar de desdém. - Eu que o estive ajudando a escorraçar as mulheres, o vi chamando a todas elas de "menina"! Quando elas o olhavam com olhar de idiotas apaixonadas ele dizia que era cara de "freirinha deslumbrada". Talvez para ele o sexo fosse tudo o que podia falar dele, ou seja, gostava de contar as próprias aventuras. Tinha sempre alguma idiota para quem pudesse se gabar de seus grandes feitos.

- Você conheceu Paloma? - Diego perguntou e sentiu medo da resposta.

- Essa foi mais do que escorraçada!, - ela sorriu com um misto de êxtase e pena. Seus olhos tomaram um brilho de regozijo. - Ela não se foi rapidamente como as outras. Ficou um tempo, parece que tinha inventado umas mentiras para o marido e não podia voltar para a casa. Roberto deitou e rolou. Humilhou-a como não se humilha um cachorro da rua! Fui para lá quase todas as noites. Até mesmo quando Gisela estava lá. Como Gisela mora na Lapa, ele quis que ela ficasse três dias no seu apartamento enquanto estava procurando emprego pelos arredores. Claro que coincidiram com os dias em que Paloma estava lá. Veja a técnica de humilhar! Paloma resistiu galhardamente. Conversava, sorria como se fosse amiga de todo o mundo.

Diego ouvia sem querer ouvir, mas não havia como pará-la.

- No último momento, Paloma bebeu um copo de cerveja olhando-o como se esperasse o milagre de um gesto de carinho e ele ficou do meu lado, com o olhar cheio de tédio e fastio, até vê-la desaparecer. Ela estava tão apaixonada, deixou-se humilhar acima do que uma mulher decente se deixaria. - Os olhos de Helena iam ganhando brilho, perdiam o ar de desdém. - Ela estava destruída, podia-se sentir no ar o quanto aquela mulher estava quebrada por dentro. Depois que ele a escorraçou, foi a noite em que senti maior prazer em ganhá-lo. A figura de Paloma escorraçada, fez com que rolássemos na cama morrendo de rir. Confesso que foi a única noite em que ele foi realmente bom de cama!

Todas as vezes em que assistia mulheres destilando ódio umas nas outras, Diego pensava que com certeza era esse tipo de sentimento que mantinha o mundo na órbita correta! Não tinha dúvidas que ela se excitara muito mais escorraçando Paloma e ganhando o finado, do que se ele lhe dedicasse

carinho ou afeição. Mulher é fogo! O prazer maior talvez esteja em vencer a outra, ver a outra sair nocauteada.

- Se ele fizesse para mim o que fez para Paloma, não tenha dúvidas de que eu o mataria. Só que não seria com um veneno tão rápido. Encontraria um meio de vê-lo sofrer e definhando aos poucos!

Helena conjecturou e Diego estremeceu. A feiticeira que Paloma descrevera em seu livro, também fora desprezada e fizera um feitiço para matar seu senhor com a lentidão do seu sofrimento! Veio-lhe à mente uma mulher enterrando um pássaro mirrado, dois ovos de galinha que iam sendo envoltos por uma raiz fatal. Diego pigarreou, passou a mão nos cabelos. Não podia se deixar dominar por aquelas imagens!

- E a tal a mulher com quem ele ia se casar?,- perguntou.

- Esta esteve aqui algumas vezes, mas não consegui vencê-la. Aliás eu só a vi no elevador, ele não me pediu para ir lá ajudá-lo a escorraçar mais essa! - Seus olhos perdiam o brilho.- Ao contrário, até emprego para ser atendente do tio que é médico ele arranhou para ela. Deu-lhe um apartamento para morar e sustentava tudo.

Ela fitou-o sobre o cigarro, a fumaça subindo por seu rosto. Então, como se a ponta incandescente houvesse descarregado o acesso de raiva, esmagou-a no cinzeiro diversas vezes com uma força desnecessária.

- Não consegui vencê-la, mas fui sincera ao dizer-lhe que era o idiota. Ele a sustentava, e ela tinha um Ricardão bom de cama que não era ciumento. Aconselhei-o várias vezes a dar uma incerto no apartamento. Era óbvio que o tal Ricardão sabia da existência de um homem que sustentava toda a situação. Para Roberto, pegar um cara esquentando-lhe a cama, exigia uma atitude!

Diego pensou na atendente. Não conseguia se recordar muito bem. Nada que lhe chamasse a atenção. Aos poucos foi refazendo na memória uma mulher de idade indefinida, morena. Merda!, estava perdendo completamente o pique de detetive. Como passar por uma atendente e não se recordar da sua cara!

- Quem sabe seu suicídio não foi por dor de cornos! Por que não? - Helena acendeu um novo cigarro e tragou fundo, como se sorvesse o sumo da situação. - Sabe que só agora me ocorreu essa

idéia? - Ela soltou uma risada estridente como um cavalo relinchando. - Ser corneado é uma dor digna de suicídio!

Diego olhou-a assustado e, em seguida, também ele esboçou um sorriso. Se conseguisse provar que o finado havia pego a futura esposa com outro na cama, seria uma prova e tanto para Cacilda! Dor de cornos não era fácil de se vencer, ele teria sido humilhado o tanto que merecia antes de beber o veneno.

- Como eu já lhe disse, e disse também a Paloma, ele nem era bom de cama. Servia enquanto não aparecia coisa melhor! - Ela tentava se convencer de que o usara como a um idiota. - Afinal para quem é sozinha, é bom ter um cara disponível com grana e possibilidade de uma trepada. Para quem tem três filhos adolescentes, como eu, é bom terminar a noite num torpor alcoólico, discutindo sobre problemas mundiais, diferenças entre homens e mulheres, existência ou não de Deus, refletir sobre o significado da vida. Diminui a solidão!

- Você tem três filhos? Eles vivem com você? - Diego perguntou.

Ela balançou a cabeça afirmativamente.

- Devem estar na festa que você viu lá em baixo!

Tirou mais um cigarro e acendeu-o, os olhos vazios. Balançou o fósforo em sua mão cada vez mais lentamente, até que parou, a chama ainda ardendo, e jogou-o no cinzeiro.

- Se conseguir provar que ele pegou a amada com o Ricardão na cama, me telefone. - Nos olhos dela brotava alguma coisa que lembrava esperança. - Vou ficar feliz em saber. Tão feliz que posso convidá-lo para um drinque, ou mesmo para um papo de fim de noite a fim de entreter minha solidão.

- Vou me empenhar com todas as forças!

- Ser mãe de adolescentes é a pior coisa do mundo. Faz a vida perder o sentido. Quem sabe uma notícia dessas me dê novo ânimo!

- Vou entrevistar Liliana e dou notícias!

Diego despediu-se. Ao sair do elevador percebeu que a festa conseguia estar mais ruidosa do que quando entrara, e o bafo de quartel mais denso. Saiu rapidamente da portaria.

Ligou o carro. A possibilidade de Roberto ter tido um motivo tão forte para se suicidar

como dor de corno, punha Diego muito desperto. Para quem vivia no meio de um bando de mulheres que não lhe tinham afeto, de repente sentir aquelas paixões dos homens na idade do lobo e pegar a amada com um vagabundo qualquer na cama era um motivo dos melhores! Seria uma prova e tanto para acalmar Cacilda e fazer jús à grana que ela estava lhe pagando! Mas, mais do que isso, era o que mais queria. Ter certeza de que o desgraçado fora humilhado tanto quanto humilhara Paloma. Que chapinhara num lodo de desespero que só poderia acabar num copo de cianureto com Mozart.

E estava tão feliz e desperto que se lembrou que Victor havia deixado recado na secretária. Iria encontrá-lo.

10

Victor estava no bar, apoiado no balcão, com o olhar fixo no gelo que girava lentamente no fundo do copo.

- E aí companheiro! - Diego bateu-lhe nas costas.

Victor voltou-se com a expressão muito carinhosa, abraçou-o.

- E Danusa?

Victor limitou-se a franzir a testa, levantando as sobrancelhas.

- Você não escreveu para o Classline, não ligou para o Telearnize e nem se plugou no sexo virtual?

- Ainda não fiquei louco. - Victor sorriu.

- E as reportagens?

- Já te falei que estou ficando broxa! Até as reportagens estão sem garra. - Victor fazia um ar de quem zombava de si mesmo. - E o detetive durão!

- Tenho me esforçado, mas nesse caso existe uma mulher que está me tirando do sério! Todos aqueles diálogos estudados vão por água abaixo! - Diego falou sem pensar e se arrependeu.

- O detetive pode transar com a cliente, jamais se apaixonar! - Victor recomendou o óbvio.

Ao mesmo tempo em que procurava disfarçar, Diego sentia uma felicidade da alma ao pensar em Paloma. Gostaria de poder contar não só a Victor, mas a todos os que estavam no restaurante que, como um adolescente, ele estava apaixonado!

- Bem, se ainda existe uma coisa boa é se apaixonar. - Victor reconsiderou. - Se você está apaixonado, deixe o resto rolar.

Diego sentiu uma onda de sangue subindo-lhe pelo rosto e provocou uma tosse seca para disfarçar. Voltou o olhar para a porta e viu entrar no restaurante um tipo estranho, uma espécie de

hippie extemporâneo. O homem entrou e aproximou-se de Victor, os dois cumprimentaram-se afetuosamente e ele apresentou-o a Diego. Trocaram algumas frases e despediram-se.

- Esse cara me deu uma tremenda força na reportagem que estou fazendo. - Victor falou observando-o afastar-se.

- Você me disse que até as reportagens estavam sem assunto!

- Essa venho fazendo há algum tempo. Até já publiquei alguma coisa. - Victor gaguejava, não encontrava palavras para explicar. - Transformou-se num estudo. Só que é um assunto um pouco difícil.

- Não me diga que é sobre os hippies? Será que ainda há alguma coisa a se falar sobre eles?

Depois de alguns rodeios, Victor acabou explicando que a reportagem era sobre as editoras que publicavam livros esotéricos e suas vendas assombrosas.

- Se arranjar algum realmente bom me avise. - Diego sentiu um grande interesse pelo assunto. - Paloma tem uma idéia que me pareceu interessantíssima, me fez pensar no assunto.

- Quem é Paloma? - Victor voltou-se para ele com olhar indagativo. - A mulher por quem está apaixonado?

Mais uma vez Diego sentiu-se embaraçado. Será que estava demonstrando tão claramente? Pigarreou e continuou o assunto.

- Paloma é aparentada do finado cujo suicídio estou investigando. - Diego teve de enfrentar o olhar maroto de Victor. - Tivemos uma conversa muito interessante, exatamente sobre temas esotéricos.

Victor estava surpreso. Apesar de pouco convencido, Diego vivia imitando os detetives durões e adotava como regra de vida o cinismo, as conversas que debochavam de tudo, inclusive dele mesmo. Falar daquele assunto que começava a revolucionar-lhe o espírito, deixava-o um pouco constrangido.

- Passei algumas horas conversando com Paloma e ela me falou sobre a transmigração das almas. Falou no assunto de uma maneira completamente nova. A coisa não funciona como causa e efeito. Ou seja, as almas não retornam a este mundo para pagar os pecados feitos em outras vidas, mas

para aperfeiçoar a maneira de ser. Viver situações semelhantes em vibrações diferentes.

Victor mal acreditava que o detetive durão pudesse estar falando tão naturalmente sobre a transmigração das almas.

- Preciso conhecer essa mulher! - Victor levantou o copo num brinde.
- Um dia desses te apresento!
- Uma mulher que faz você se apaixonar e se interessar por assuntos espirituais!
- E por que um hippie está envolvido?
- A história é longa, vamos pedir mais uma bebida.

Após emborcar um novo copo de cerveja, Victor se pôs a falar. Havia começado por um levantamento de todos os livros esotéricos que invadiam o mercado, e enveredara por uma pesquisa a fim de saber de onde surgira o interesse das pessoas pelo assunto. Afinal o esoterismo, o ocultismo ou a alquimia existiam desde que mundo era mundo! Os grandes cientistas foram taxados de hereges e queimados nas fogueiras. Mas sempre houve uma espécie de confraria de iniciados que buscavam o conhecimento e que até hoje seguiam evoluindo as descobertas sobre o funcionamento da terra e do universo. Qualquer ciência como a física ou a medicina, tem na base a alquimia e o esoterismo. Nos anos 60 houve o movimento hippie. Eles não inventaram nada. O que eles queriam era sair de casa, viver sem ter de dar satisfação a ninguém, sexo livre, puxando fumo o dia inteiro e lendo o que lhes interessava do zen budismo. Enfim, por a bunda num assento confortável e olhar para o nada enquanto o mundo que se fodesse!

Diego sorriu e Victor continuou:

- A coisa começou nos Estados Unidos. Era a perplexidade diante da guerra do Vietnã. A filosofia do movimento era o jovem americano contestando os horrores da técnica usada na guerra. Como em todo o choque de gerações, pregavam a negação dos valores estabelecidos. Queriam humanizar o mundo barbarizado pela tecnologia da guerra. Como nessa época explodia sobre o globo o fetiche da mídia, ou seja a televisão começava a espalhar imagens simultâneas por toda a terra, os movimentos jovens eclodiam por todo o planeta.

- O Beatles subiram num telhado, cantaram uma música e abalavam o mundo inteiro! - Diego comentou. - Para desgosto dos conservadores, afirmaram serem mais populares do que Cristo! E

o pior é que tinham razão!

- Você lembra do filme "Easy Riders"? - Victor perguntou.

- Na época quem não o assistiu! Cair na estrada e deixar a vida rolar. Foi uma maneira e tanto de se fazer um filme barato!

- O grande "slogan" da época era: "Faça amor não faça a guerra".

Victor continuou explicando que partindo da idéia dos jovens que não queriam ir para a guerra, tudo o que foi feito mostrava que o mundo precisava de um estilo de vida a ser inventado, como os jovens que saíam pela estrada, pedindo carona, na busca de alguma coisa que nem eles sabiam o que era. Em tudo havia a palavra "vida". A busca de um novo estilo de vida, a verdadeira razão da vida. Na época, a juventude sonhava com a possibilidade do mundo melhorar, da tecnologia ser utilizada para recriar o mundo de uma forma mais humana e não para a guerra. Esse era o grande sonho.

Isso desencadeou a busca do conhecimento de si mesmo. Desencadeou a procura do conhecimento dos seres mais primitivos como os índios e os xamãs. Houve um grande interesse na leitura dos alquimistas, dos sábios de todos os tempos. Houve também a volta ao campo. Com a criação daquelas comunidades malucas, os jovens hippies reinventaram a ecologia. Mais uma vez o sonho de que a tecnologia fosse usada para preservar o planeta, para dar melhores condições de vida ao homem, com alimentação mais sadia e não para que Estados Unidos e Rússia se armassem até os dentes, com capacidade para destruir milhares de vezes o planeta inteiro. E foi nessa busca de conhecimento que desencavaram todas as seitas conhecidas, desde o zen-budismo até os alquimistas mais herméticos, perpassando por todos os sábios que escreveram suas idéias.

- As coisas não caíram do céu! - O olhar de Victor transmitia a importância do assunto. - Houve uma busca enorme. Conhecimentos que eram restritos a estudiosos, e que estavam engavetados, de repente foram valorizados e divulgados. E, através deles, as pessoas estão buscando sua parte espiritual para religá-la com Deus! Daí o grande boom do mercado de livros esotéricos.

- Há muita besteira sobre o assunto. - Embora a explicação tivesse sido magnífica, Diego tinha certa dificuldade em aceitar.

- Concordo. Mas também há muita coisa boa! Como as pessoas não são iguais, cada um se identifica com o que melhor lhe convém na busca de se auto-conhecer e evoluir seu espírito.

O olhar de Diego estava incrédulo. Pelo assunto em si, e por ver o amigo mencioná-lo tão abertamente. Afinal eles não admitiam, mas seguiam o ateísmo por ser parte do machismo. Como se lesse seus pensamentos. Victor falou:

- Há algum tempo venho pesquisando sobre o assunto. Não teria lhe falado se você não tivesse mencionado essa mulher com nome de Paloma, por quem está se apaixonando e que me parece que também é uma iniciada no assunto.

- Essa mulher vai me fazer acreditar em muita coisas! - Diego sorriu.

- Então comece a pensar que as religiões monoteístas colocam a divindade separada do homem. Você aprende desde o catecismo que Deus é aquele velho de cabelos brancos, muito bravo que anda nas nuvens com um caderninho para anotar cada pensamento que não esteja de acordo com o que os teólogos determinam. Errado! A divindade não está separada do homem. A divindade está dentro de nós. Ela é o fato de estarmos na terra e vivermos um mistério insondável. A grande aventura, o grande sonho é descobrir essa divindade e religá-la com o Deus cósmico!

Diego continuava olhando Victor com incredulidade.

- A religiões monoteístas estão associadas ao Estado e ao poder. Criam suas teorias para que os homens se robotizem e eles possam tomar o poder e se manter nele. Desde os anos 60, através do movimento dos jovens, os homens estão buscando a própria divindade.

- Bem, e depois dos hippies? - Diego perguntou.

- A guerra da Vietnã ocorreu com as barbaridades conhecidas e as desconhecidas. Produziram-se incontáveis filmes sobre o assunto. A técnica continuou a evoluir e ser usada na preparação da próxima guerra. O amor livre degenerou em promiscuidade sexual, libertinagem. Mas a cabeça das pessoas mudou. Nos anos 80, o cinismo se tornou valor cultural. Os jornalistas como eu, os detetives durões como você!, - Victor sorriu, - nos empenhamos em ser cada vez mais cínicos. A droga, que foi redescoberta pelos hippies e que sempre foi usada pelos índios para êxtases místicos, passou a ser usada na destruição individual. Os jovens de hoje buscam a alienação e a droga se incumbe da transformação de indivíduos em zumbis idiotizados. Os programas infantis erotizam as crianças para que elas se transformem rapidamente em consumidores. Apesar de tudo ainda há muita gente tentando encontrar a divindade interior. Creio que estamos entrando no novo milênio com um pouco mais de

conhecimento da tal árvore do bem o do mal!

Diego estava atordoado com tanta coisa. Havia tido um dia longo. Lera um livro, assistira um vídeo e conversara com diversas pessoas, inclusive Paloma. Era preciso que tudo aquilo se assentasse. Sugeriu que já que continuavam solteiríssimos, comessem mais um filete com alho. Passaram para o restaurante e jantaram.

Ao sair do restaurante, Diego voltou para a casa atordoado. Depois de um dia tão cheio, ainda tivera seu amigo Victor a lhe falar tão seriamente sobre tantas coisas que anteriormente seria motivo de chacota. Era muita idéia para uma conversa só.

Ao chegar em casa sentiu-se exausto. Foi até a cozinha, abriu a geladeira e bebeu muita água no gargalo da garrafa. Subiu, tirou a roupa. Entrou no banheiro e começou a escovar os dentes. Então olhou para o espelho e parou com a escova dentro da boca e a espuma escorrendo como uma baba no canto dos lábios. Olhos parecidos com os do finado, olhar despreendendo faíscas! Piscou várias vezes para tirar aquela idéia da cabeça e terminou a tarefa com os dentes. Foi para o quarto e atirou-se na cama. O sono veio em seguida.

Despertou com uns restos de sonho atormentando-o. A imagem do quadro de Salomé. Era como se Paloma fosse chegando próxima ao quadro e num passo de dança se fixasse à figura. De olhos fechados, sua cabeça voltava-se para o céu. Seus cabelos fartos e ondulados se derramavam por suas costas em reflexos de lumes e sombras. Num novo passo de dança, seu corpo se repartia à altura da cintura e as duas partes de defrontavam. Então, ela levantava a cabeça degolada de São João Batista, de onde o sangue escorria e misturava-se às labaredas de fogo que a iam envolvendo a cena.

Logo cedo, Diego telefonou para o consultório do doutor Carlos. Liliana estava de folga. Deram-lhe o telefone de sua casa. Depois de diversos toques, quando ele já estava quase desistindo, uma voz sonolenta atendeu-o. Naquele dia não poderia recebê-lo. Estava de saída e só voltaria muito tarde. Era melhor que ele fosse à sua casa no dia seguinte pela manhã, só entrava no serviço às 11. Em sua casa teriam mais chance de conversar. Na clínica, nunca parava de chegar gente.

Diego fez o que tinha de fazer e, no final da tarde, telefonou a Paloma. Sua intenção era conversar com ela sobre Liliana. Embora ela não estivesse presente na gravação do vídeo, foi a mais falada. O finado falou treze vezes que era por ela que seu coração batia. Com certeza Paloma a conhecia. E seria ela a lhe dar o motivo que precisava para provar o suicídio e também para acalmar-se sabendo que o finado chapinhara numa charco de humilhação antes de beber cianureto.

A empregada recebeu Diego e levou-o até a sala aonde estancou pasmado. Os quadros de uma das paredes haviam sido tirados para dar lugar à "Saudade de Santa Teresa".

- Você acha que ficou bem aqui?, - Paloma misteriosamente aparecia em frente ao quadro.

- Você trouxe o quadro da casa de Cacilda? - A voz de Diego mostrava sua perturbação. Afinal Paloma entrara na sala enquanto ele estava com a atenção no quadro ou já estava ali e ele só percebeu quando ela se movimentou?

- Foi a única coisa de Roberto que eu quis. Aliás esse quadro jamais foi dele. Esteve em sua casa por engano!

O quadro havia perturbado Diego quando o vira em casa de Cacilda, mas ali o deixava atônito. Pelo quadro em si e por ver Paloma entregando-se a cada um dos símbolos com a inocência de camaleão, passando por suas tantas personalidades. Ela não percebia que um espectador deslumbrado observava as imagens intrigantes da tela, sobrepostas pela imagem de alegres jeans e blusa colorida que

se acoplava a cada símbolo. Cada novo símbolo transformava Paloma, despojando-a de sua cor anterior e introduzindo-a num novo mundo.

A porta do templo aberta, esperando pela mulher nua envolta na gaze seguida da cobra que se enrolava no unicórnio, a paisagem que se abria para o fim do mundo, templos voltados ao silêncio, suspensos no ar com janelas abertas deixando entrar um simulacro de morte, a coroa, as frutas e o dado sobre a mesa, a caixa de um tesouro que estivera escondido no fundo do mar, um livro, pássaros. Deusa de tudo, havia a mulher nua, alva, adormecida, envolta em sonhos complexos.

Diego observava os signos e a mulher alva e nua sobreposta por Paloma, digna esposa de um homem poderoso. Em seguida, a mesma mulher se metamorfoseava na mulher humilhada e acovardada que gravara num vídeo. Havia a escritora de livros que descreviam sentimentos que de tão ridículos se tornavam comoventes. Havia a história da terrível feiticeira Inácia, capaz de feitiços poderosos. Havia a mulher conversando com um viking aos pés de um monumento indecifrável. Havia a mulher que acreditava que as tantas vidas que se sobrepunham, aperfeiçoavam o espírito para uma razão incomensurável. Havia a mulher que vivia à sombra de um homem que colecionava selos. Havia a mulher com um ar malvado e os olhos que pareciam absorver a luz do ar, e que estava logo ali, ao alcance de sua mão.

Observando-a em consonância com cada um dos símbolos do quadro, Diego percebia que ela se transformava nas tantas Palomas que iam, pouco a pouco, se mostrando a ele até obrigá-lo a fechar os olhos e lutar para não apertá-la nos braços e leva-la ao delírio de viver a loucura de uma paixão.

Até então, tudo tinha sido um vago aviso. Mas diante do quadro, seu sangue se acelerava, esquentava. Diego teve de se conter para não estender o braço e tocá-la. Pela primeira vez admitia o desejo esfomeado de tê-la nos braços e amá-la com todo o carinho de que era capaz.

Um presente de mulher casada, moderação e trabalho haviam retido o desejo no campo dos sonhos. No entanto ali, o mundo parecia extravasar pela paisagem do quadro que se abria ao infinito. Quando ela se voltou para ele, Diego pigarreou ocultando o rosto, esperando que o ar e a claridade da sala o fizessem voltar ao que Paloma conhecia dele.

Não podia, não queria demonstrar seu tumulto interior. Afinal um detetive jamais se

apaixonaria por uma cliente! Os detetives durões iam para a cama das mulheres, sem jamais se deixarem pegar por um único fio de emoção.

- Vou lhe contar como eu me apaixonei por essa pintura. - Ela saiu impune e sorridente de frente do quadro.

Chegou-se tão próxima que ele pôde sentir seu hálito quente e fitar o fundo das cavidades afogueadas de seus olhos, aos quais o quadro ao fundo conferia a mágica da paixão. Mais uma vez respirou fundo a fim de conter um desejo atordoante. Ela indicou-lhe a cadeira. Os dois se sentaram.

- Ele tem a ver com sonhos que em geral não menciono. As pessoas debocham.

- Que pessoas debocham? Seu marido e o finado? - Diego olhou-a. Não precisava usar de recursos detetivescos para adivinhar.

Ela ficou uns minutos pensativa.

- Basicamente eles.

- Não foi você a me dizer que os espíritos renascem para aperfeiçoarem alguma coisa, para aprenderem a resolver as situações com que se deparam? Talvez esteja na hora de você contar seus sonhos a pessoas que tenham interesse em ouvir! Pessoas que gostem de você de verdade!

Ela ficou mais um tempo pensativa. Depois sorriu:

- Bem vamos lá: O viking que encontrei em Stonehenge ensinou-me um tipo de exercício. Primeiro é preciso estar relaxada, mas bem relaxada mesmo, os músculos e a mente. Como fazer uma auto-hipnose. Então prestar atenção às imagens ou pensamentos que vêm à cabeça e anotá-los. Esta é a hora em que há chance de aflorar alguma coisa da alma que viveu outras vidas.

- E o que você vê? - Ele estava realmente interessado.

- Tenho visto uma feiticeira.

A palavra feiticeira soou como se fosse música acompanhada de tambores.

- Feiticeira!, - ele repetiu. - Seu livro fala de uma delas que viveu em São Paulo na cidade de Cotia! A terrível negra Inácia!

- Esta é anterior ao encontro com o viking. Enquanto lia os autos e escrevia sobre ela, também ela esteve nos meus sonhos. Mas a que me fez comprar o quadro foi outra!

- Parece que você tem um fraco por feiticeiras! - Diego sorriu.

- Li um romance que falava de uma adivinha diabólica, feiticeira conceituadíssima nos tempos do Rei Sol, na França. Seu nome era Catarina Monvoisin, mas conhecida como La Voisin. Quando jovem, vivia num sótão sinistro onde por muitos anos o anão Barcarola introduzia furtivas silhuetas que eram senhoras importantíssimas da corte. Era para elas que adivinhava a sorte e fazia sortilégios. Era também perfumista e fazia venenos poderosos, além de patuás e outros feitiços. La Voisin ficou tão rica e famosa que acabou saindo do tal sótão sinistro e indo viver numa belíssima casa no Faugourg du Temple, local onde viviam os pares da França!

Diego a ouvia com atenção e muito interesse.

- Quando consigo relaxar e deixar aflorar algum pensamento, visualizo essa mulher. Vejo-a preparando perfumes encantados que possibilitavam uma mulher conquistar determinado homem e também venenos que bastava uma gota para matar.

- Da forma que morreu Roberto! - Diego não se conteve.

Paloma esboçou um sorriso, levantou os ombros.

- Exatamente como morreu Roberto, - repetiu.

Mais do que nunca, seus olhos tomaram um ar malvado e ardiam como se estivesse deslumbrada pela luz do ar.

- Olha que vou acabar acreditando em Cacilda! - Diego sorriu, mas no seu estômago, um verme se mexeu. Aqueles sonhos com feiticeiras envenenando e degolando homens que as desprezavam, era aterrador. No entanto, à sua frente estava um quadro cheio de símbolos claros e transparentes e uma mulher que lhe despertava todos os instintos. E ela continuava o assunto:

- Tenho certeza de que as mulheres que entrevistou tinham desejos compulsivos de despejar veneno na bebida do finado! - Os olhos de Paloma adquiriram mais luz. - Também tenho certeza que nenhuma delas o fez.

- É o senso profissional que me obriga a conjecturas e deduções. Não fosse o bilhete. . .

- Por um momento, o verme do estômago de Diego remexeu-se com fúria e seus olhos vagaram pela sala. - Por favor, continue! As mulheres são curiosas quanto ao futuro, gostam de adivinhações, pagam para que alguém lhes diga o que querem ouvir. Você tem uma idéia do por quê de procurarem a

perfumista em busca de venenos?

- Creio que matavam os homens que as humilhava.
- Uma simples humilhação?
- Há humilhações com as quais não se pode conviver.

Paloma disfarçava dizendo a verdade! Diego olhou-a nos olhos e estremeceu. Alguma coisa em todo aquele caso fazia com que um verme lhe desassossegasse o estômago. Ele não sabia qual a dúvida, mas deixou-se dominar pelo sentimento de Paloma alvoroçar-lhe as querências. Ainda bem que depois do que já havia investigado, além da certeza do suicídio, havia também o melhor motivo do mundo para fazê-lo: dor de cornos!

- Bem, como estava dizendo, - a voz de Paloma não denotava ter ela notado o alvoroço interno de Diego, - o trecho do livro que li sobre La Voisin era simplesmente um capítulo do romance que tinha como fundo a história da França. Falava de muitas outras personagens, mas aquela foi a única que ficou na minha mente. Sonhei com ela muitíssimas vezes. Quando vi o quadro "Saudade de Santa Tereza", foi como se visse a figura que aparecia nos meus sonhos representando La Voisin, dormindo entre seus apetrechos e símbolos de feitiçaria. Comprei-o na hora!

- Os símbolos deveriam representar as visões de uma santa. - Diego comentou.

- Santa Teresa é a padroeira da Espanha e foi uma freira mística que ao longo da vida teve êxtases e visões. Obviamente o pintor que realizou o quadro leu toda a sua obra. No entanto, sempre vi a figura do quadro como a feiticeira dos meus sonhos.

Paloma tomou fôlego e continuou:

- Mantive o quadro por um tempo no meu quarto, foi quando mais sonhei com La Voisin! Claro que as imagens perturbavam profundamente Antônio. Diariamente ele mencionava algo desabonador sobre o assunto. Nem sei por quê, resolvi dar o quadro ao finado. Acho que pensei na possibilidade dele entender a cabeça de uma mulher que pudesse se apaixonar sem ser para querer se aproveitar dele. Simplesmente para viver uma fantasia, um sonho de amor.

Na voz dela havia felicidade. Diego conjecturava como seria, em sua fantasia, viver um sonho de amor.

- Também Roberto debochou do quadro, - ela continuou. - Colocou-o na sala para que as

amigas da mãe se escandalizassem com a mulher nua. Como você vê, foi a única coisa dele que eu pedi à minha tia. Pedi porque nunca foi dele. Saudade de Santa Teresa sempre foi meu. Esteve na sala de Cacilda por engano. Um dos enganos que a morte de Roberto corrigiu!

Paloma pensou um pouco antes de continuar.

- Se o viking tinha razão quanto ao que aflora do inconsciente, talvez eu tenha sido La Voisin ou vivido perto dela! De qualquer forma penso nela como se fosse uma pessoa muito íntima.

- Será que você teria inspiração suficiente para criar um veneno poderoso! - Diego fez a pergunta com medo da resposta.

- Hoje em dia existem tantos prontos, basta comprar!

As mãos dela fizeram um gesto amplo, abrangendo o passado, o presente e um futuro um tanto incerto. Diego suspirou. Aquela mulher o atraía. Deus do céu! Como aquela mulher o atraía!

- Falei tanto que estou com a garganta seca. Você aceita um vinho do Porto?

Ele balançou positivamente a cabeça e ela levantou-se para servir enquanto continuava falando:

- Ter encontrado o viking em Stonehenge não valeu só pelo que ele falou no momento, mas especialmente porque suscitou-me uma tremenda curiosidade. Passei a ler muito sobre o assunto.

- Através dele você enveredou pelo ocultismo. - Diego não conseguiu conter o sarcasmo na voz.

- O ocultismo é uma ciência que existe desde que mundo é mundo. Como todas as verdadeiras ciências, sempre esteve restrita a uma elite cultural, aos iniciados. Hoje em dia é que as pessoas passaram a ter ânsias de conhecer um pouco mais sobre si mesmos e sobre os mistérios do mundo. - Ela fez que não notava o sarcasmo.

- E quais seriam essas descobertas. - Diego lembrou-se de Victor.

- São muitas!, mas posso começar dizendo que os seres humanos sempre estiveram presos num tipo de disputa pela energia um do outro. Em todas as intrigas, nas mesquinhas diárias entre marido e mulher, o que leva vantagem suga a energia do outro. Por isso o que vence uma discussão sai fortalecido e o outro, claro, rastejante. É preciso aprender a buscar outras fontes de energia.

- E de onde mais se pode tirar energia? - Diego pensou que os detetives durões tiravam energia de todos os que interrogavam. Não havia quem não saísse cabisbaixo do interrogatório.

- É preciso começar por aprender a apreciar a beleza da natureza, de objetos como o quadro. - Ela apontou a Saudade de Santa Tereza, em seguida Salomé. - Depois de assistir a um pôr-do-sol maravilhoso, com a mente aberta para receber a energia, nos sentimos mais fortalecidos do que se tivéssemos vencido uma discussão. Observar a beleza deste quadro é entrar em sintonia com o autor. Ele o fez de acordo com suas fantasias. Quem está ligado na mesma frequência que a dele, sente a beleza. É como criar uma ponte entre as pessoas. Mesmo que por baixo estejam águas turbulentas, a conexão existe! E através dessa sintonia acabamos encontrando verdades dentro de nós. Começamos a nos conhecer.

Ela havia colocado vinho em dois cálices e entregou um a ele. Bateram os cálices e beberam olhando-se dentro dos olhos.

- Li seu livro. - Diego voltou a falar. - Jamais imaginei que a Inquisição tivesse vasculhado São Paulo e encontrado feiticeiras por aqui! Negra Inácia existiu ou é fruto de sua imaginação?

- Ela existiu e continuam existindo os autos que investigam sua vida e suas feitiçarias!

Diego deu mais um golinho no vinho e perguntou:

- O que a leva a escrever?

- Escrever um livro é o principal meio de comunicar nossos pensamentos a nós mesmos, e depois aos outros. Há sempre quem esteja ligado na mesma sintonia.

Diego pensou no livro com a história erótica tão exagerada e no vídeo que igualmente exagerava o ridículo da situação. Como uma coisa poderia se transformar na outra, ele gostaria de perguntar, mas era preciso que ela soubesse sobre o vídeo. Ainda não lhe ocorrera a maneira de lhe falar.

- Ao situar minhas histórias, busco uma base histórica. O romance que estou escrevendo, tem como fundo a época em que a estrada de ferro chegou a São Paulo. Nesta época, não encontrei o registro de nenhuma feiticeira pela cidade. A negra Inácia viveu um século antes!

- Acho difícilimo imaginar como foi a vida em épocas passadas. - Diego balançava a

cabeça.

- A reconstrução é feita a partir da própria experiência, ou quem sabe vivi na época e, inconscientemente, sei como era! - Ela olhou Diego com tanto carinho que ele estremeceu: - Você estimula o melhor de mim. Me fez contar toda essa história que parece bobagem, mas que é importante para mim. Em geral as pessoas tentam dominar o outro até na conversação. Perto de você, eu me sinto importante!

A alma de Diego sorriu. Aquela mulher o perturbava. Suas últimas palavras o deixaram sem palavras. A tarde estava muito fria e, pela janela, podia-se ver o céu azul. Os dois ficaram se olhando até que ele falou de si.

- Há dez anos sou divorciado. - Diego lembrou-se que não fora fácil a separação. - Achava meu casamento um casamento não diria perfeito, mas estável. Eu e minha esposa éramos aparentemente felizes, estávamos criando juntos dois filhos. Após 14 anos de vida em comum, um dia, sem mais nem menos, sucumbimos à urucubaca conubial. - Ele forçou um sorriso.

- É que pela vida toda ficaram disputando energias, sugando um o outro, sem pensar que o amor é uma coisa importante. É a única coisa que pode mudar nossa vida. Uma pena que o casamento estrague com ele. Há algo na instituição do casamento que azeda o amor e fermenta o ódio.

Ele ficou pensativo.

- Desde quando seu marido coleciona selos?, - perguntou.

- Nem sei, começou antes que eu o conhecesse. O avô dele sobreviveu a algumas revoluções carregando os selos para que seus descendentes continuassem a tradição de colecioná-los. Depois o pai andou com a tal coleção por toda a vida, e ele não tinha como não dar continuação à coisa. Se um dia um ladrão entrar na casa, com certeza ele vai morrer pela coleção e não por mim.

- E você gosta dos selos? - A pergunta tinha a intenção de saber se ela gostava do marido e da vida de casada.

- Homens fortes me tornam mais forte. Homens fracos pulverizam minha estrutura. Antônio é um homem forte!

Diego olhou a paisagem fria pela janela. Pegou o cálice e deu uns goles. Sentiu o vinho espesso umedecer-lhe a língua, descer pela garganta.

- Quando se tem filhos, fica muito complicado sair de uma vida e começar tudo de novo.

E você, por que se separou?, - ela perguntou

- Eu me separei porque me cansei de mim mesmo, do modelo de homem que compunha ao lado de minha esposa. Queria ser outro, um jovem apaixonado, de preferência por alguém que despertasse minha turbulência poética. - Diego se calou, ficou com os olhos parados no nada. - Na realidade foi minha esposa que conheceu um aventureiro e foi com ele para Miami. E com ela foram nossos dois filhos! - Ele exalou um profundo suspiro. - Após a separação, por algum tempo, compus um modelo igual ao do finado Roberto. Um homem que agenda trepadas com umas tantas mulheres ao mesmo tempo em que tenta usufruir delas sem se deixar agarrar por emoções ou sentimentos.

- A eterna disputa por energia!

- Nem vou falar da hipocrisia de se achar feliz, do casamento com seus lero-leros, seus bocejos, suas cobranças, seus silêncios, seus ultimatoss, suas amarguras, suas rugas e convulsões. O casamento institucionaliza a ideologia da segurança, corrompe a vida emocional das pessoas. O incrível é perceber que ao se sair de um casamento, deparamo-nos com uma mulherada ávida para encontrar um idiota que lhes dê segurança, casando-se com elas! Vive-se a mesma disputa só que ao invés de ser com uma única pessoa, ela ocorre com várias.

- Talvez porque seja preciso encontrar alguém que tenha alguma conexão de almas. Aí sim, existe a continuação da vida de nossa alma, a seqüência da aventura para a qual estamos nessa terra!

- Será que essa conexão de almas realmente existe? - Diego olhou-a cheio de incredulidade.

Ela levantou os ombros, abriu os braços como se fizesse a mesma pergunta ao nada. Então voltou-se para ele e continuou:

- Eu tinha 18 anos quando houve toda aquela revolução da juventude clamando por um sonho de liberdade, de vida cheia de carinho e entendimento. Foi exatamente quando me casei. Mergulhei de cabeça na possibilidade de viver um fantástico sonho de amor.

Ela falava e Diego entrevistava Victor. Era muita coincidência ela estar falando sobre o mesmo assunto.

- Na época, - ela continuava, - qualquer marido que se prezasse, achava que era absolutamente necessário que se adiasse tudo o que se referisse a amores, sonhos e paixões e se começasse logo a pensar em planos específicos de trabalho e realização econômica. Ainda era um tempo em que os homens comiam todas as mulheres fáceis antes de se casar, ou seja, viviam todas as emoções, e depois escolhiam uma que pudesse ser a “esposa” ideal. Vivi galhardamente durante toda a ditadura. Pura coincidência!, - ela sorriu. - Depois parece que voltou a vontade de mergulhar naquele sonho de amor e liberdade.

O sonho de amor desabara naquele vídeo que mostrava um circo de horrores! Diego olhou-a assustado. Ela estava pensativa.

- É aí que entra a literatura! - Ela levantou as sobrancelhas, apesar de tudo seus olhos tinham uma nesga de esperança. - Também já estive cansada do meu próprio papel, do modelo de mãe preocupada. A galinhona volteada de pintinhos esfomeados. Meus filhos são adolescentes e dão todo o tipo de preocupação. No meio disso tudo, escrevo romances onde ainda é possível uma aventura desmedida, verdadeiras paixões! Resgato os sonhos através de uma falsa autobiografia! Enquanto escrevo consigo imaginar a liberdade de viver com um homem o grande amor que jamais vivi.

Foi aquele sonho que Diego vira o finado rasgar em pedacinhos, tornando cada pedacinho o mais sórdido possível. Ao ser entrevistada, Helena dissera que se o finado fizesse a ela o que fizera a Paloma, ela o mataria sem dó. O verme mexeu-se no estômago de Diego, mas uma onda de ódio o invadiu e foi mais forte. Iria provar que o desgraçado sofrera o diabo antes de beber o veneno! No dia seguinte iria ao apartamento de Liliana e confirmaria o motivo, talvez até conhecesse o homem que pusera Roberto desesperado, o homem que rasgara seu sonho em sórdidos pedacinhos.

- Acho que foi justamente nessa época, que as pessoas começaram a se voltar para o próprio espírito e a tentar entendê-lo melhor. Talvez esse desejo do sonho dos anos 60 tenha sido o primeiro passo para a Nova Era. Os jovens começaram a buscar as religiões orientais e a se iniciarem nas ciências chamadas de ocultas e esotéricas.

- Você acredita que os espíritos possam evoluir, melhorar enquanto vivem aqui na terra?

- Se nos conhecermos melhor, teremos mais chance de melhorar todo o nosso ser. Muita gente está tendo acesso às diversas maneiras de conhecer o próprio espírito.

- Desculpe te dizer, mas vejo tanta charlatanice nesses assuntos.

- O problema é que para se conhecer o próprio espírito não é como aprender o Pai-nosso ou a Ave-maria. Aliás, essas orações são uma pequena fração do aprendizado. As pessoas acham que conhecer o espírito é assistir a uma conferência de auto-ajuda ou ler um artigo de revista. A coisa é muito lenta. É preciso estudar e ler muito e, aos poucos, ir descobrindo os mistérios e a divindade dentro de si. Não há uma regra. Cada pessoa tem suas experiências pessoais, que para os outros soa como bobagem. Como o meu sonho com a feiticeira.

- Achei interessante. Adorei ouvir você contar!

Ela olhou-o com uma certa incredulidade, e deparou-se com seus olhos cheios de carinho.

- Durante uma vida, a gente passa por muita coisa. Tudo muda, como as crianças que crescem. Ninguém se dá conta da transformação quando ela está se processando, e sim depois que já terminou. Hoje em dia, as pessoas querem se libertar de tradições, substituindo-as por receitas de revistas coloridas e livros de auto-ajuda. No fundo querem uma fórmula mágica que traga a felicidade instantaneamente!

Ele concordou e os dois ficaram em silêncio. Diego pensou que diante dos tantos modos de confinamento do ser humano, era realmente fantástico existirem tão poucos fugitivos através da loucura ou da morte. Ninguém deveria se agüentar em papéis e modelos tão bobos, impostos ninguém nem sabia por quem. A busca de algo maior era inevitável! Segundo seu bilhete, o finado Roberto havia se cansado das mulheres e da vida. No entanto, como lhe dissera doutor Carlos, querer morrer era tão estranho como querer viver! Existia uma preocupação tremenda em aumentar o período de vida, mesmo que fosse mantendo dores atroztes ou sendo prisioneiro de convenções que transformavam a vida num marasma horripilante.

Paloma levantou-se e serviu mais um cálice de vinho do Porto. Diego sentia eletricidade no ar. Ela sentou-se no sofá um pouco mais próxima a ele. Os dois levantaram os cálices. Um sorriso feliz brotava de seus lábios, de seus olhos. Aquela proximidade fez com que uma grande alegria o invadisse, uma estranha felicidade misturada com uma espécie de vertigem. Ele estendeu a mão, colocando-a sobre a dela e sentiu um estremecimento perpassar-lhe o corpo. Nos olhos dela havia uma

mistura de carinho e susto.

Aos poucos, os olhos dela foram perdendo o ar de susto e foi ficando só o carinho, a luminosidade. Ele entendia que, depois dela ter vivido o que ele gravara em vídeo, com certeza duvidava de seus encantos e de sua beleza. Uma mulher que não se sente amada acaba por não se sentir digna do amor. E quando não existia a esperança do amor, o corpo continuava vivo, mas carregava uma alma morta. Era o marasmo horripilante! Ele tomou-se de um desejo premente de fazer o que fosse preciso para que ela voltasse a se sentir digna do amor, da vida!

A cena combinava com o entardecer de céu de um azul claríssimo que se via pela janela e o frio que atravessava as paredes. Diego pensou que não havia falado uma única palavra sobre Liliana, motivo de sua visita. Pensou em mencionar o vídeo, mas falou outra coisa:

- Deixe os dois quadros na sala. As duas mulheres são lindas e intrigantes. Combinam com você!

Ela continuou olhando-o. Por um momento, ele pensou nos detetives durões e falou para si mesmo: "merda"! Fizera boas imitações ao entrevistar outras mulheres, mulheres duronas que não pensavam em amor. Paloma o derretia, fazia com que perdesse todo o sarcasmo com que costumava se mover nos casos.

O barulho do carro de Antônio entrando na garagem, interrompeu a mágica do momento. Paloma ouviu a porta do carro bater, tirou a mão debaixo da de Diego e, ato contínuo, levantou-se. Sua expressão endureceu. Ela ficou meio perdida, sem saber o que fazer, recolheu os cálices de vinho.

Momentos depois, Antônio entrou na sala com evidente irritação e, lançando aos dois um olhar de pedra, pôs um ponto final à conversa.

- Você ainda não foi capaz de convencer Cacilda de que o fedelho do seu filho tomou veneno!

No meio da sala, postou-se o homem de proporções avantajadas, queixo proeminente, espessas sobrancelhas negras, pele gordurosa e um imenso bigode que parecia aumentar-lhe a figura. Diego percebeu que aquele homem era uma ameaça. Um marido daqueles tirava a tesão de qualquer homem que pretendesse viver um caso de amor com Paloma. Apaixonar-se por Paloma exigia algo a mais: era preciso cativar-lhe o marido.

- Estou mais uma vez interrogando sua mulher! - Diego se desculpou, tentando quebrar o gelo com um sorriso forçado.

O olhar de Antônio não perdeu a beligerância enquanto vasculhava todo o aposento. Estava vestido num terno e usava uma gravata que parecia estrangulá-lo. Sua respiração resfolegava sobre os objetos e fez com que os três permanecessem imóveis por uns momentos.

- Vou buscar gelo para seu uísque. - Paloma conseguiu se mover e sair da sala.

Com as costas empapadas de um estranho suor, Diego sorriu para Antônio. Não se deixaria vencer facilmente. Lembrou do que Paloma lhe falara sobre a disputa de energia entre as pessoas. No caso dele, não se defrontaria, mas precisava vencer alguma coisa. Durante a tarde, ouvira Paloma cheio de amor e carinho. Agora iria intencionalmente agradar aquele homem. O que lhe era importante? A coleção de selos!

- Aposto que conseguiu mais um selo raro! - Diego esboçou seu melhor sorriso, enquanto a ponta de seu indicador dirigia-se para o álbum na estante.

O olhar de pedra perdeu um pouco da dureza.

- Estou sempre atrás de raridades!, - confessou enquanto afrouxava o nó da gravata e finalmente se sentava. - Pelo fato de possuir a coleção mais completa do país, as raridades se tornam cada vez mais difíceis. E pior, quando aparecem, querem me tirar a pele! - Seu poder bélico voltava-se para outro alvo.

- Me fale um pouco mais sobre a coleção, os selos. Confesso que sou um ignorante no assunto!

Antônio tirou de vez a gravata, dobrou-a e colocou-a no bolso, desabotoou o primeiro botão da camisa e pegou o álbum da estante informando que aqueles eram selos comuns, as raridades estavam no cofre. Paloma retornava com o gelo e serviu-o de uma dose dupla de uísque. Diego sentia-se aliviado. Ao ver Antônio folheando o álbum e dando um enorme gole no uísque, atreveu-se a pedir mais um cálice de vinho do Porto. Paloma serviu-o. Também ela voltava à naturalidade. O impacto da chegada de Antônio havia amainado.

Sob o efeito do vinho, Diego se mostrava cada vez mais alegre e sentimental e mostrava um interesse monumental pela coleção de selos. Deixava Antônio falar sobre seu assunto predileto, queria que por aí começasse a gostar dele. E Antônio falava com entusiasmo sobre como conseguira cada um dos seus selos raros. No fundo não era nada interessante, mas Diego fitava-o, incentivando-o a continuar. Seu pensamento estava em Paloma. Ficar amigo daquele homem significava poder vir mais vezes falar com ela.

Depois de várias histórias e muitas doses de uísque, Antônio tirou do bolso um recorte. Mostrou a Diego a reprodução do selo dos seus sonhos. Havia um filatelista que o havia conseguido e lhe telefonara.

- O desgraçado sabe que sonho com o selo, fez o xerox colorido especialmente para me tentar, e está pedindo uma verdadeira fortuna por ele! - O desgosto que o assunto lhe causava fazia com que desse goles abrasivos no uísque. - O problema é que todos os filatelistas do país me conhecem e sabem os selos que me faltam!

O pesar de Antônio era tão profundo que podia ser sentido como uma coisa sólida.

- Se você quiser, posso comprá-lo para você. O tal filatelista não me conhece, apareço e

lhe ofereço o preço justo. - A idéia surgiu e Diego mencionou em seguida.

Lentamente, Antônio voltou-se para ele. Seu olhar passou pelo susto, surpresa e foi se desarmando em um sorriso sincero.

- É uma idéia. . .

Seus olhos voltaram-se para a janela. Ele ficou um tempo pensativo enquanto o sorriso ia se firmando em seus lábios, como se degustasse lentamente as palavras de Diego. Então levantou-se, reencheu todos os copos e levantou o seu:

- Essa idéia merece um brinde!, - Antônio deu um gole na bebida e bateu afetuosamente nas costas de Diego.

Para ser amante de Paloma era preciso ter charme!, Diego pensou e visualizou-se como um valente Quixote se batendo com um furioso dragão para chegar perto de Dulcinéia!

- Por você não ser conhecido nos meios da filatelia, pode aparecer e tentar comprar o selo. Vou pensar muito bem pensado como você deve fazer e a história que precisa contar para que ninguém o associe a mim!

- Me dê as informações e seguirei! - Diego sentia-se feliz. De alguma forma estava cativando aquele homem que quando entrara lhe pareceu uma ameaça.

Eles continuaram a conversa. Antônio falou dos selos e das pessoas que os colecionavam. Demonstrava um raro prazer em mencionar o fato, como se colecionar selos conferisse uma graça espiritual compartilhável por todos os que o faziam. Diego aumentava-lhe o prazer, perguntando quanto ele próprio pagara por cada um deles e fingindo interesse nas histórias.

Paloma convidou Diego para jantar e ele aceitou. O assunto continuou noite a dentro e quando se despediram, Diego e Antônio tinham um acordo. Tão logo Antônio bolasse uma estratégia para a compra do selo, Diego seria informado!

Enquanto dirigia, Diego pensou que Paloma tinha a capacidade, própria das mulheres, mas muito mais marcante nela, de viver dois universos, um seu, interior, e outro social, como uma arma de se relacionar com o mundo. Confessara-lhe ser através da literatura que vivia os sonhos de amor jamais vividos na realidade. E foi parado num semáforo, apalpando o banco do carro que lembrou o momento em que lhe acariciara a mão. O mesmo estremeção perpassou-lhe o corpo. Mais uma vez

podia se entregar àquela fruição simples e primária, aceitar o contentamento puro que ela lhe trazia.

Lembrou-se da alegria de vê-la frente ao quadro quando realmente seu desejo por ela aflorou. Lembrou-se de toda a conversa. Quanto mais Paloma falava sobre feiticeiras e histórias fantásticas que escrevia, mais ele se sentia atraído por ela.

Pensou em Antônio, na maneira que conseguira sua simpatia. Todas essas coincidências pareciam superar o que se poderia esperar do puro acaso. Era como se o mundo quisesse lhe mostrar que alguma outra coisa estava acontecendo por baixo de sua vida cotidiana. Era como se ele pudesse ter certeza de que tudo aquilo o levaria a alguma coisa maior!

Naquela noite quando se deitou, mais uma vez Paloma estava nas imagens do seu sonho. Desta vez ela saía do quadro e das labaredas de fogo e mostrava uma cabeça degolada de onde o sangue escorria grosso. Ela atirava longe a cabeça e se aproximava de Diego. Ele sentia sua presença. Abraçava-a, beijava-a, amava-a com toda a loucura de uma paixão. Seu sêmen quente era ejaculado nas entranhas de uma mulher branquíssima como Santa Teresa, mas que era Paloma.

Diego despertou enternecido por ter feito amor no sonho. Havia em sua boca um resquício de Paloma. Apesar de sentir o corpo levitante dos apaixonados, a imagem da cabeça degolada de onde escorria sangue causava-lhe uma estranha sensação. Mais uma vez o verme no estômago se mexeu descompassando a ordem de suas entranhas. Paloma tinha mais motivos do que qualquer outra das entrevistadas para matar Roberto! Diego suspirou, pensou na impossibilidade dela ter entrado na casa, no bilhete, no vidro de veneno. Por sorte, não podia ficar na cama pensando em tantas coisas. Era preciso enfrentar a realidade e trabalhar! Levantou-se, abriu a janela e saiu do quarto. Foi para o banheiro, tomou banho e preparou-se para ir interrogar Liliana. Estava ansioso para provar que ela corneara o finado. Queria ter certeza de que aquele homem sofrera! Ah!, como ficaria feliz ao saber que ele comera fel para pagar a frustração que causara a Paloma!

O flat de Liliana ficava numa alameda próxima ao Shopping Ibirapuera. Diego dirigiu até lá. Custou a encontrar um local para estacionar o carro. Ao chegar à portaria do prédio impressionou-se com o luxo. O porteiro anunciou-o e ele subiu.

Embora não tivesse prestado atenção à recepcionista, o fato de dizerem que o finado estava apaixonado por uma mulher mais jovem, fez com que Diego criasse a idéia de que iria encontrar uma modelo loura, alta e atraente. Quando ela abriu a porta, ele reconheceu a recepcionista do doutor Carlos. Era uma mulher jovem, de batata da perna grossa, baixa, cara séria e bem redonda, parecendo um bebê grande e idiota.

- Entre! - Ela falou com um ar de pouco caso.

Diego entrou numa sala muito bem mobiliada em que havia um balcão separando-a de uma pequena cozinha. De uma das paredes saía um cubículo com três portas que ele imaginou serem de um banheiro e dois quartos.

- Preciso falar com você sobre Roberto. - Diego acomodou-se no sofá.

- Ele se matou, - voz com maior desdém seria impossível.

- Cacilda pensa que alguém o matou!

- Se você vem com esse papo para me tirar daqui, esqueça!

Diego não sabia que Cacilda estava tentando despejar Liliana do apartamento.

- Este apartamento era meu!, - ela grunhiu. - O finado me deu para que eu morasse. Ele ia se casar comigo. E mesmo que não o fizesse, havia prometido passar o apartamento no meu nome!

Liliana olhava-o cheia de desprante. O tipo de olhar que alvoroçava-lhe os instintos de detetive durão.

- E você devia prestar serviços condizentes. - Diego deu uma olhada irônica por toda a sala, que ela ignorou.

- Como você vê, eu seria a última pessoa interessada em sua morte!

- Então sua ex-possível-futura-sogra está tentando reaver o apartamento de Roberto. Isso é muito simples. É só mover uma ação de despejo!

- Com todo o sofrimento pela morte do filho, ela já entrou com a ação. Só saio daqui com uma ordem do juiz. Isso levará mais ou menos um ano!

A última frase foi dita com um ódio que esmoreceu em poucos instantes. A insegurança surgiu no rosto de Liliana como uma cicatriz cirurgicamente escondida. Ela ficou pensativa e, em seguida, tentou se justificar.

- Há algum tempo eu havia abandonado Roberto e fui morar no interior. Ele foi atrás, me trouxe de volta e me colocou nesse apartamento! Disse que não poderia viver sem mim! Que eu poderia fazer o que quisesse desde que não o largasse. Passou até a pagar minha escola. Queria que eu estudasse. E agora a velha quer que eu saia, que eu desocupe o apartamento! - O olhar de Liliana recobrava o ódio.

- Você era a gostosa do pedaço! - Diego colocou na voz a mistura de tolice e indulgência que os adultos usam quando falam com crianças.

Ela fez uma cara que significava que a gracinha de Diego causara efeito contrário ao que ele pretendia.

- E você aproveitava para explorá-lo! Além do apartamento e da escola ainda descolava uma boa grana!

Ela corou.

- Você é uma pessoa ofensiva.

- Você não acha isso. Acha que estou descobrindo mais coisas do que devia. - Diego mantinha o olhar fixo em sua face, buscando seus olhos que abaixavam.

- Roberto me sustentava por vontade própria.

- E você tinha um namorado que vinha vê-la quando ele não estava!

As narinas dela tremeram um pouco, e a respiração tornou-se ruidosa. Depois ela relaxou e falou num tom quase inaudível, o ódio parecia reter as palavras:

- Isso é problema meu!

- Não é um problema só seu desde que Roberto entrou aqui e encontrou-a na cama com o

dito namorado. Um pouco de remorso pelo suicídio você não pode negar!

Manchas vermelhas surgiam no rosto dela. Diego não sabia se de pudor ou de ódio. De qualquer forma sentia-se felicíssimo com seu desempenho de detetive durão.

Ela tomou fôlego e continuou:

- A velha Cacilda é insuportável. - Sua expressão enchia-se de nojo, escárnio. - A empregada, Joana, é uma bruxa. Se elas acreditam que Roberto foi assassinado, você deve investigá-las, especialmente a empregada. Vai ver ela está encobrindo alguém. Afinal trabalha na casa desde que a velha se casou, sabe muitos segredos da família.

Liliana ficou pensativa, depois voltou-se para ele, pregando na cara um olhar muito meigo.

- Você poderia provar que alguém esteve lá e fazer a velha se esquecer de me tirar daqui!

Ela fez um pequeno silêncio, com olhos cheios de volúpia pregados nele.

- Sente-se aqui, - ela movimentou-se e fez um lugar no sofá bem perto dela.

- Você poderia me dizer o nome do seu namorado!, - ele falou sem se mover do lugar em que estava, olhando-a com olhos que estudavam, pesavam, julgavam, sem esconder que a estavam estudando, pesando e julgando. Ela corou um pouco sob a franqueza do seu exame, mas parecia mais segura de si do que antes. Agia dentro do costume. Fez um gesto de bater no assento a chamá-lo. Ele manteve o silêncio até ficar bem claro que pretendia ignorar o convite para sentar-se ao seu lado.

- Quanto você cobraria de uma pobre menina como eu?, - Como ele não respondesse, acrescentou: - Tenho certeza de que você convenceria a velha a me deixar ficar aqui. Tem charme para isso!

Diante do olhar firme dele, ela corou um pouco. Depois soltou um risinho falso.

- Não está pensando em me explorar como fazia com o finado! - Diego falou sem deixar de fitá-la.

Ela pôs nele um olhar natural, subitamente calmo.

- Estou perguntando quanto você cobraria.

Diego continuou sem responder. Como o finado, após um casamento mal sucedido, ele tivera uma fase onde limitava-se a agendar trepadas com todas as mulheres que surgiam em seu

caminho. Não teve coragem de lhe dizer que estava enfastiado demais de agendar trepadas, especialmente com mulheres caprichosas e mentirosas. Nos olhos dela havia algo que era muito mais velho do que o mundo: a troca de favores por sexo.

Ela fez um muxoxo com a boca e contou-lhe a infância de pobre coitada onde um tio a seduziu aos doze anos. Não havia sido estupro porque ele lhe prometera uma boneca e ela concordou. Ele lhe trouxe a boneca e depois prometeu mais outra, e um vestido novo e mais outro.

- Ah! . . . - murmurou Diego balançando a cabeça da maneira que os crentes fazem quando se conformam com alguma desgraça.

- Você perguntou o nome do meu namorado. Posso não só lhe dizer seu nome como assumir meu namoro abertamente, porque Roberto está morto e porque também ele tinha outras mulheres.

- E você não tinha ciúmes?

- Ele precisava de todas. Dava uma colher de chá para cada uma, para não perdê-las.

Mas gostar, gostar mesmo, sei que era de mim.

Gisela já lhe dissera a mesma coisa. Parece que o finado sabia engambelar as mulheres que tentavam engambelá-lo.

- Você conheceu Paloma?, - perguntou.

Ela fez um ar de fastio.

- Paloma era a idiota que gostava dele, esteve apaixonada. Homem como ele não era para ser gostado! Era para ser explorado!

- E você sabia como fazê-lo!

- Na verdade, eu só precisava agradar um pouco o papi. Embora ele insinuasse muito desejo, era um homem de quase cinquenta anos e estava longe de ter o fôlego dos meus colegas de classe.

Ela tomava ares de quem fazia confidências íntimas.

- Os homens ficam assim quando começam a embrojar. Precisam de mulheres novas como eu. - Liliana pôs volúpia no olhar. - E eu sei fazer as coisas, sei agradar a ponto de ganhar esse apartamento!

Diego estava se enchendo da descarração daquela mulher! Mas de qualquer forma não havia pensado em interrogar a empregada. Com certeza sabia muito mais do que toda aquela mulherada.

Embora jovem, Liliana já não era uma menina, mas uma mulher que havia passado por uns tantos casos e, segundo lhe contara, parecia ter tido uma longa e trágica infância. Sua voz alterara-se perceptivelmente, como se ela houvesse pulado da juventude para a meia-idade, quando começou a chamar o finado de "papi". Não havia dúvidas de que ela tinha outro namorado e o finado soubera antes de se suicidar. Mas Diego precisava pegar um flagrante. Ele pediu para usar o banheiro.

Correu os olhos pelos dois quartos e não havia ninguém. O apartamento estava vazio. Não seria difícil pegar o namorado lá. Ficaria de olho.

- Quando seu namorado costuma vir vê-la? - Perguntou ao retornar à sala.

- Você quer conhecê-lo? Passe aqui domingo de manhã. Não muito cedo! Não vou ficar chateada se trouxer uns pãezinhos e o leite!

Diego mal acreditou no que ouvia. Flagrar adultérios era sempre uma aventura. Aquele seria numa visita. Afinal não era um adultério! Era uma prova para Cacilda. Ele mesmo já estava feliz em saber que o finado encontrara a própria cama bem “quentinha”! Despediu-se felicíssimo com a possibilidade de voltar no domingo e fotografá-la com o namorado que levara Roberto ao suicídio!

No entanto ao entrar no carro e começar a dirigir, mais uma vez o verme no estômago mexeu-se de uma forma a descompassar-lhe as entranhas. Para quem a prova? Para Cacilda ou para ele? Ver a mulher com quem pretendia se casar trepando com outro levaria um homem ao suicídio? Especialmente um homem como o finado que trepava com tantas mulheres e provavelmente não estava tão apaixonado assim por aquela, nem por outra qualquer! Diego respirou fundo e pensou em Paloma, reviu-a frente ao quadro de Santa Teresa com os tantos símbolos que ele já não sabia se de santidade ou de feitiçaria. Reviu-a nas imagens do sonho com a cabeça degolada nas mãos, o sangue escorrendo e misturando-se ao fogo. Aquele mulher levava-o para algo desconhecido. Diego sentiu o verme tão desassossegado em seu estômago que parou numa padaria. Embora não estivesse um dia quente, pediu uma cerveja bem gelada. Enquanto não o serviam, sentiu-se em outra dimensão, como se pudesse estar dentro daquele quadro intrigante, perpassando cada um dos símbolos. Sem qualquer compreensão,

pairava sobre cada figura, demorando-se sobre a mulher santa-feiticeira. Ao trazer a cerveja e o copo, o garçom deu duas batidas no balcão para chamar-lhe a atenção. Automaticamente bebeu a cerveja. O líquido bem gelado fez com que recobrasse a consciência. Ele observou os carros passando, as pessoas entrando e saindo, as donas-de-casa comprando pão e leite. Era como se aquela vida cotidiana pudesse trazer-lhe de volta a noção de realidade. Respirou fundo e pediu mais uma cerveja.

Depois que as duas cervejas o trouxeram à realidade, a primeira coisa em que Diego pensou foi ligar para Paloma.

- Desculpe interromper seu trabalho, - gaguejou.
- Falar com você é sempre um prazer. Alguma novidade?
- Um motivo e tanto para o finado Roberto beber veneno.
- E qual é?
- Estive com Liliana.
- A mulher por quem o coração do finado batia!

O sarcasmo da voz de Paloma fez Diego sentir um tremor pelo corpo.

- Não precisei usar nenhum artifício de detetive durão para que ela contasse que o finado encontrou seu namorado no apartamento, na sua cama, mais precisamente.

Ele ouviu uma respiração ofegante do outro lado da linha.

- Você não acha um motivo e tanto!, - a voz de Diego estava animada. - No domingo de manhã vou lá fotografar o namorado e levar a prova definitiva para Cacilda.

- Ligue para ela e conte o que já descobriu. Pessoas de idade precisam de um tempo para ir mentalizando os fatos.

- Espero que você esteja tão feliz quanto eu!

- Você está com a terrível missão de arranjar provas para Cacilda e ganhou um ponto. Eu sei como Roberto morreu.

A frase entrou pelo ouvido de Diego e foi direto ao coração. Imediatamente ele mudou o assunto.

- E seu trabalho, o romance está seguindo?
- Quando descrevo aventuras, a vida flui.

- E qual é a aventura!

- Escrevo sobre um inglês que saiu do conforto da sua terra e veio construir a estrada de ferro. Encontrei documentos maravilhosos. Você tem tempo?

- Todo o tempo do mundo!

- Desta vez não há feiticeiras. Há um fato interessante sobre o amor.

- Amor! - Diego pôs toda a atenção no assunto.

- Durante a construção da ferrovia entre Santos e Jundiaí, houve um técnico inglês que escrevia cartas elogiando a cidade. Na época, os poetas românticos falavam de provincianas medonhas e malvestidas e achavam a cidade de São Paulo um horror, um mero pouso de tropas. O inglês escreveu cartas em que se diz fascinado pela cidade, pelos costumes. As cartas do inglês sobre a cidade me intrigaram, até que encontrei uma endereçada a uma dama. É uma carta apaixonadíssima.

- E você acha que o amor mudou-lhe a impressão da cidade?

- Uma paixão de verdade muda a visão de mundo de qualquer pessoa! No meu romance vou mostrar que a cidade não era tão horrorosa como os poetas românticos descreviam. As provincianas não eram tão provincianas!

- Espero que você consiga uma sintonia perfeita entre o inglês, a dama por quem se apaixonou e a cidade!

- E eu espero que você consiga as fotos de Liliana e que elas sejam a prova definitiva para Cacilda!

- Qualquer novidade, te aviso!

Despediram-se e desligaram.

Diego foi para o escritório. No final da tarde telefonou a Cacilda e avisou que iria à sua casa. Achou que falar por telefone não daria a dramaticidade necessária ao caso. Era preciso contar-lhe o fato de que Liliana tinha um amante, e que Roberto o pegara no apartamento que ele sustentava. Embora ainda não tivesse uma foto para melhor provar, tinha a confissão de Liliana. Era preciso incutir na cabeça de Cacilda a idéia de que Roberto viu o adultério, sentiu na carne! E que esse era um motivo mais do que suficiente para que um homem se matasse. Ainda mais que ela vivia num apartamento de sua propriedade e sustentado por ele!

- Não sei como meu filho podia andar com mulheres dessa laia! - Manchas vermelhas foram se acumulando no rosto de Cacilda.

Usando os recursos de um detetive durão, ele narrou cada detalhe da visita. Cacilda ouviu-o calada. Só o brilho dos olhos se intensificava.

- Não vou sossegar enquanto ela não desocupar o apartamento. Meu advogado já está começando a ação de despejo. Vou apressá-lo. - Ela ruminou as palavras. Seu ódio era tão denso que se podia senti-lo no ar.

- A menina é terrível. Quis me contratar para que eu a convencesse de que alguém entrou na casa e que Joana acobertou. Só assim você iria se esquecer de tirá-la do apartamento! - Intencionalmente, Diego instigava mais o ódio.

- Com que dinheiro iria fazer isso se meu filho não mais a sustenta? - Ela começava a se engasgar nas palavras.

- Ela me ofereceu o que uma mulher jovem pode oferecer a um homem! - Diego falou e penalizou-se com a reação.

Cacilda balançava a cabeça como se um enxame de abelhas africanas tivesse entrado nos seus cabelos.

- A mesma coisa que ela dava ao seu filho. - Ele completou e virou a cabeça o bastante para encará-la de frente.

Cacilda parou de balançar a cabeça. No seu olhar não havia nenhum ar de brincadeira. Rugas profundas vincavam-lhe os cantos da boca. Diego sentiu preocupação. A prova que conseguira era de tal forma convincente que a mulher se decompunha. Sua boca abriu-se um pouco e tornou a se fechar, como se a raiva tornasse as palavras espessas demais para serem pronunciadas. O silêncio se tornou sólido.

- Tenha calma Cacilda. Estamos do mesmo lado. - Ele quebrou o silêncio.

- Estamos? - perguntou num tom um pouco mais amistoso. - Espero que você não se derreta pelos dotes físicos daquela mulherzinha e resolva se bandear para o lado dela! Quero a foto com o ordinário que meu filho pegou na cama dela.

- Se quiser faço também uma gravação da conversa para não deixar dúvidas.

Ela apertou as mãos uma contra a outra. Sua infelicidade tinha um sabor teatral. No entanto, no fundo dos seus olhos era possível começar a ver uma luz. Diego não deixou passar.

- Vou levar o gravador e fazer todas as perguntas necessárias para que eles contem exatamente o que ocorreu. Em que circunstâncias seu filho encontrou o amante de Liliana. Você vai ver que o motivo para o suicídio existiu.

- Será que com isso consigo apressar a ação de despejo?

- Creio que não. Mas acredito que o que vou lhe trazer, associado às provas que já existem como o vidro de veneno e o bilhete, vai fazê-la parar de sofrer!

- Fácil falar! - Cacilda olhou as próprias mãos. Talvez já não fosse ódio. O sentimento começava a se decompor em desapontamento com o próprio filho.

- Muitas vezes o adultério é a arma do crime!

Era preciso deixar que ela mesma ruminasse as idéias e as fosse mentalizando.

- Onde foi parar o quadro de que tanto gostei? - Diego olhou a parede, tentou amenizar o clima, perguntando o que já sabia.

Os olhos de Cacilda voltaram-se para a parede vazia.

- Santa Tereza era de Paloma, voltou para ela. Vou ter de mandar pintar a parede. Veja como ficou marcada!

Ele se levantou para ver mais de perto o insignificante estrago da parede e para movimentar o ar em volta de Cacilda. Ao se voltar para ela viu-a absorta. Mastigando palavras ininteligíveis.

- Que tal tomarmos uma bebida?,- ele propôs.

Ela pareceu voltar de algum mundo distante. Mas absorveu a idéia com uma certa presteza.

- Vou lhe servir um licor delicioso. Embora meu filho não gostasse de bebidas doces, eu as adoro!

Ela levantou-se com desenvoltura, foi até um armário e trouxe uma garrafa de licor de pêssego e dois cálices. Diego não era um apreciador de licores, mas não quis quebrar-lhe o ânimo. Serviu o licor nos dois cálices e brindou com Cacilda que emborcou o seu de um gole e estendeu o copo

para que ele o reenchesse. Diego percebeu o quanto aquela mulher estava precisando de um trago. Reencheu seu copo e como se fizessem um "vira" os dois emborcaram suas bebidas de uma golada.

- Esse licor é realmente delicioso!, - ele falou certo de que ela não havia sentido o gosto, só o prazer de amortecer a garganta, amortecer a vida. Reencheu os cálices. Desta vez os dois bebericaram lentamente.

Cacilda falou sobre sua vida, seu casamento. Seu marido fora advogado, um homem bem mais velho do que ela e viúvo sem filhos quando se casaram. Antes de se casarem freqüentava sua casa. Era amigo de sua família, especialmente de seu pai. Podia dizer que gostava muito dele enquanto amigo de seu pai, mas ser sua esposa lhe exigia muito mais. Um homem mais velho tem hábitos profundamente arraigados e era preciso aceitá-los.

Diego deixou a conversa fluir, com o cuidado de não deixar o cálice de Cacilda vazio. As histórias contínuas e digressivas eram uma de suas melhores fontes de informação. Além disso, estava interessado na vida do finado. Queria saber suas vilanias como se fosse possível com elas realizar a vingança por Paloma.

Por vezes ele se mexia para mostrar-lhe que continuava ali, mas não dizia nada, temendo quebrar o sortilégio. Cacilda esgotou a autobiografia enquanto esgotavam a garrafa de licor. Diego sentia-se estranhamente feliz e começava a gostar de Cacilda. Ao emborcarem as últimas gotas de licor, terminou também a conversa.

Diego pediu licença para falar com Joana. Cacilda olhou o relógio.

- Se ainda houver luz no quarto dela. . .

Conduziu-o até a cozinha e apontou a edícula. Seu quarto era no andar se cima sobre a garagem e ainda estava iluminado. Diego subiu e bateu na porta.

Joana demorou a dar atenção às suas batidas. Quando atendeu, foi através das grades de uma janelinha que poderia ser de um banheiro. Sua voz ergueu-se acima do barulho do vento.

- O que o senhor quer?

- Sou Diego. . .

Ela interrompeu-o

- Eu sei que o senhor é Diego. Quero saber o que quer!

- Algumas informações.

- Já me deitei. Volte amanhã!

- Me parece que está em pé para alcançar a janela. E além do mais, tanto quanto a senhora, estou preocupado em encontrar provas definitivas para acalmar Cacilda. Estive com Liliana.

- O que mais ela quer?

- Se me deixar entrar, talvez possa lhe contar com calma.

Quando entrou no quarto iluminado, percebeu que haviam dois quartos e um banheiro. Como não houvessem outros empregados, ela dormia num dos quartos e usava o outro como uma sala de televisão. Foi ali que Joana o recebeu. Não era difícil perceber que ela atravessava uma noite ruim.

- Não a incomodaria se não fosse necessário. - Ele pôs carinho na voz e percebeu que seus olhos cortantes perdiam o impacto.

O corpo, à vontade sob um acolchoado roupão estampado de alguma cor indecifrável, parecia ter despencado sobre os ossos. Ela sentou-se e fixou os olhos nele.

- Você trabalha aqui desde que Cacilda se casou. Acredito que goste de viver com ela. Tudo o que eu quero é ter certeza de que seu filho se suicidou e acalmá-la.

- A única coisa que posso lhe dizer é que também eu tenho certeza de que ele se suicidou. Ninguém entrou na casa depois da saída daquela ordinária, - ela fez um esforço para se lembrar o nome. - Gisela!

- Liliana visitava a casa, vinha aqui com Roberto?

- Várias vezes. - O olhar de Joana ia se enchendo de ódio. - Não fosse a fibra de dona Cacilda ela estaria abancada aqui dentro dando as ordens. Por incrível que pareça, dizia que essa casa era um paraíso!

- As pessoas têm conceitos diferentes sobre paraíso!

- A idéia que ela fazia de paraíso era a vida com o dinheiro que conseguisse arrancar do finado colocando cabeleireiros e massagistas o dia todo à sua volta. Não existe mulher jovem com velho pobre!

Diego olhou-a com carinho. Gostava de mulheres com idéias sensatas.

Os olhos de Joana ficaram sem vida. Diego notou que isso acontecia continuamente.

Eles mostravam um lampejo de interesse ou curiosidade, ou mesmo maldade, e então retornavam à inércia.

- Você quer saber se tenho certeza se naquela tarde não havia mais gente na casa. - Ela falou.

- Exatamente!

- Já repensei milhares de vezes se não deixei passar alguma coisa. Adoraria poder provar que aquela zinha estava aqui.

- E. . . - Diego olhava-a incentivando-a a continuar.

- Ele estava embeijado por ela. Por mais audaciosa que ela fosse, ele jamais lhe daria a chave da casa de dona Cacilda!

Mais uma vez seus olhos ficaram sem vida, ela fitava a parede branca. Ele esperou até que voltasse a falar:

- Depois que aquela outra vagabunda saiu, não houve mais ninguém. Enquanto ela estava aí, eu ouvi barulho. Fui até o quarto e pela fresta da porta vi que. . . - ela fez uma pausa, olhou-o e tomou coragem. - Trepavam! Nem a porta se preocuparam em trancar. De forma que o barulho estranho que havia era dele com a mulher em cima da cama. Depois ela se recompôs e saiu. Eu a segui e tranquei o portão. Passados mais de dez minutos, ele saiu do quarto e, com um ar cansado colocou o bilhete na porta para que a mãe o encontrasse logo ao entrar. Ficou tudo em silêncio e vim para o meu quarto. Tinha certeza de que ele estava dormindo.

Ela pensou um pouco.

- Se houvesse algum julgamento, poderia jurar sobre a Bíblia que não havia ninguém mais aqui dentro! Para que alguém se movimentasse na casa sem que eu notasse precisaria ter as chaves, conhecer profundamente a casa e ter astúcia de serpente.

Diego ouviu-a com atenção, ao mesmo tempo em que observava os aposentos. De onde estava, através da vidraça via perfeitamente o portão e a porta de entrada. Se ela tivesse adormecido no sábado à tarde, talvez alguém pudesse entrar. Quando voltou a olhá-la viu que seus olhos brilhavam. Percebeu que para passar por aquela mulher sem ser visto, precisava realmente de astúcia de serpente.

- Ele se suicidou. - Ela falou devagar, como se estivesse recordando alguma coisa. - Deu

sossego a Cacilda. Apesar de ser seu filho e as mães perdoarem tudo, era um desmiolado.

Ela mordeu a boca, como para punir-se por ter falado demais. Observando seus olhos, Diego teve a rápida impressão de que sua suposição era correta.

- De que forma era desmiolado?

- Jamais foi o estudante que a mãe quis que fosse. Começou a trabalhar porque a mãe lhe arranjava os empregos. Casou-se e a mulher largou dele. Falam mal dela, mas eu lhe dou toda a razão. Ninguém convive com um homem tão convencido da própria beleza e tão egoísta! Meu Deus! Para Roberto, o mundo começava e acabava exatamente no seu umbigo!, - Joana balançou a cabeça como se a simples lembrança do fato a irritasse profundamente. - Depois que perdeu a mulher, dedicou-se a usar e descartar o maior número possível de mulheres. Até que essa zinha apareceu e então era ele a ser explorado e humilhado. Virou um velho bobo!

- Espero que com a foto do amante de Liliana, o homem que Roberto pegou na cama com ela, Cacilda consiga acreditar que houve um motivo muito forte para o suicídio.

- Ela vai acabar acreditando. Talvez essa prova a convença. Afinal ela não tem outro argumento que a intuição de mãe! Não há uma única prova que não leve ao suicídio! A dor de cornos vai acalmar Cacilda. Acredito que se matou por que ele mesmo não se agüentava. Cansou-se de si mesmo, de se fazer de gostoso para uma mulherada sem sentimentos! Cansou-se de chapinhar na cama de uma mulherada que mal abanava os lençóis do último homem!

Diego se despediu e saiu com a certeza de que ninguém mais havia estado na casa. Ninguém circularia sem ser visto por Joana! Aquela mulher era cuidadosíssima com a casa e com tudo o que lhe dizia respeito. Cacilda acabaria por se convencer. Ele estava feliz pelas provas que redimiam Paloma da humilhação que o finado lhe impusera. Joana tinha razão ao afirmar que ele havia se cansado de si mesmo. Um homem não faz o que ele fez a Paloma, a menos que fosse um egoísta desalmado. Que ele se fizesse de gostoso para a mulherada sem sentimentos era até explicável, mas para uma mulher que trai um marido como Antônio a fim de viver um sonho de amor, era imperdoável! Se ele, que somente assistira ao que ocorrera no quarto, se tomara de indignação, Paloma, que fora a protagonista da história, não devia ter desentranhado facilmente aquela decepção de sua alma. Veio à mente de Diego a idéia de que ela era a mulher que tinha motivos de sobra para matá-lo. E era aquele

pensamento que fazia com que um estranho verme surgisse e se mexesse em seu estômago, causando-lhe um descompasso das entranhas! Se não houvesse o bilhete. . . se não houvesse todas aquelas provas. . . Se Joana não fosse tão cuidadosa. . .

Surgiu-lhe na mente a imagem tão nítida de Paloma e ele sentiu-se enternecido. Desejou-a com todas as suas forças e conjeturou que, por mais motivos que tivesse, ela jamais seria uma assassina!

Ao entrar em casa, Diego pensou em ligar para Paloma. Olhou o relógio. Já era muito tarde. Se Antônio atendesse, a situação poderia desandar. De todas as imagens e descompassos a que ela o levava, a única certeza era se sentir a cada dia mais atraído por ela. A tarde em que estiveram juntos, o toque das mãos, a conquista de Antônio. As coisas estavam indo bem, não podia abusar. No entanto, sentia uma grande necessidade de falar com alguém. A solidão tinha dessas coisas. Às vezes era preciso encontrar um amigo, falar com alguém. Victor com certeza já jantara. Telefonou-lhe. Milagrosamente ele estava em casa e sozinho. Diego foi para lá. Levou o livro de Paloma, queria que ele lesse.

- Como é que vai o suicídio?, - Victor abriu a porta.

- Consegui o motivo definitivo!

Victor viu o amigo feliz e esperou pela continuação.

- O finado pegou sua manteúda transando com outro! Dor de cornos me parece um bom motivo para se dar cabo da vida. - Diego rolou as frases na boca, como se gostasse do seu sabor.

- É o que eu te disse da mulherada. Estão todas histéricas e por conta disso, tirando vantagens dos homens que caem em seu raio de ação! - Victor fez um ar de desprezo. - O que você bebe?

- Uísque.

Victor serviu Diego que olhava ao redor e assustava-se ao ver dois incensos se queimando. A sala estava enfumaçada como nos filmes B, mas não era de cigarros da boemia, era de uma fumaça com odor de sândalo.

- E Paloma. Adorei esse nome! - Victor pôs malícia no olhar.

Diego limitou-se a sorrir. Sentia-se feliz em saber que o finado havia sido humilhado antes de morrer. Era especialmente por Paloma, por senti-la vingada! Gostaria de poder dizer o quanto

estava apaixonado e que isso lhe fazia a vida brilhante. Mas, inspirado pelo odor de sândalo, instigou o amigo a falar.

- E seus estudos esotéricos!

- Agora que você visita uma senhora que acredita na transmigração da alma e, melhor do que isso, está tentando convencê-lo que o destino não é simplesmente consequência do bem ou do mal praticados em vidas anteriores, as coisas ficaram mais fáceis! Posso falar no assunto, sem que você me olhe com escárnio!

Victor estava sentado em sua poltrona de leitura. Sobre ele havia um abajur aceso que o colocava sob um círculo de luz. Era um homem grande, de ombros largos e braços potentes. Os óculos e as mãos sobre os braços da poltrona davam-lhe um ar muito sério. Diego observou-o e suspirou pensando se sua figura denotava o princípio da velhice ou se seus valores haviam realmente mudado.

- A coisa é séria! - Diego levantou o copo propondo um brinde. - Vamos a ela!

- Acabo de ler sobre um manuscrito encontrado num vaso perto do Rio Nilo. - O assunto excitava Victor. Ele remexia-se na cadeira, enfiava os dedos pela cabeleira rebelde. - Cara! Isso não é invenção de charlatães para impingir suas teorias! O manuscrito existe, já foi provado que é da época de Cristo e está sendo estudado em universidades americanas. É o Evangelho de Felipe!

- Não ouvi falar. - Diego suspirou. Por um momento arrependeu-se de ter enveredado por aquele assunto. Mas em seguida o amigo mencionou a palavra mágica: Paloma!

- Paloma disse-lhe que os espíritos evoluem nas diversas vidas sem necessariamente sofrerem por estar pagando erros de vidas anteriores. O evangelho de que estou falando vem justamente provar isso!

Diego pôs todo o interesse no olhar e Victor foi explicando que, como dona do mundo, ao impor o cristianismo, a Igreja deu autenticidade religiosa apenas aos textos que lhes eram convenientes, especialmente os que enfatizavam punição aos descrentes e reforçavam o papel da hierarquia católica. Destruíram os deuses e deusas feitos à semelhança dos homens e implantaram um único dono da verdade!

- Qualquer um que queira tomar o poder freqüenta a mesma escola e aprende as mesmas técnicas! - Diego já ouvira aquela história muitas vezes. - Afinal, religião e estado eram a mesma coisa!

Os reis e os ditadores, como os papas, sempre falaram em nome de Deus, quando não se achavam o próprio Deus!

Diego dava golinhos no seu uísque, sem descuidar do interesse no discurso de Victor, o que o incentivava.

- Desde que se implantou o monoteísmo, ou se era servo de Deus ou do Diabo! Não havia meio termo! - Em baixo do foco de luz, Victor estava muito iluminado, o que era providencial ao seu discurso. - No Evangelho de Felipe, essa idéia era mais branda e, obviamente, se tornou mais um dos evangelhos apócrifos. Segundo seus escritos, a pessoa deve reconhecer dentro de si as forças do bem e do mal.

- A psicanálise fez isso! - Diego interrompeu-o.

- Psicanálise é para rico! Se essas coisas fossem ditas na Igreja, cada indivíduo reconheceria a divindade e a diversidade que existem dentro dele mesmo. Não ficava essa coisa de culpa, da crença num Deus habitando as nuvens e castigando a torto e a direito!

- E que outra novidade encontraram nesse evangelho?, - Diego deu um gole no uísque, observou a fumaça e pensou que Paloma acharia tudo aquilo muito semelhante aos filmes baratos.

- Ele contesta o martírio de Jesus na cruz e questiona a atitude purificadora que o sacrifício ocupa na simbologia cristã. A culpa deve ser menor, a ânsia de sofrimento também.

- O mundo já está viciado nisso! - Diego fez um ar de desânimo. - Cristo tem o mérito de ter vindo para esgotar o sofrimento de todos os homens. Não há quem não se sinta tentado a imitá-lo. Talvez daí o vício de se aporrinhar. As pessoas gostam de bolar uma coisa para serem pessimistas e viverem se lastimando! Mulheres desocupadas se regozijam com doenças e a possibilidade de freqüentar médicos! Cynicamente narramos desventuras amorosas e doenças de amigos, felizes com a possibilidade de nos martirizarmos um pouco mais!

- Não desvie o assunto. No livro que estou escrevendo, quero mostrar as idéias que movimentaram o mundo e chegar na busca espiritual que vem contaminando a todos. A coisa tem história!

Diego serviu-se de mais uma dose de uísque enquanto Victor continuava.

- Os filósofos dizem que tudo o que se estudou no mundo da filosofia não passa de uma

discussão entre as idéias de Platão e Aristóteles. Esses dois filósofos viveram na Grécia, alguns séculos antes de Cristo e suas obras levaram séculos para serem traduzidas para o latim.

- Antigamente as coisas caminhavam muito devagar. Não é como hoje que se põe uma imagem na televisão e o planeta inteiro fica sabendo!

Apesar do interesse no assunto, Diego não conseguia deixar de lado a contestação. Victor passara por essa fase, e tentava levar o amigo pelo mesmo caminho que trilhara, explicando tudo em detalhes.

- Foi no Renascimento, séculos XIV e XV, que as idéias dos filósofos gregos renasceram e puderam ser divulgadas e lidas por muita gente. A imprensa havia sido inventada! Foi então que a cultura deixou de ser privilégio dos mosteiros e passou para o povo. O importante é notar que o conhecimento do pensamento dos filósofos e dos cientistas levava as pessoas a refletirem e evoluírem o próprio espírito.

Victor tomou fôlego e continuou:

- Na mesma época ocorreu a Reforma. O protestantismo era um movimento político que combatia o poder terreno da igreja Católica. Para que fosse religioso, precisava de um bom motivo. Como havia sido inventada a imprensa, um ato voltado à leitura de livros, produto da mais moderna tecnologia da época, os elevava à categoria de modernos! Eles então, com a impressão do livro compilado pelos católicos, acreditaram que o tivessem recém inventado e se dedicaram ao estudo da palavra de Deus. Até hoje, ao invés de venerarem as imagens dos santos, adoram um livro!

- Não sei se você vai mencionar, mas os que se dedicaram a estudar a Bíblia, apesar de modernos, jamais se entenderam. Dividiram-se em seitas sem fim.

- O que quero mostrar é que na época, o acesso à leitura, especialmente dos filósofos gregos, levou os artistas a produzirem obras de arte magníficas! Levou os homens a repensarem a própria existência! Houve um renascimento do pensamento e da cultura! Mesmo assim, os matemáticos, físicos ou astrólogos, que descobriam fenômenos importantíssimos, foram simplesmente taxados de bruxos ou hereges e queimados nas fogueiras da Inquisição. Só eram bem-vistos os navegantes que usavam os conhecimentos dos astrólogos, guiando-se pelas estrelas e descobrindo terras para a Igreja.

Por vezes Diego se levantava para reencher os copos. Victor falava como se desse uma aula.

- Bem, não vou narrar a história da humanidade, para isso basta ler uma enciclopédia qualquer. Ou melhor, enciclopédia é coisa antiquada, inventada pelos iluministas, as pessoas avançadas se ligam na Internet e fazem perguntas às universidades do mundo todo!

- Só revirar as bibliotecas das universidades não sei se acaba levando à alguma coisa. É preciso uma orientação, uma linha de pensamento! - Diego respirou fundo, contendo sua veia de cético.

- Na época do Renascimento foram retomadas as idéias dos filósofos gregos que valorizavam o homem. Nos anos 60, os hippies provocaram uma série de movimentos que levavam ao mesmo caminho. Embora tenham sido absorvidos pelo mercado que passou a comercializar todos o tipo de cultura alternativa, desde comida até livros e roupas, além de comportamento sexual e o próprio corpo, eles redescobriram a vontade do autoconhecimento e a valorização do místico dentro de nós. Não foram eles, não foi a luta de classe que aproveitou para incrementar a revolução, não foi o imperialismo que aproveitou para transformar até o amor em produto de consumo. Foi a vontade de adquirir novos conhecimentos, a ânsia de se criar um estilo de vida, que fez com que o espiritualismo retornasse ao mundo.

- O sonho dos jovens dos anos 60 acabou!

- Pior, o sonho não aconteceu! - Mesmo por trás dos óculos era visível a emoção de Victor. Com os dedos, ele assentava a cabeleira rebelde como se com isso assentasse também as idéias.

- Uns tantos festivais de música agrupou os jovens. Houve muita bagunça, droga e promiscuidade. Quando as coisas serenaram e foram absorvidas pelo mercado, o mundo caminhou para o oposto do que os jovens da época queriam. Talvez de tudo isso, tenha sobrado dentro de cada pessoa a vontade de desvendar a própria alma. A certeza de que a divindade não está separada do homem, mas é parte do homem. A divindade é vivermos um mistério insondável. É sabermos que estamos nesse mundo, não há remédio e mesmo assim nos empenhamos em melhorar! Tentamos fazer com que nosso espírito se alegre com as coisas simples, evolua, absorva a energia deste mundo. Não há fórmulas mágicas, não há drogas que resolvam. Há um caminho lento que cada um precisa percorrer, passando por todas as experiências, enfrentando a vida de frente. Talvez no fim de uma vida estejamos mais preparados para o

que vem depois. Talvez essa seja a realização do sonho!

Diego levantou-se e aplaudiu.

- Victor, você está demais! Superou toda e qualquer expectativa!

- Pretendo escrever um livro sério sobre o assunto. Um livro que ajude as pessoas a se localizarem no mundo e a buscarem a divindade dentro de si. A saberem se conectar com sua energia interior e a conectar essa força interior com alguma coisa maior, com a força cósmica!

Diego estava impressionado. O amigo o comovia. Talvez se não estivesse apaixonado, continuasse o cético de sempre e até debochasse dele. Mas Paloma havia entrado em sua vida trazendo uma série de coincidências que pareciam lhe mostrar que uma força divina as comandava.

- As pessoas que se dedicam a esses estudos chamam o nosso tempo de Nova Era. Creio que ainda há um sério problema! - Victor fez um ar de preocupação. - Eu, que sempre combati os que incentivam o nascimento de gente em ninhadas, como se fossem ratos, continuo vendo aí o grande desafio. É preciso que as pessoas tenham conhecimentos mínimos para que procriem com dignidade. Com toda a tecnologia que o mundo alcançou, é um pecado incentivar o nascimento de seres humanos para que sejam jogados nas ruas a fim de desestabilizar a sociedade e ser mais fácil a tomada do poder. O nascimento de um ser humano requer dignidade!

- Com tudo o que você me falou acho que seu livro vai ajudar. Se você conseguir que homens e mulheres criados na rua repensem suas vidas e não tenham outros filhos para mais uma vez jogar na rua, você vai ser um milagreiro!

Victor olhou ao redor. De dentro do seu ser brotava um sorriso especial. A alegria de alguém que acredita no que está fazendo.

- Ao lado dos grandes feitos que te falei, houve a história das mulheres! - Victor continuou.

- A história das mulheres vai ficar para outro dia. - Diego já havia bebido muito. As coisas ao seu redor começavam a flutuar, era muita idéia para uma conversa só. Aquilo precisava ser muito bem pensado e digerido. - Amanhã tenho de levantar cedo!

Antes de sair, tirou do bolso do paletó o livro de Paloma.

- Se você tiver tempo gostaria que lesse. A história é meio boba, mas o fundo histórico

que fala das feiticeiras é interessante.

- Ela escreve sobre feiticeiras? - Victor fez um ar de espanto.
- Escreve.
- Preciso conhecer essa mulher!
- Leia o livro!

Diego se despediu. Foi para a casa. Estava cansado e um pouco bêbado. Ao preparar-se para deitar percebeu que estava faminto Tirou do congelador um pacote de Chopp Suey de frango, seguiu as instruções, colocando o conteúdo congelado numa panela de teflon com um pouco de óleo e deixando cozinhar por oito minutos. Estava farto das lasanhas e outros macarrões congelados que somente punha no micro ondas e comia como os cachorros e gatos comiam suas rações. Cozinhar alguma coisa, sentir o barulho da comida fervendo por oito minutos parecia mais saudável.

Comeu e se deitou em seguida. Afundou num sono sem imagens ou, se sonhou, as imagens não foram suficientemente impressionantes para acordá-lo ou fazer com que se lembrasse delas.

Diego amanheceu com a sensação de uma noite bem dormida. Estava feliz com o rumo que a investigação estava tomando. Depois das conversas com Liliana e com Cacilda tinha certeza de duas coisas: que o finado tivera um bom motivo para beber cianureto com Mozart, e que Cacilda começava a aceitar a idéia. Domingo teria fotos do tal namorado e a gravação da conversa. Faria juz ao que Cacilda estava lhe pagando e aplacaria a própria ânsia pela certeza de que o finado tivera um motivo razoável para desistir da vida.

Com o correr do dia, ao mesmo tempo em que seguia o trabalho, pensava nos últimos acontecimentos, e também na conversa com Victor. Ele havia perdido o sarcasmo diante da vida e parecia empenhado num trabalho sério sobre um assunto que há pouco tempo era motivo de chacota. Por tudo o que falaram, ele vinha pesquisando profundamente o retorno à espiritualidade. Começara sobre o porquê das altas vendas de livros esotéricos e redescobria a história da humanidade! Estava empenhado já fazia tempo e só se abria depois de Diego ter-lhe falado sobre Paloma.

Foi pensar em Paloma e sua figura chegou-lhe dentro de um círculo mágico. Chegaram-lhe também as figuras de seus quadros: santa Tereza e Salomé. Vistas com a proximidade da imaginação, as três figuras coincidiam em alguma coisa. Pareceram-lhe compostas de elementos não retirados do belo, mas especialmente daqueles encontráveis nos demônios e nas feiticeiras, matéria mais alquímica do que estética. Era como se o artista tivesse tomado Paloma como modelo para pintar as duas outras figuras.

Fora ela a lhe dizer que era preciso aceitar as coincidências como alguma coisa a se desenrolar nos bastidores de nossa vida. Como se o destino as comandasse! O fato de tê-la seguido e filmado e em seguida ter sido contratado para outro trabalho que a envolvia, não lhe parecia uma simples coincidência, mas que sua aventura pessoal estava dando um passo numa direção desconhecida, e com uma determinação fora de seu controle. Naquele instante teve a certeza de que Paloma jamais se vingaria com as próprias mãos, mesmo do homem que a humilhara.

Aquele pensamento lhe trouxe tranqüilidade, mas também a certeza de que era preciso lhe falar sobre o vídeo. Não era justo que houvesse aquele segredo entre eles. Mesmo que a magoasse, era preciso que ela soubesse da existência do vídeo e que ele acompanhara aquela experiência de horror. No final da tarde, telefonou-lhe.

- Estou começando a fazer Cacilda aceitar a idéia do suicídio!

- Incrível! Isso merece uma comemoração! Como você conseguiu?

- As outras entrevistas não me ajudaram muito, a não ser conhecer os tipos com quem o finado fazia seus programas. Liliana foi a que me deu a prova, o motivo para o suicídio. Creio que eu mesmo estava de tal forma excitado depois da entrevista, que foi fácil passar minha idéia a Cacilda. Domingo vou fotografar o namorado!

- Estou curiosa para ver as provas!

- Você ficaria feliz se soubesse que o finado passou por uma humilhação muito grande?

- Seria a glória da minha vida!

Dava para sentir a euforia vindo junto com a voz.

- Existe algum motivo especial para isso?

- Bem, - ela pigarreou. - Ele era muito egoísta. Merecia que a vida lhe desse algumas lambadas.

- Sabe!, - a voz de Diego perdia a firmeza. - Tenho uma coisa que preciso te mostrar, mas longe da Salomé e da Santa Teresa.

- Você quer um encontro fora da minha casa?

- Exatamente.

- Podemos tomar um chá.

- Gostaria que viesse à minha casa. Tenho algo que você só poderá ver aqui.

Ela não respondeu.

- É uma coisa relativa à investigação.

- No domingo estarei em casa com Antônio e sua coleção de selos! Às vezes saímos pelas feirinhas buscando alguma raridade.

- Não precisa ser domingo.

- Que tal segunda?
- Podemos almoçar antes.
- Não, prefiro ir diretamente à sua casa, logo depois do almoço!

Ele lhe deu o endereço.

Naquela noite, ao chegar do escritório, Diego arregaçou as mangas e começou uma limpeza e uma arrumação que sua casa jamais vira. Queria que Paloma gostasse dela.

Domingo de manhã, Diego passou na padaria, comprou pão, leite, café solúvel e manteiga e foi para a casa de Liliana. Usava uma jaqueta, num dos bolsos um gravador, no outro a câmera fotográfica.

Precisou tocar a campainha duas vezes, a segunda vez demoradamente, até ela abrir a porta. Vestia um robe que mantinha o perfeito equilíbrio entre o que mostrava e o que insinuava.

- Sabia que você seria pontual. - Ela esboçou um sorriso.

Ele entrou e levou a embalagem da padaria até o balcão que separava a sala da cozinha. Ela abriu um sorriso ao ver os ingredientes para um bom café da manhã.

- Vou acordar o Ricardo!, - anunciou fazendo um beicinho e se retirando.

Diego achou que era muita coincidência o cara se chamar Ricardo. O Ricardão da história! Enquanto ela não voltava, ligou o gravador dentro do bolso.

- Você já pensou na minha proposta? - Ela retornou com o beicinho e um olhar sedutor. - Se você provar um assassinato, a velha vai se esquecer de mim. Sabe. . . se ela me puser para fora, não vou ter onde morar!

- Não acredito que alguém tenha conseguido passar despercebidamente pela vigilância de Joana. - Diego falou enquanto desembulhava os ingredientes do café.

- A bruxa da empregada?

Diego delirava. Xinga, xinga mais!, pensava. A gravação sairia perfeita!

- Falei com Joana. Ela tem certeza absoluta que ninguém entrou. E você sabe como Cacilda confia em Joana!

- Aquela bruxa é um horror! Ninguém põe os pés naquela casa sem que ela pressinta! Até os passarinhos se sentem constrangidos ao pousarem nas plantas do quintal!

Impossível conseguir uma gravação que exasperasse mais Cacilda e conseqüentemente a fizesse acreditar no motivo. Diego estava radiante.

- E você quer que eu convença Cacilda que ela abriu a porta para que alguém entrasse e matasse Roberto?

Ela fechou os olhos e franziu os cantos da boca, tentando fazê-la atraente no seu rosto redondo de bebê grande e idiota. Depois, com um rápido dar de ombros, dirigiu-se ao minúsculo fogão. Abriu um armário e procurou uma panela.

- E Ricardo? - Diego perguntou.

- Está levantando, já vem.

- Acho que é preciso esquentar o leite. - Ela fez uma pose segurando a panela, como se não fizesse a menor idéia de como se punha leite para aquecer.

Diego aproximou-se, abriu a caixa de leite e despejou-o na panela. Acendeu o fogo e colocou a panela sobre ele. Fez tudo isso sob o olhar atento de Liliana.

- Você tem prática!, - ela sorriu.

- Vivo sozinho há algum tempo. Você também vai acabar aprendendo.

- Ricardo sabe fazer essas coisas. Não é, anjo! - Ela fixou a atenção por cima dos ombros de Diego.

Ao voltar-se, Diego se deparou com um rapaz encorpado, vestindo somente uma bermuda, que esticava as pernas esculturais sobre o piso. Seu rosto simples e sereno se complicava por conta de certa vaguidão do olhar. Sua cabeça alourada era produzida pela parafina de esfregar na prancha de surf. Com um orgulho tranqüilo, como se Diego não estivesse ali, forçou as palmas das mãos, uma contra a outra, e fitou os peitorais bronzeados.

Ele lembrava as louras burras que atulhavam a paisagem nos tempos de Marilyn Monroe. Agora, muitos dos membros desse grupo eram rapazes. E havia milhares como ele,

neoprimitivos que não pareciam pertencer ao mundo moderno. Podiam viver como selvagens felizes ao redor de academias de ginástica enquanto os computadores e seus operadores tomavam todas as decisões. Sem falar no país que arrebatavam o lombo para trabalhar e sustentá-los. No caso, enquanto o finado estava vivo e apaixonado por Liliana, por tabela, havia sustentado o louro burro.

- Sou Diego. Creio que Liliana falou que eu viria.

Ele assentiu com a cabeça e se aproximou cheio de curiosidade quanto ao conteúdo dos pacotes.

- Manteiga! - ele fez um ar de nojo. - Gordura animal, cadáver!

- Engano seu, manteiga vem do leite, e o leite sai da vaca antes que ela vire cadáver! Se não quiser não come! - Diego pensou que do movimento hippie com sua volta à natureza, também haviam surgido aqueles naturalistas chatíssimos! As coisas não eram perfeitas!

- Temos exatamente três xícaras. - Liliana colocava-as sobre a mesa da sala. Quando comprei pensei numa para mim, uma para o papi e uma para Ricardo!

- Vocês três viviam em perfeita harmonia.

- Engano seu! - Liliana fez um ar de preocupação fingida. - Perfeita harmonia era só comigo. O papi encontrou uma única vez o Ricardo, e foi um fregê!

- Imagino que ele não os encontrou tomando o chá da tarde. - Diego sorriu. - Veja o leite! - Ele apontou a panela no fogo.

Liliana foi até o fogão, apagou o fogo e trouxe a panela.

- Me conte como foi esse encontro! - Diego fixou os olhos em Ricardo que tentava assentar os cabelos com os dedos.

- O papi tinha a chave do apartamento. Normalmente ele não saía do escritório no horário comercial. Um dia ele saiu e nos pegou na cama. - Fazendo um olhar de pena fingida, continuou: - Não estávamos fazendo nada de condenável, estávamos adormecidos.

Ricardo soltou uma risada estridente.

- Abraçadinhos. - Liliana observava Diego colocar café solúvel nas xícaras e despejar o leite. - Já tínhamos feito o que um casal jovem costuma fazer! Estávamos dormindo tão profundamente e despertamos com ele aos gritos.

- A criatura ficou possessa! - Ricardo falou enquanto pegava um boné do sofá e enfiava na cabeça assentando os cabelos. - A criatura ficou possessa! - repetiu perdendo por uns instantes a vaguidão do olhar. - Acho que foi a primeira vez na vida que senti medo de morrer!

- Ele era um velho e você é um jovem musculoso! - Liliana olhou Ricardo que repetiu o gesto de apertar as palmas das mãos, desta vez fixou o olhar nos bíceps. - De qualquer forma, evitei que se pegassem numa briga.

- E qual foi a reação do papi?, - Diego punha sarcasmo na voz e esperava a resposta antevendo a reação de Cacilda.

Embora Liliana tentasse colocar dramaticidade na voz, seus olhos demonstravam a alegria que sentira ao cornear Roberto.

- Pulei da cama, abracei-o, disse que Ricardo era meu primo que havia chegado do interior, que não tinha aonde ficar e que eu o havia hospedado. Disse que havíamos ficado conversando na cama por um longo tempo, contando todas as histórias da família e acabamos adormecendo.

- E o papi acreditou?

- Beije-o na boca impedindo-o de falar. Beije-o até sentir que seu corpo relaxou. - Ela piscou várias vezes batendo as pestanas. - Sei fazer um homem relaxar.

- E você? - Diego voltou o olhar para Ricardo.

- Me tranquei no banheiro e fiquei lá, cara! - Ele mastigava o pão cheio de manteiga, perdera o nojo. - Se o apartamento não fosse no sétimo andar, teria arreventado o vitrô e me atirado!

Enquanto contavam o caso os dois sorriam, debochavam do finado. Liliana bebeu o café com leite, comeu pãezinhos e sentou-se no colo de Ricardo.

- Posso fotografar vocês dois? - Diego tirou a câmera do bolso e foi batendo as fotos antes da resposta.

Nenhum dos dois se apavorou, fizeram poses, beijaram-se na boca e deram muita risada. Diego jamais teve uma missão tão fácil.

- O papi já morreu, podemos viver nosso amor sem atropelos.

- E quem paga as contas!

- Eu trabalho. . . - Ela revirou os olhos para Diego, como se ele tivesse obrigação de se

lembrar que era atendente do doutor Carlos. - As contas do condomínio e despesas do apartamento, são por conta da velha. Ricardo vai começar a dar aulas na academia. Ele é bom de musculação. Quando você quiser malhar, venha aqui que ele te orienta!

- Para quê você quer as fotos? - Ricardo perguntou.

Diego surpreendeu-se que ele não fizesse mesmo idéia.

- Creio que com elas vou provar para a mãe do finado que ele tinha um bom motivo para se suicidar.

Ricardo ouviu a resposta arqueando as sobrancelhas. Em seguida retomou a vaguidão do olhar.

- Se é para mostrar para a velha, desejo que ao vê-las, ela tenha um derrame e fique parálitica pelo resto da vida, com aquela empregada nojenta limpando a sua bunda. - Liliana fez uma cara de desprezo.

- Você não tem remorso? Tenho certeza absoluta que encontrar vocês dois na cama foi o motivo que levou Roberto a beber veneno.

- Suponho que eu devia berrar ou algo parecido, - Liliana franziu o nariz. - Parece que não sinto sequer vontade de chorar.

- Não precisa berrar nem chorar. O mais simples seria desocupar o apartamento sem causar muitos problemas. - Diego tentava acertar as coisas para Cacilda. - Em nome do finado!

- Em nome dele! - Seus olhos ficaram brilhantes como o dos macacos. - Se me amasse não iria se matar antes de passar o apartamento em meu nome! Até aquela velha nojenta sabia que a vontade de Roberto era que eu vivesse toda a vida aqui! E só Deus sabe o quanto me sacrifiquei para aturar um velho resfolegando em cima de mim!

Ela se serviu de mais uma xícara de café com leite e passou manteiga em mais um pãozinho.

- Bonitão, - os olhos de Liliana perderam o brilho e se tornaram calculistas. - Você sabe que não vou sair do apartamento sem causar problemas bem sérios. Seria mais fácil você convencer a velha a me deixar morar aqui. Já que não há como pensar que alguém deu veneno para o filhinho dela, que seja em nome do amor que ele sentia por mim. O finado me amava! Você pode convencê-la a fazer

sua última vontade! Passar o apartamento no meu nome!

Diego continuou mastigando seu paõzinho sem dar resposta.

- Bem, se é para você mostrar as fotos, quero que ela veja uma com um beijo muito apaixonado. Vai ficar tão furiosa que vai ter o derrame! Além de pulos de alegria, aí vou ser eu a perguntar se você não está com remorso!

Como se o boné limitasse a extensão e a amplitude de sua mente, Ricardo tirou-o e apoiou-o sobre os joelhos, tal um pedinte. Liliana sentou-se no seu colo, sobre o boné e beijou-o na boca com muita volúpia. Diego largou o pão e tirou mais fotos.

Quando terminaram o café, ele se despediu e saiu radiante. Tinha certeza de que as provas convenceriam Cacilda. Além do bilhete e do vidro de veneno, agora possuía o motivo. Com a gravação da conversa e as fotos de Liliana e Ricardão, chegava a sentir pena do finado.

Apesar de ser domingo Diego encontrou aberta uma loja que revelava fotos em uma hora. Enquanto isso, foi para a casa e fez uma cópia da gravação, deliciando-se com as palavras de Liliana. Com as fotos e a gravação, dirigiu-se à casa de Cacilda. Estava ansioso para ver o efeito das provas.

- Finalmente você chegou! - Cacilda estava trêmula. - Desde que me prometeu fotos e gravações, não durmo nem como!

Diego começou pelas fotos. Ela sentou-se e lentamente olhou uma por uma. Então ele ligou o gravador. Um ar de fracasso desesperado desprendia-se dela como um odor pessoal. Quando a voz de Liliana, cheia de sarcasmo, mencionou que havia agüentado um velho resfolegante sobre ela e que por isso merecia o apartamento, os olhos de Cacilda injetaram-se de sangue. Quando a gravação terminou, ela levou algum tempo em silêncio, olhando as cortinas, como se aos pouco fosse acreditando no inacreditável.

Ao mesmo tempo em que estava feliz pelas provas conseguidas, Diego sentia pena de Cacilda. Joana entrou na sala e também ela viu as fotos e ouviu a gravação. Sua reação foi diferente. Ao ouvir que era uma bruxa, os cantos de sua boca repuxaram-se em desdém e sua voz atropelou-se para enumerar o tanto que Liliana havia arrasado a vida do finado. Ele, que rastejara atrás de uma mulher bem mais jovem na expectativa de recobrar uma juventude irrecobrável, acabara encontrando a morte.

Menos perigoso seria manipular um barril de nitroglicerina!

Quando esgotou-se o assunto, Diego sugeriu que servisse um licor. Descontraída, não como a empregada que Diego conhecera, mas como alguém da família, Joana trouxe os cálices e uma nova garrafa. Cacilda abriu-a e tomou três doses seguidas, como se fosse uma poção mágica que podia trazer sua mente para aquilo que geralmente chamava de realidade: a comida para fazer, as compras no supermercado, o dia-a-dia. Lembrou-se da própria fome, e perguntou se Joana havia feito almoço. Diante da resposta afirmativa, convidou Diego para almoçar. Ele não aceitou, reencheu os cálices e os três brindaram pelo final do caso. Cada qual com seus motivos.

Diego recebeu o restante do pagamento e despediu-se. Sabia que as duas ficariam dias confabulando sobre a gravação e as fotos. Tinha certeza de que Cacilda, apesar de arrasada, havia se convencido de que o filho havia bebido cianureto por decisão própria! O motivo pareceu-lhe irrefutável, o adultério de Liliana!

Diego saiu da casa com a sensação de missão cumprida. Cacilda estava convencida e ele feliz. Estava muito feliz em poder provar que o finado sofrera uma boa humilhação antes de beber veneno.

Ao entrar em casa, pensou em pegar o telefone para saber se Paloma havia saído em busca de selos raros com o marido mas, lutando contra o impulso, repôs o aparelho no lugar. Iria vê-la na tarde do dia seguinte. Sentiu que ganhava aquela briga, um ponto para o bom senso.

Ligou para Victor e foi para o seu apartamento.

Por mais incrível que pudesse ocorrer na vida deles, numa tarde de domingo, Victor bebia água e ofereceu um copo a Diego.

- Acho que já não preciso bancar o detetive durão, nem você o repórter cínico. Vamos à água!

- Você quer com ou sem bolinhas?

- Já que vamos tomar um porre, é melhor com bolinhas!

Victor trouxe uma garrafa da cozinha e serviu a água com gás, borbulhante.

- Como vai a investigação?

- Este caso foi intrigante. Afora o instinto maternal de Cacilda, não havia uma única prova de que não levasse ao suicídio. Tudo era tão óbvio que até o surfista da mulher que corneava o finado se chama Ricardão! - Diego sorriu.

- E foi justamente um caso tão óbvio que o levou a descobrir a existência de coisas simples e básicas da vida como o mundo espiritual.

Diego não havia pensado nisso e se surpreendeu com a idéia do amigo.

- Quando percebi que você estava apaixonado, - Victor continuou: - imaginei mais um caso típico das aventuras das mulheres casadas há mais de sete anos, quando começam a perceber que o casamento é uma coisa opressiva e iníqua, além das privações sexuais que passam a sofrer, pois os maridos já se cansaram delas. Uma mulher dessas é presa fácil, o sonho romântico acabou se é que algum dia existiu, restou a desilusão, o tédio, a perturbação moral, a vulnerabilidade. Então aparece um libertino como eu ou você, e seduz a pobre mulher. Não era assim que agíamos!

A água descia fazendo cócegas em sua garganta. Diego sorriu. Algumas lembranças vieram-lhe à mente.

- Por isso o livro dessa moça me surpreendeu! - Victor pegou o livro de Paloma e balançou-o no ar.

Diego parou de sorrir e olhou-o com certa surpresa.

- Adorei! - Victor continuava balançando o livro.

Diego levantou as sobrancelhas, sem saber se Victor falava a sério ou se ainda era o cínico inveterado.

- Você não gosta dela?, - Victor perguntou.

- O que não me obriga a gostar do livro que escreveu. Na trama de amor, há um ridículo que se supera e chega a comover.

- Talvez seja exatamente isso o que esteja faltando, as pessoas descobrirem o óbvio e não terem medo de se expor ao ridículo! Gostei de como ela fala sobre as feiticeiras. Adorei a forma como expõe o desejo e a sensualidade. A descoberta do mundo através do prazer, da realização no amor.

Diego limitou-se a olhá-lo. Seus olhos já não eram do detetive cínico, estava interessado nos estudos de Victor.

- Através da feiticeira Inácia ela expressa que no tempo das bruxas, as mulheres chegavam à sabedoria da vida através de um amor delirante que culminava no prazer sexual. Nos clássicos, como o “Martelo das Feiticeiras” os inquisidores criaram leis e artimanhas justamente para anular o poder de sedução da mulher! Ela tem razão quando afirma que, depois da caça às bruxas, a mulher perdeu a sensualidade. O mundo perdeu a sensualidade!

Desta vez não estavam na sala, mas no escritório de Victor. Diego olhou o computador ligado, os livros espalhados sobre a escrivaninha. Será que também ele descobria um mundo novo através do amor de Paloma?, pensou com uma certa reserva e voltou-se para o amigo:

- Que fim levou a libertinagem que praticávamos há bem pouco tempo?

- Depois dos corpos expostos como objetos de consumo em bancas de jornal, foi transfigurada no sexo virtual, transas internetadas! - Victor levantou o copo de água como se aquilo merecesse um brinde. - E pior, corremos o risco de nossa libertinagem ser confundida com assédio sexual!

- Adoraria ser assediado! - Diego esboçou um sorriso cínico.

- Tudo isso faz parte das idéias que movimentam o mundo! - Victor continuava. - Não

sob o ponto de vista das correntes de pensamentos dominantes, mas essa espiritualidade reprimida. Nós, homens, nos proclamamos ateus como uma expressão do machismo, do cinismo. Ter lido o livro de Paloma me fez ver minha pesquisa de maneira diferente. Estamos acostumados a ver o mundo através dos homens, das guerras. Um tomando o poder do outro. Talvez esse outro lado tenha a ver com as mulheres e de como o seu sexto sentido foi abafado, ou melhor, cortado pela raiz na época da inquisição.

- No nosso último porre você já me contou a história do mundo. Hoje vai ser a história das mulheres? - Numa tentativa de afastar a imagem de Paloma, Diego balançou as mãos na frente da cabeça.

- Quando te falei sobre as idéias que rolaram no mundo, não estava de porre! - Victor fez um ar de ressentimento fingido antes de continuar. - Desde que mundo é mundo, os imperadores, os reis, os papas, os mais ricos barões tinham médicos. O povão consultava a mulher com o sexto sentido desenvolvido, a feiticeira. Elas consolavam e curavam feridas espirituais e físicas. Elas ensinavam a arte da sedução.

- E será que hoje não continuam fazendo? - Diego concentrou-se nas palavras de Victor.
- Uma boa paixão cura até dor de calo!

Victor não levou em conta o comentário sarcástico.

- Acredito que os quatro séculos de queima às bruxas acabou com a sensualidade do mundo. Esses quatro séculos não tiveram nada de histeria coletiva, ao contrário, foram uma perseguição muito bem calculada e planejada. Os inquisidores tiveram a sabedoria de ligar a transgressão sexual à transgressão da fé, e punir as mulheres por isso. Quando comecei a pesquisar, eu, que passei a vida tendo um caso atrás do outro com um mulherio desprovido de qualquer sentimento ou emoção, fiz a pergunta: O que foi feito das magas da Pérsia, das sibilas que prediziam o futuro, das deusas orientais que ensinavam a virtude das plantas e a mágica das estrelas, das deusas do Olimpo que incorporavam todos os anseios da alma, da Circe que preparava filtros e venenos?

Diego estava atônito. Escorregou o corpo até a ponta da cadeira e repetiu a pergunta com insistência:

- Que é feito delas? - Ao repetir a pergunta, veio-lhe à mente o quadro de Santa Tereza.

Talvez aquela pergunta tenha perpassado a cabeça do artista enquanto o pintava.

- Cortar pela raiz o sexto sentido da mulher teve um começo. Foi o livro do Gênesis. Nele se fala que o Deus monoteísta é único, Todo-Poderoso, onipresente e onisciente. Criou sozinho o mundo em sete dias e, no final, criou o homem. Só então criou a mulher. Colocou ambos no paraíso onde havia de tudo. Graças ao poder de sedução da mulher, o homem cedeu à tentação da serpente, cometeu o grande pecado de conhecer a árvore do bem e do mal e o casal foi expulso do paraíso. Não foi assim que tudo começou?

Victor olhou para Diego, vendo-o muito atento, continuou:

- O pecado original, a culpa máxima foi colocada no ato sexual. Praticá-lo era transgredir a lei. Limitaram-no às funções procriativas, e mesmo assim cheio de culpa. Talvez tenha sido nesse ponto que a mulher perdeu a capacidade de conquistar o conhecimento que integra inteligência e emoção, corpo e alma. - Como um conferencista, Victor bebeu uns goles de água antes de continuar: - Outro lance: Deus criou o homem a partir da estátua de barro e lhe soprou a alma. Um ser inteiro. A mulher foi tirada da sua costela. O primeiro homem expeliu do próprio corpo, uma mulher. Só que tirar da costela é menos violento do que tirar do próprio ventre. É um ato limpo e sagrado. Na mulher, parir é um ato animalesco, cheio de sangue. É um castigo pelo prazer.

Como se tudo aquilo se acumulasse e pesasse em sua cabeça, Diego segurou a testa com as duas mãos.

- Tanto o sexto sentido como o desejo e a sensualidade da mulher passaram a ser o centro de sua punição, - Victor continuou. - Talvez por isso elas estejam tão carentes e vivendo uma vida sem sentido, transportando seu desejo para coisas materiais como roupas e carros!

- Já que os homens não lhes podem dar a sensualidade, que lhes dêem grana e gozo material! - Diego concluiu o óbvio. - E quando as fogueiras da Inquisição se apagaram?

- As mulheres se tornaram frígidas, o orgasmo era coisa do diabo e portanto passível de punição. Qualquer uso que as mulheres fizessem dos seus dons era visto como pacto com Satanás. Das que sobraram com alguma sensualidade, dizia-se que estavam com o diabo no corpo. Agora, no final do milênio, parece que as mulheres encucaram a obrigação de viver todos os orgasmos que lhes foram negados desde o Gênesis e, como lhe falei, estão histéricas.

- Estou fascinado com o seu trabalho! - Diego fazia um elogio sincero. - Afinal eu era um cético. Nós éramos céticos!

Mesmo contra sua vontade, a imagem de Paloma surgia. Diego via sua sensualidade ser arrasada pelo finado.

- Como te falei, - Victor continuava, - estou estudando as idéias que perpassaram o mundo. Depois de ler tantos livros sobre bruxas, me pergunto se a igreja, que passou mais de um milênio preocupada com o tal sexto sentido, não tinha razão em estar preocupada. Comecei esta pesquisa para a reportagem vendo tudo o que se referia à espiritualidade ou magia como bobagem. Mas depois de ver tanto empenho em destruir, aniquilar o tal sexto sentido, ou dons, me perguntei se as bruxas não tinham um poder realmente grande, que fez com que a alta inteligência do mundo por vários séculos se voltasse contra elas!

- Até hoje, esse surto de esoterismo é desdenhado pelas pessoas cultas e inteligentes.

Victor não fez conta do comentário de Diego.

- As mulheres sempre foram as curandeiras das aldeias e fizeram importantes descobertas no mundo da química das plantas, no emprego dos venenos nas curas.

- A idéia de bruxa que nos chegou é a da mulher que tem a capacidade de fazer malefícios a outras pessoas por meios misteriosos. - Victor punha na voz uma entonação de mistério.

- Há muitos processos onde são acusadas de levar pessoas à morte. E só existe o processo porque a pessoa realmente morreu! Não há processos para agradecer curas!

Victor bebeu vários goles de água e continuou:

- As feiticeiras eram acusadas de enfeitiçar animais de criação e interferir com a natureza, impedindo vacas de produzir leite ou frustrando operações domésticas como fazer manteiga, queijo ou cerveja. Se a bruxa olhasse, a coisa desandava. Segundo os manuais da inquisição, a influência maligna poderia ser transmitida por contato físico ou lançada pelos olhos, numa emanção potente. A bruxa pronunciava uma praga ou maldição, que fazia efeito no devido tempo. Ainda apavora a tradicional imagem de cera ou de pano espetada com alfinetes!

Victor descrevia os poderes das bruxas com muita graça.

- Sinto até um arrepio em pensar que uma mulher possa fazer uma boneca com minhas

formas e espetá-la de alfinetes, ou mesmo aquela coisa de costurar a foto na boca do sapo! Isso é coisa de bruxa má! - Diego sorriu.

- Ser boa ou má era relativo!

Mais uma vez a imagem de Paloma. Desta vez via seus sonhos com a feiticeira fabricando perfumes, filtros de amor e também venenos potentes.

- Todos os povos primitivos acreditavam em bruxas. Mas só na Europa, no fim da Idade Média, os clérigos inventaram o famoso pacto com o Diabo. Em troca de uma promessa de fidelidade, a bruxa ganhava poderes sobrenaturais.!

- Há muita literatura sobre pactos com Satanás! Uma pessoa tomada de ódio ou paixão é capaz de vender a alma ao Diabo! - Diego pensou que ele mesmo tomara-se de ódio por um morto e exultara em saber que o finado havia sofrido.

- A religião católica, em seus rituais aperfeiçoou o que as bruxas já faziam. - Victor continuava. - A Missa é um ritual copiado das cerimônias pagãs. A Eucaristia segue uma das regras básicas da magia: pegue uma substância da natureza, através do ritual faça com que se transforme numa coisa divina e consuma-a. O pão virar corpo e o vinho sangue de Cristo é o que há de mais perfeito na área!

- Nas aulas de catecismo sempre aprendi que essa transformação era um milagre!

- Claro que é! Fazer milagres faz parte da vida. Jesus fez o primeiro milagre transformando água em vinho para que uma festa de casamento ficasse mais animada. - Victor estava empolgado com o próprio discurso. - Hoje em dia, as igrejas evangélicas que buscam fiéis também têm pastores que realizam milagres. Realizar milagres sempre foi tão importante que se tornou condição indispensável para que o indivíduo seja canonizado!

- E foi o livro de Paloma que lhe inspirou todas essas idéias?

- Claro que não! Comecei a pesquisar sobre a venda dos livros esotéricos e envidei por caminhos que sempre conhecemos e tínhamos medo de trilhar! Paloma descreve muito bem o processo da feiticeira Inácia. Ela mostra com perfeição os sentimentos que a levavam a realizar os feitiços! O livro simplesmente me deu coragem de falar sobre isso a você!

- Fui contratado para uma investigação tão boba de provar um suicídio óbvio, e vou

acabar com a alma revolucionada!, - disse Diego. - Você e Paloma me falam o tempo todo sobre buscas espirituais, bruxas, o mundo como fonte de energia, coincidências rolando pelos bastidores da vida!

- Também eu jamais imaginei que de uma pesquisa sobre venda de livros esotéricos, fosse partir para tantos estudos e acabar mudando minha maneira de ver a vida!

A garrafa de água estava vazia. Victor precisava continuar seu livro, Diego se despediu. Iria terminar a arrumação da casa. No dia seguinte trabalharia na parte da manhã, e logo depois do almoço receberia a visita de Paloma. Uma tristeza muito grande tomou conta dele ao pensar que iria lhe falar sobre a gravação do vídeo.

Segunda-feira, Diego trabalhou toda a manhã segurando a alma para não lhe sair pela boca. Comprou flores, o melhor vinho do Porto que encontrou e foi para casa. Colocou as flores num vaso, tirou um pozinho que havia caído na mesinha de centro, tomou um banho, vestiu-se com capricho, engoliu um sanduíche de qualquer jeito e a campainha tocou. Ele estremeceu. Foi até a porta, abriu-a e se deparou com Paloma.

Embora desde que marcaram o encontro estivesse esperando por ela, teve de se segurar na porta para não desfalecer. Convidou-a para entrar. Sem saber por onde começar, desculpou-se pela simplicidade da casa.

- Sou sozinho! Não entendo muito de decoração!

Paloma sorriu enquanto corria os olhos por tudo, sem dar muita importância. Diante do seu sorriso, Diego convidou-a a se sentar e ofereceu-lhe o vinho do Porto. Embora tivesse ensaiado várias falas, não lhe ocorria nenhuma para entrar no assunto da gravação do vídeo.

- Você era realmente amiga das mulheres do finado?, - perguntou.

- Conheci algumas.

- Qual é sua opinião sobre elas?

Ela olhou-o um pouco surpresa.

- Você dormiu com alguma delas?

- Vou ter de consultar minhas anotações! - Ele tomou ares de detetive durão. Em seguida se arrependeu, franziu o rosto e ficou calado por um momento.

- Gostaria que quando você me respondesse, não fosse com a idéia fixa de imitar os detetives durões da ficção! - Ela lançou-lhe um olhar benevolente.

- Posso lhe garantir que não dormi com nenhuma das mulheres do finado, e nem tenho a menor intenção de me aproximar delas. - A cara de detetive durão se desfazia num sorriso.

- Isso é bom! Talvez o finado fosse um imaturo. Ou talvez tivesse carências muito profundas na alma. Suas mulheres eram iguais a ele.

- Um sugando a energia do outro sem acrescentar coisa alguma. - Diego concluiu sem sarcasmo.

- Vejo que você está começando a aceitar a idéia do mundo como fonte de energia!

- Por incrível que pareça, estou! Acho também que as coincidências não ocorrem por acaso.

- Isso me deixa muito feliz!

Os dois se olharam. Levantaram seus cálices de vinho e brindaram em silêncio.

- Bem, o que é que você tem para me mostrar? Estou curiosíssima! - Paloma tentou pôr um pouco de seriedade no seu olhar de felicidade.

Era a inocência das vítimas que fazia com que se tornasse poesia o que lhes acontecia. Diego sentia dor na alma diante da inocência de Paloma. Não podia esperar mais. Tomou fôlego:

- Há mais ou menos um ano, fui contratado para seguir uma mulher e conseguir as provas de que ela traía o marido.

- É o seu trabalho, não? - Ela fez a constatação, sorrindo com naturalidade.

- Faço isso todo o tempo, mas aquele trabalho foi muito especial.

- Por quê?

- A mulher que segui me transtornava a alma. - Ele olhou-a com uma mistura de medo e ternura. - Sua simples presença impedia que eu bancasse o detetive durão. Fiz meu trabalho com a alma por um fio.

- E o que isso tem de ver com a investigação sobre o suicídio de Roberto?

Paloma começava a ficar insegura, remexia-se na cadeira. Diego não queria fazer suspense. Olhou para tudo o que havia na sala em busca de auxílio, mas nada mudava ou acontecia.

- Na tentativa de filmar um flagrante de adultério, tenho um vídeo de uma mulher sendo humilhada, implorando por um gesto de carinho. - Sua voz saiu de um jorro.

Em seguida ele fez uma pausa, tomando um longo gole do vinho. Apreciava o efeito dramático, mas não em Paloma. Não estava disposto às mesmas cenas ridículas que vira no vídeo. Ele a

olhava como que pedindo perdão.

Mordendo os lábios, ela se levantou lentamente, afastando-se dele. Quando se voltou, sua expressão estava transtornada, as faces perdiam a cor, era uma fera acuada. Continuou a recuar até que a parede a deteve. Só que ali não havia as diabrites do sonho de Diego onde ela dava um passo de dança e transformava-se na figura de Salomé no quadro.

Ele suspirou, não havia dúvidas, ela sabia do que se tratava. Diego aproximou-se e sentiu-a trêmula. Segurou-a pelos braços, beijou seus cabelos. Tomou-lhe a face e levantou-a até que seus olhos se encontraram.

- Você foi amante dele?, - perguntou e viu seus olhos se perderem num ponto da parede. Por um longo momento adquiriram a tristeza que ele vira no vídeo. A boca começou a tremer.

Diego abraçou-a. Sentiu-lhe o calor do corpo. Não queria que ela sofresse, mas não sabia o que fazer para evitá-lo. Afastou-se e lhe trouxe o cálice de vinho. Ela emborcou-o de um gole.

- Meu marido o contratou!, - ela fez a constatação. O vinho parecia injetar alguma coisa na sua palidez marmórea. Ele reencheu-lhe o cálice.

- Não, não foi Antônio quem me contratou.

Ela ficou parada, olhando um nada que só ela via. Ele segurava-lhe o corpo trêmulo. Afagava-lhe os cabelos, louco de desejo de fazer algo que lhe minorasse o sofrimento.

- Foi sua mãe. - ele informou.

Momentos depois, ela o surpreendeu, desatando a rir.

- Então minha mãe contratou-o para me espionar! Era ela a preocupada com a possibilidade de eu estar tendo um caso e viveciando orgasmos! Será que ficou tão feliz com o serviço que o indicou para Cacilda? - Suas palavras tinham uma ironia desesperada. - Me admira que minha mãe não tenha feito um escândalo.

Diego tentava tirar energia do nada para transmitir a ela. Queria que soubesse da existência do vídeo, mas não queria que sofresse além do que sofrera ao vivenciá-lo.

- Sua mãe convenceu-se de que você havia feito a viagem. E não menti, falei que a segui até o aeroporto e encontrei-a de volta no desembarque. Não lhe entreguei a gravação.

Ela levantou o rosto com o olhar indagativo. Balançou a cabeça lentamente como se

tentasse entender.

- Disse-lhe sempre a verdade. - Diego continuou: - Que você ia ao Arquivo, à Biblioteca, dava-lhe os horários. Naquela semana limitei-me a segui-la até o local do embarque e voltei lá no dia da chegada. Não viajei junto, pois ela não me pagou para isso!

- E por quê? - Paloma estava atônita.

- Já lhe disse que você me impressionou desde que comecei a segui-la. - Diego sentia a boca seca. - Achei que ninguém precisava saber o que ocorreu durante a suposta viagem. O que aparece na fita não é adultério, embora a intenção tenha sido. O que está gravado na fita são cenas de resistência à humilhação. Sua mãe me pagou e ficou feliz com o trabalho, jamais soube que você esteve no apartamento do finado. Agora só eu e você sabemos que você esteve lá e o que ocorreu. O finado está morto e enterrado!

- E você quer que eu reveja tudo o que vivi naquela maldita semana?

- Queria que soubesse sobre o trabalho que fiz seguindo-a, e também da existência do vídeo.

Ela voltou o olhar para a parede. Seu rosto exibia uma expressão pensativa, solitária, extremamente triste. Diego não saberia como defini-la a não ser como uma janela para a alma. Ele tomou-lhe a mão, acariciou-lhe as faces, beijou-lhe o rosto. Ela continuou distante.

- Já que você não entregou, gostaria que a destruísse! Tudo o que o vídeo contém é uma chaga muito funda. Não quero rever ou reviver nada disso. Aliás, tenho gravadas a fogo na minha alma cada uma das cenas. - Ela puxou os músculos num sorriso, os olhos continuaram distantes. - Você deve ter rido ao assisti-las, afinal não passa de um dramalhão ordinário!

- Eu não ri e nem fiquei com pena. Senti uma tremenda vontade de me aproximar de você. E por uma coincidência só explicável através de alguma força desconhecida, fui contratado para outro serviço que a envolvia. Tenho certeza de que sua mãe e Cacilda não se comunicaram a respeito da minha contratação. Cada uma delas achou meu nome no anúncio do jornal. Foi pura coincidência!

Paloma ouvia com atenção, mas seu rosto continuava com uma expressão extremamente triste.

- Você perguntou se fui amante do finado. Tudo o que você gravou naquele quarto foi o

que ocorreu entre nós. Depois disso, sequer conseguimos ser amigos. Aliás, jamais o fomos antes.

Diego pôs todo o carinho no gesto de alisar-lhe os cabelos, segurar-lhe as mãos.

- Logo depois da minha "viagem", pensei que fosse enlouquecer. Talvez como autodefesa, acreditei que o finado Roberto tivesse ficado com medo que eu largasse Antônio e fosse me instalar na casa dele. Tive também a certeza de que as coisas não iriam ficar do jeito que ficaram. Afinal ele era um amigo de infância, não era um cara qualquer que eu tivesse conhecido num bar. Achei que ele iria se empenhar num novo encontro, onde tentaria minorar a frustração. Não sentiria nojo de mim, não teria repulsa quando eu tentasse segurar sua mão. - Finalmente as lágrimas começaram a rolar. - Por muito tempo sonhei que ele iria fazer alguma coisa para não deixar a chaga viva na minha alma continuar a me atormentar, a me matar aos poucos.

Diego segurava-a sem interperer-lhe a fala. Sentia que ela precisava desabafar.

- Antônio viaja muito, eu o informava de cada viagem, certa de que daquela vez ele iria me convidar para ir com ele a algum lugar especial, que nós iríamos fazer amor, que ele iria aplacar os soluços do meu coração, iria acabar com a dor de ter sonhado com um homem por mais de vinte anos e ele ter nojo do meu corpo! Mas ele só fez aumentar a mágoa. Todas as vezes em que nos encontramos foi com ele demonstrando claramente que continuava a sentir nojo, repulsa.

Diego puxou-a pela mão e os dois se sentaram. Ele reencheu os dois cálices de Porto.

- E como é que você sobreviveu. Como uma mulher sobrevive a tal humilhação?, - perguntou.

- Talvez porque as obrigações cotidianas continuem. É preciso ir ao supermercado. É preciso pensar no que se vai comer no almoço e no jantar. Há mais pessoas sob nossos cuidados. A gente sai na rua e vê que os ônibus continuam passando, parando nos mesmos pontos. Os filhos continuam a ter fome na mesma hora e a sujar a mesma infinidade de roupas. Dizem que as obrigações da vida cotidiana já salvaram muita gente da loucura. - Ela tentou ser irônica entre as lágrimas.

Ele pegou um guardanapo de papel, enxugou-as. Ela emborcou o vinho, ele reencheu o copo.

- Conheci Roberto nem sei desde quando. Embora estivéssemos sempre por perto, jamais tivemos uma aproximação como namorados, hoje sei que nem como amigos. De alguma forma, criei

uma fantasia de que um dia estaríamos juntos e viveríamos um caso de amor muito especial. Não inventei a viagem do nada. Pouco antes ele começou a se aproximar. Falei daquela fantasia, ele disse que queria estar comigo, que também para ele aquele encontro era importante. Chegou a me beijar sem nojo! Despertou dentro de mim uma menina travessa que eu sequer suspeitava que ainda existisse! - O olhar de Paloma era desesperado, as lágrimas pulavam de seus olhos. - Só fui para o seu apartamento porque tinha certeza de que ele seria o homem maravilhoso com quem pudesse viver o caso de amor da minha vida. Um sonho para ressonar pelo resto da existência, para ficar gravado na alma como uma mensagem para o que viesse depois!

- As mulheres e suas fantasias! - Diego sorriu, balançou a cabeça, alisou-lhe as faces. Paloma perdia um pouco do ar de tragédia.

- Depois de tantos anos de vida, posso te dizer que as mulheres são sempre reflexos dos homens que estão à sua volta. Acho que já te falei que gosto do meu marido porque ele é um homem forte, o que me deixa mais forte. Sendo sua esposa reflito uma luz muito intensa. Roberto não só não tinha luz, como sugou o meu reflexo!

Diego pensou no que Victor lhe falara sobre as feiticeiras. A sensualidade reprimida apagava a luz de uma mulher. Fazia com que se limitasse a ser um reflexo.

- Sabe que várias vezes me perguntei por que ele fez aquilo comigo. Um homem não tem o direito de arrasar uma mulher daquela forma!

Diego reviu as cenas onde o finado punha as mulheres juntas.

- Acho que se vocês tiveram alguma coisa mal resolvida em outras existências, ele com certeza deve ter sido algum cafetão de zona de garimpo, destes que põe a mulherada toda junta para ser disputado a navalhadas.

Por um momento, Paloma ficou absorvendo aquela idéia. Depois sorriu com descontração.

- Essa idéia é magnífica! Meu lado romântico me fez pensar em cenas mais sofisticadas, tribunais de inquisição, mas essa é uma situação mais real! Cafetão de garimpo pondo a mulherada toda junta para ser disputado a navalhadas

Ela voltou a tomar um ar sério. Seus olhos se encheram de água.

- Vivi um bom tempo com aquelas imagens da rejeição e do nojo me atormentando dia e noite. Viver tudo aquilo me fez ver que há coisas que são sentidas no coração. Era ali a dor maior! Era preciso que eu renascesse, que redescobrisse que o mundo era meu também. Para isso, nada melhor do que escrever tudo o que ocorrera. Escrever põe ordem nas coisas. Como já te falei, as pessoas não são iguais, cada um tem algo de que necessita fundamentalmente. No meu caso é a literatura. Construo minhas histórias da mesma forma que construo minha personalidade.

- E você escreveu um romance sobre o assunto?

- Não!, - ela continuava a engolir as lágrimas com o vinho. - Essas coisas a gente escreve só para si. Cada dia um pouquinho até esgotar o assunto, até chegar à raiz e poder arrancá-la. Então a gente começa a renascer. A ter vontade de viver. O desafio é encontrar o lado bom de cada acontecimento, por mais negativo que seja.

- Nesse caso qual foi o lado bom?

Paloma pigarreou, parou de chorar e olhou-o nos olhos.

- Talvez tenha sido encontrar você.

Diego sentiu uma alegria, uma emoção tão forte que tomou sua cabeça e beijou-a. A princípio ela esteve assustada, tensa. Aos poucos foi relaxando e retribuiu o beijo. Ao se afastarem ficaram segurando-se as mãos por um longo tempo. Depois ela voltou a falar:

- As pessoas sempre trazem uma mensagem, é preciso estar aberto para vê-las. Li em algum lugar que a mulher, como a guerra, serve para se medir os homens. Antes de entrar numa batalha, um homem pode se supor valente e ser um covarde, ou também o contrário. De alguma forma, o que ocorreu foi uma guerra que serviu para que eu me conhecesse melhor. - Um suspiro angustiado perpassou-lhe a alma. - Jamais imaginei que a rejeição pudesse ser tão dolorida. Até hoje me pergunto por que não saí daquele apartamento na primeira noite em que ele abriu a porta para a sua amante do andar de baixo, ou mesmo quando chegou a Gisela e se instalou lá para procurar emprego. Ou nas tantas vezes que ele mencionou que seu coração batia pela Liliana. Eu poderia ter ido para um hotel. Não fiz isso porque, até o último segundo, tive a esperança de encontrar o homem sonhado, o amante cheio de charme.

- Na época em que fiz a gravação, achei incrível que você tivesse resistido a tudo.

Quando a reencontrei, achei incrível revê-la tão cheia de vida.

- Na literatura há fórmulas para que as histórias saiam boas. Para a vida real não há. A gente tem de viver e sobreviver. Depois daquela semana, um pedaço de mim ficou completamente morto. Através de um diário, fui construindo meu renascimento. Não há fórmulas mágicas. Há a reconstrução da realidade. É então que vamos descendo ao fundo de nós mesmos, vamos nos reencontrando aos pedaços e vamos religando nossas partes e finalmente conseguimos religar essa divindade maravilhosa que há dentro de nós com o deus cósmico. Isso é renascer! Acreditar que o mundo é nosso, e mais uma vez termos a chance de buscar a felicidade, de aceitar o que o mundo nos oferece de bom!

Diego serviu mais vinho, os dois beberam.

- Você deveria escrever uma novela sobre o suicídio de Roberto!

- O caso é instigante e intrigante. Estou muito envolvida para poder escrever sobre isso, principalmente porque passei muitos anos da minha vida alimentando uma fantasia idiota.

Diego trouxe-a para bem perto de si.

- No livro que você me deu, achei os amores um pouco. . . - não lhe ocorria a palavra.

- Mediocres!, - ela completou. - A opinião, o ponto de vista, as concepções dos personagens, não são necessariamente os mesmos do autor. Muitas vezes o autor pensa exatamente o oposto do seu personagem.

- E por que uma escritora busca algo tão diferente de si?

- Não posso falar por todos os escritores. Quanto a mim, por vezes, gosto de criar personagens e tirar férias de mim mesma! Enquanto escrevo me sinto como uma mulher capaz de atrair um homem maravilhoso e viver os casos de amor cheios de magia.

- Você é surpreendente.

- O que você acha de ter me conhecido seguindo-me para provar um adultério?

- A fidelidade é um conceito relativo, e a honra de uma mulher nada tem a ver com seu comportamento sexual. Você estava apaixonada, existia um sentimento muito forte.

Ele segurou-lhe as mãos, olhou-a com carinho.

- Já falei que você se parece com o finado. Não é por isso que gosto de você. Você se

parece com ele só fisicamente. Sua personalidade é totalmente diferente. Seu olhar castanho tem outras formas de expandir os raios dourados. Jamais imaginei que alguém de posse de cenas ridículas como protagonizei no vídeo, tivesse a fantasia de que o mundo lhe daria uma nova oportunidade de me encontrar!

- Sabia onde você morava e por diversas vezes passei pela sua porta na esperança de vê-la "por acaso"!

- Você é um homem charmoso. Sabe até conquistar meu marido propondo-se a ajudá-lo na coleção de selos. Sei que você não tem o menor interesse. Está fazendo isso por mim!

- Assim que ele determinar, vou visitar o filatelista e conseguir-lhe o selo!

Mais uma vez ele tomou-lhe a cabeça, e os dois se beijaram e sentiram que daquele beijo nascia um carinho morninho. Na segunda vez, ele se sentiu muito feliz quando ela buscou-lhe os lábios. Pouco a pouco uma intimidade fantástica foi nascendo entre eles. Ela contou-lhe lances de sua vida. Ele contou da dele. Até que perceberam que as luzes do dia davam lugar às sombras. A sala ficou numa penumbra dourada espalhada pelo sol do fim do dia. Era a hora dela voltar para a casa.

- Você não vai precisar inventar uma viagem. Basta me ligar o dia que quiser e estarei aqui esperando por você. - Ele falou-lhe na despedida.

Diego continuou os dias de trabalho, até que o telefone tocou de maneira diferente e ele soube imediatamente que era Paloma. Combinaram um encontro na casa dele.

Desde o telefonema até a chegada de Paloma, ele viveu um turbilhão de emoções. Arrumou a sala diversas vezes. Trocou os lençóis da cama. Comprou flores, organizou um cenário digno dos romances que ela escrevia. Quando a campainha tocou, ele estava sem fôlego. E mais sem fôlego ficou quando ela lhe entregou um quadro embrulhado. Ela mesma rasgou o papel, e ele estremeceu ao ver Salomé.

- Você tirou-a da sua sala?, - ele balbuciou.

- Mandei fazer uma reprodução. Assim nós dois vamos poder olhar a mesma figura! Você tem um martelo? - Ela perguntou mostrando-lhe um prego que tirava da bolsa.

Ele perdia a desenvoltura. Não lhe ocorria aonde estava o martelo, nem por onde devia começar a procurar.

- Quando estive aqui, vi suas paredes nuas. Então tive a idéia de trazer o quadro. Você gostou dele na minha sala, vai gostar aqui também!

- Com certeza!, - ele balbuciou enquanto se concentrava no martelo e acabou recordando tê-lo guardado numa das gavetas da cozinha.

Quando ele finalmente o encontrou, ela já havia decidido o local. Segurava o quadro sobre o sofá.

- Está bom aqui?

- Está ótimo! - Ele falou sabendo que estaria maravilhoso em qualquer lugar.

- Então segure o quadro!

Em poucos instantes ela puxou a mesinha lateral, subiu e pregou o prego.

Diego já não sabia se tudo aquilo estava realmente ocorrendo ou se ele estava sonhando.

Tão logo o quadro fixou-se na parede, seus olhos se prenderam na figura de Salomé. De olhos fechados, a mulher tinha a cabeça voltada para o céu. Seu perfil destacava-se e os cabelos fartos e ondulados se derramavam por suas costas. Num lance metafísico, seu corpo se repartia à altura da cintura e as duas partes se defrontavam. Todo o dorso era de uma perfeição diabólica. Estava vitoriosa diante da cabeça degolada de João Batista. Como se saísse daquela figura, mais uma vez ali estava Paloma.

- Você parece assustado!, - ela sorriu.

- Idéias geniais me deixam perplexo!

Depois de uns momentos com os olhos presos em Salomé, ele foi voltando ao normal. Ajudou Paloma a repor a mesa lateral no lugar, reacomodou o sofá e ofereceu-lhe vinho do Porto. Ela aceitou e ele pegou dois cálices e serviu.

- Você está mudando a minha vida! Até minha sala ganhou nova personalidade com Salomé! - Diego recobrava a desenvoltura.

- Queria te dizer que quando você me falou do vídeo, fiquei estarecida. Mas, em casa, com tempo para pensar, gostei da idéia de ter alguém com quem partilhar aquela experiência medonha. Me ajudou de verdade! - Agora era Paloma quem tinha certa dificuldade para falar.

Embora o desejo de Diego fosse abraçá-la, ele limitou-se a voltar-lhe os olhos cheios de carinho.

- Vamos ver se consigo explicar, - ela tomou fôlego. - Pense nos colonizadores das Américas. Os protestantes no norte e os católicos do meio para o sul trouxeram e impuseram a cruz, destruindo tudo o que havia. Tinham a convicção de que qualquer pessoa que não professasse o cristianismo era criatura do diabo e merecia morrer. Não foram capazes de compreender as civilizações maravilhosas que estavam arrasando. Bastava prestar atenção e descobririam estar lidando com um semelhante. Se eram superiores, tinham obrigação de entender o outro! Assim o finado agiu comigo. Eu poderia ser arrasada, como se o mundo fosse só o seu umbigo. O sentimento alheio, no caso o meu, não contava! Agora pense num arqueólogo. Com uma paciência de Jó, ele reproduz a história de civilizações antigas através dos cacos que vai desenterrando, limpando com extremo cuidado e reagrupando até entendê-los.

- Para um arqueólogo é fácil recolher os cacos porque a civilização já não existe. A

única coisa que ainda resta para ser dominada é o conhecimento. - Diego não perdia a veia céptica.

- Saber que você partilhou minha experiência, entendeu e não entregou o vídeo para minha mãe, ajudou tremendamente a juntar meus cacos. Quando nos voltamos para as pessoas ao nosso lado e queremos entendê-las, não basta razão e conhecimento, é preciso saber lidar com a sensibilidade. É preciso ter em mente que as pessoas nos trazem uma mensagem, e que compreender essa mensagem é uma das coisas mais importantes da vida. Você teve essa compreensão.

Ela baixou os olhos para a mão que repousava no joelho, depois ergueu-os e sorriu quase timidamente. Aquele assunto ainda lhe era difícil.

- A mesma coisa está ocorrendo com a consciência do espiritual. - Os olhos de Paloma voltavam a absorver a luz do ar. - Está se expandindo com a perspicácia do antropólogo ou do arqueólogo. Não pela publicidade massificante, ou pela imposição do conquistador, mas boca a boca, por um tipo de contágio psicológico entre as pessoas.

- E eu estou me deixando levar por esse contágio psicológico. - Diego fitou-a. Não podia negar que ela mudara sua vida. Não no sentido de mudar suas atividades, mas na maneira de ver a vida, até na maneira de querer uma mulher. O que sentia por ela não era a vontade física de uma trepada, mas o desejo de tê-la de corpo e alma. Atingir alguma coisa no seu âmago. Como se aquele pensamento se transmitisse a ela, os dois olharam-se cheios de carinho. Suas mãos se entrelaçaram.

Diego olhou Salomé, olhou Paloma e pensou nos romances que ela escrevia, nas cenas de paixão e entrega que chegavam ao ridículo. Estava num momento em que qualquer um dos seus personagens, se entregaria a uma cena de paixão avassaladora. Percebeu que não havia literatura ou palavras para aquele momento, chegara o momento da ação. Estava meio atrapalhado e levou-a para o quarto.

Ele começou a tarefa de desabotoar e foi-se enchendo de uma sensação de endoidar os sentidos. Os dedos de Paloma auxiliavam os seus, corrigiam seus delízes, dilatavam os caseados. Seu vestido foi escorregando e, como o quarto estivesse na penumbra, Diego foi adivinhando a beleza que não via. Ele não era personagem e tampouco ela o era, mas aquela realidade requeria uma dose extra de capricho.

Paloma olhou-o e sentiu um certo pudor por pensar nas cenas de paixão que descrevia.

Ocorreu-lhe que não estava lidando com personagens, seres de papel, que só faziam o que o autor mandava, e as frases e palavras usadas já haviam sido exaustivamente usadas por outros autores no sentido de produzir sensações. Percebeu que quando o próprio escritor estava no meio da ação, sem um espelho para constatar como ela seria por fora, o melhor era fechar os olhos e deixar que a vida acontecesse. Seu desejo, maior do que a experiência, atrapalhava um pouco. A ação foi se desenrolando até o momento em que as labaredas do prazer tocaram fundo, e foram maiores do que a angústia.

Foi depois de algum tempo num silêncio em que sentiam a respiração um do outro e suas pulsações se confundiam que ela sentou-se na cama.

- Envolta no lençol, com os cabelos desalinhados, você está idêntica à Salomé do quadro!, - os olhos de Diego transbordavam carinho.

Ela abaixou-se, beijou-lhe os lábios, mas não deixou que as carícias recomeçassem.

- Você fez uma investigação onde tudo era tão previsível. Até o nome do namorado da Liliana era Ricardão. - Os olhos de Paloma percorreram as paredes vazias com um estranho sorriso.

Diego sentiu a alma numa estranha reviravolta. Tentou adivinhar, mas seu pensamento tinha um bloqueio. Limitou-se a colocar sua atenção na fala de Paloma.

- Desde a desastrada experiência de tentar viver o sonho de amor com o finado, não passei um dia sem que a imagem da rejeição me atormentasse. Havia dias em que tinha a sensação de que iria enlouquecer. Era uma chaga aberta que me afundava nas cavernas mais profundas de minha alma. Não havia o que fazer para desentranhar a sensação do nojo e do desprezo de dentro de mim! Quando um homem trata uma mulher como Roberto me tratou, é preciso mudar alguma coisa para que a vida possa ser retomada. Ele já não era a possibilidade de um amante, sequer era um homem real! Transformara-se no símbolo de uma detestada área da minha própria alma.

Diego sentiu um desejo extremo de abraçá-la, beijá-la. Por um momento, viu na sua figura, uma sobrevivente da caça às bruxas. Uma mulher que possuía a sabedoria que vem da experiência do prazer e da sensualidade. Mesmo assim, ela apostara tudo na carta errada. Talvez sequer na carta errada. Apostou numa carta que ninguém nunca viu no baralho. Jogou-se de cabeça num sonho que a despedaçara! Por tudo o que gravara no vídeo, aquele homem era realmente uma carta que ninguém nunca viu no baralho!

- Com certeza, um amor de verdade o assustou, - Diego comentou.

- Insisti num novo encontro, e ele chegou a me propor que se um dia a Liliana não lhe causasse mais tesão, então eu me prestaria a uma trepada.

Como se as labaredas do fogo subissem pelo seu sangue, o rosto de Paloma tomou cor.

- Uma coisa que estava a beira de se tornar destino, ele punha como uma simples trepada quando estivesse sem tesão pelas outras!

Diego sentiu-se diante de uma feiticeira envolta em labaredas de sensualidade. Em sua cabeça veio mais uma vez a idéia de que aquele homem era uma carta que não existia no baralho.

- Mesmo pondo nas minhas histórias lacrimosas e ridículas toda a paixão que gostaria de ter vivido, não consegui refazer a realidade de forma a aceitá-la. - Seu rosto tornou-se um tanto fechado e tenso. Sua voz estava magoada. - Foi ao vê-lo ao lado da Liliana que comecei a recolocar os pés no chão. Para ela era fácil tomar um Plasil e dormir com o velho que lhe pagava as contas. Enquanto ele estava ausente, Ricardão deitava e rolava!

- Mais do que previsível! - Diego sorriu.

- Ao vê-lo ao lado dela, percebi que era muito parecido comigo, o mesmo idiota, talvez mais do que eu! Ele correndo atrás de uma mulher mais jovem, tentando através dela resgatar a juventude. Eu tentando viver uma fantasia absurda, com um homem que sonhei e que jamais existiu na realidade.

Ela engoliu o nó que se fazia em sua garganta e seguiu:

- Mesmo sem ter visto o vídeo, poderia lhe dizer a cada minuto o que aconteceu, não só o que você gravou no quarto, mas também o que ocorreu nos outros cômodos. Uma das coisas que não me sai da memória é a imagem dele subindo na mesinha da sala e atarraxando as lâmpadas. Antes só uma lâmpada se acendia e havia penumbra para romantizar os encontros. Comigo foi a claridade total para que eu visse, sem sombra de dúvidas, o quanto ele me desprezava, o quanto ele sentia repulsa pelo meu corpo.

O rosto de Paloma estava afogueado, seus olhos iam absorvendo a luz do ar e se tornando dois carvões em brasa.

- A construção da vida é dominada pelos fatos e não pelas convicções ou sonhos.

Diego deixava-a falar. Queria que esgotasse tudo o que lhe ia pela alma.

- O aprendizado sobre a própria alma leva tempo. Aquele encontro foi horrível. No entanto, chega um ponto em que se atinge um distanciamento existencial e se pode falar no assunto sem sentir a mágoa. Só então, ao invés da tentativa de dar sentido à agonia vivida no momento anterior, conseguimos colocar novamente a vida nas mãos da pulsação do destino. Vivendo, sem medo, a surpresa absoluta do instante seguinte.

Paloma pigarreou, tomou fôlego:

- Liberdade não é só a possibilidade de fazer, mas de aceitar o que se fez.

Diego estava apoiado nos travesseiros e observava Paloma envolta no lençol branco. Seus olhos tinham alguma coisa de pantera esfomeada.

- Foi ao pressentir que iria enlouquecer, que rezei muito e pedi aos espíritos e anjos que me iluminassem, me indicassem uma direção, pois eu já não agüentava os soluços do coração. Aos poucos, o horizonte foi se aclarando.

Seu rosto ficou sério, sua expressão pesarosa. Diego pensou que ela iria lhe dizer que havia trepado com ele e se arrependido amargamente.

- Iria chegar o dia em que Liliana o descartaria de vez. Ele sabia disso, e as esperanças que me dava eram para enaltecer o próprio ego. Eu era a idiota de prontidão. Dizem que para curar dor de amor só outro amor. Não foi um novo amor, mas um homem cheio de tesão que me curou. Já havia recebido algumas cantadas e não foi difícil receber uma de um homem interessante. Fui para um motel a sangue frio. Não era amor ou paixão, simplesmente tesão. - Ela sorriu, seus olhos tomaram um ar maroto. - Foi bom, foi delicioso sentir o desejo de um homem. Vivi e escrevi a cena com todos os requintes das cenas românticas.

Diego sentiu uma pontada funda de ciúmes e fitou-a. Teria ela realmente vivido ou simplesmente escrevera em suas histórias mirabolantes uma tarde de motel! Diego achou melhor acreditar que aquela tarde era parte de suas novelas lacrimosas, de sua autobiografia inventada.

- Depois se sentir prazer no sexo, nas imagens do sonho, vi mais claramente do que nunca a feiticeira. Não aquelas velhas que vemos em desenhos animados cozinhando ratos, sapos e morcegos! Vi a mulher condenada pela Inquisição. Aquele cheia de sensualidade que o inquisidor

acreditava ter sido possuída pelo demônio! Ao mesmo tempo em que se preparava para a fogueira, ela preparava um veneno poderosíssimo e misturava-o à bebida do inquisidor. Vendo-o estrebuchar na morte, ela sentia o maior e melhor orgasmo de sua vida!

Diego ouvia-a sem que os pensamentos conseguissem aflorar.

- A vida foi seguindo sem que eu pensasse ou planejasse. Sem saber bem porquê, comprei cianureto. Ele esteve guardado, enquanto eu continuava a sonhar todas as noites com os atos da feiticeira. Naquele sábado, havia falado com Roberto pela manhã, e fui eu quem o convidou para jantar. Enquanto sugeria onde iríamos, me vi colocando no seu vinho uma poção que o fizesse enlouquecer de amor por mim. Durante o telefonema, tive a certeza de que naquela noite finalmente iria me livrar da chaga aberta que foi o desprezo e a humilhação. Mais uma vez sonhei com a possibilidade do amor. No entanto, antes de desligar ele falou que iria almoçar com Gisela. O nome de outra mulher agiu sobre mim como um raio.

Paloma enrijeceu o corpo, levantou os braços, deixando o lençol escorregar um pouco. Seus alvos seios apareceram afogando a alma de Diego.

- Tenho a uma cópia da chave da casa de Cacilda que nem sabia onde estava. Há muito tempo ela viajou, Joana ficou doente e eu ia lá todos os dias levar-lhe comida e cuidar dela. Naquela tarde, num momento determinado por alguma força, encontrei-a sem procurar. Peguei o cianureto e fui para a casa de Cacilda.

A palavra cianureto pôs Diego alerta. O verme reapareceu em seu estômago provocando-lhe um considerável aumento da pulsação.

- Quando entrei, não fazia questão de fazer ou não barulho. Não me preocupei. Joana estava no seu quarto e percebeu. Ela veio ver o que havia e Roberto estava entrando com Gisela. Eu já estava no seu quarto. Sem saber muito bem o que iria fazer, usei uma artimanha de amante, me escondi no armário. Assisti toda a trepada. Cada carícia, cada estremelecimento, todo o prazer com o qual havia sonhado. Percebi até quando Joana esteve observando pela fresta da porta. Depois que Gisela foi embora, depois que Joana a acompanhou e trancou bem trancadas todas as portas, depois que Roberto levou o bilhete até a porta, depois que Joana fez uma inspeção geral por toda a casa e foi para o seu quarto, saí do armário. Roberto levou um tremendo susto ao me ver. Expliquei que tinha ido lá falar

com ele, e que ao ver a trepada, não tive o que fazer além de me esconder.

Embora o verme do estômago continuasse a fazer seus estragos, a graça com que Paloma falava deixava Diego enternecido.

- A garrafa de Mozart estava no armário. Só soube disso quando estava lá dentro. Como foi parar lá, não faço a menor idéia. No quarto, na frente daquele homem que ia se tornando uma parte odiada da minha alma, desabafei. Recordei cada cena do nosso encontro. Não esqueci um único detalhe! Disse que depois daquela experiência, minha vontade era morrer, tanto que havia comprado um veneno para me suicidar. Sempre cheio de distância, ele passou o braço pelas minhas costas. Com uma voz de tédio e fastio afirmou que eu não devia pensar em fazer uma besteira daquelas.

Ela parou para se recordar de mais detalhes, então tomou fôlego e continuou:

- Disse-lhe que se resolvesse me suicidar iria deixar escrito tudo o que me arrasava a alma. Foi então que, sem planejamento algum, me ocorreu perguntar-lhe o que ele escreveria se resolvesse se suicidar. Ele ficou pensativo, com os olhos amortecidos pela bebida e pela recente trepada. Com a mesma força com que saí de casa, providenciei-lhe uma página da agenda e, como se estivesse brincando, pedi que escrevesse. Ele sentou-se e escreveu o bilhete. Não foi difícil convencê-lo a tomar um cálice de Mozart. Eu mesma fui até a sala buscar dois cálices. Como sempre, ele me olhava com desprezo, de forma que não prestava muita atenção nos meus atos. Não tive dificuldade em colocar o veneno no cálice com Mozart. Ele estava na cadeira da escrivaninha, eu o servi e brindamos. Ele ainda me olhou mais uma vez com o olhar de quem está vendo uma lesma na alface. É a última lembrança que guardo dele. - Paloma voltou os olhos para a parede branca, ficou pensativa antes de continuar: - Como se dependesse daquilo para se desfazer da minha presença, ele emborcou o licor de uma golada. Depois foi surpresa, pasmo e sufocação. Ele tentou se levantar com as mãos agarradas ao pescoço, mas caiu de volta, segurou-se nos braços da cadeira como se estivesse numa montanha russa, regurgitou e perdeu os sentidos ou morreu. Observei tudo com uma calma espantosa. Fui à cozinha e lavei meu cálice, recolocando-o no armário da sala. Coloquei o vidro de veneno numa gaveta, o bilhete no bolso do paletó, vi que ele estava arroxeadado e imóvel, e saí.

- Então Cacilda tinha razão!

Diego sentia um turbilhão de emoções. Paloma carregava aquele assassinato nas mãos

como Salomé carregara a cabeça de João Batista!

- A sensação que senti ao vê-lo beber veneno e me olhar sem forças para mais nada, com a mão na garganta e os olhos esbugalhados, foi uma das melhores sensações da minha vida. Então saí da casa de Cacilda e retornei à minha casa como se estivesse invisível. Deslizei como uma cobra e Joana sequer suspeitou da minha presença. Não encontrei vizinhos ou amigos. Em casa, ninguém me viu sair ou chegar. Simplesmente voltei a me sentar em frente ao computador. Claro que não continuei a escrever o romance que estava escrevendo. Fiquei pensando em tudo o que ocorrera. Me vi como a Salomé do quadro, segurando a cabeça degolada do desgraçado que havia me desprezado!

Diego olhou-a e em sua cabeça voltou aquele branco, emoções em suspenso.

- Só posso te dizer que foi um verdadeiro bálsamo para a chaga aberta que era minha alma. Só então voltei a sorrir, voltei a brincar e sentir prazer nas coisas que faço. Renasci!

Diego via em seus olhos uma luz nova, sem as brasas ardentes. Uma luz de vida.

- Da mesma forma que você não conseguia continuar vivendo sem me falar da gravação do vídeo, também eu precisava te contar que sou uma assassina. Cacilda tinha razão, seu filho foi assassinado e a assassina sou eu! - Ela fazia a confissão com os olhos fixos nos dele. - Espero que entenda e me perdoe.

Diego não só a perdoava como, por incrível que pudesse parecer, naquele momento, se sentia mais atraído por ela. Ele, que estivera apoiado nos travesseiros, levantou-se, tomou-a nos braços, despojou-a completamente do lençol e beijou todo o seu corpo.

Pelas frestas da veneziana, entravam as últimas luzes do dia e dourava seus corpos, dourava o ar. Sem que houvesse a romancista a determinar seus atos, Diego pegou-a mais uma vez. Desta vez tudo foi mais fácil, menos aflitivo e mais demorado. Tudo o que havia sido refreado por um presente de mulher casada e moderação podia resplandecer nas carícias que desvendavam corpo e alma.

Quando Paloma se despediu, uma imensa lua cheia assombrava a cidade.